

Notícia do "DL" levou deputados a pronunciarem-se

O regresso de Agostinho Barbieri

O «Diário de Lisboa» levou a notícia a um povo que se habituou a ser colocado perante os «regressos» como factos consumados. Só Marcello Caetano teve a dignidade, ou o orgulho, de não regressar. Os outros, desde o confrangedor Américo de Deus aos da «União Nacional» e da PIDE, aos do ELP e aos do MDLP, civis e militares, encontraram franqueadas as fronteiras e cega a Justiça.

Nesta procissão de escândalos, o do regresso de Agostinho Barbieri tem um significado especial. Vem dar uma nota picante e viva ao escândalo morto do julgamento dos assassinos do general Humberto Delgado.

De seu nome completo, Agostinho Barbieri de Figueiredo Baptista Cardoso foi um dos responsáveis máximos da PIDE e homem de confiança do

Continua na pág. 20

Unanimidade no Parlamento contra libertação de PIDE

O juiz-auditor do 2.º Tribunal Territorial de Lisboa (2.º TMT), Rui Gonçalves Pereira, situou a concessão de liberdade provisória ao antigo subdirector da PIDE/DGS, Agostinho Barbieri Cardoso, que, conforme ontem noticiámos em primeira «mão», já se encontra em Portugal, na base de um mais do que polémico humanitarismo. Disse Rui Gonçalves Pereira que Barbieri (um dos três réus condenados no processo do «Caso Delgado») se encontra «muito mal de saúde». Por outro lado, justificou a sua decisão pelo facto de Barbieri «ter sido condenado apenas pelo crime de «falsificação», o qual admite caução e liberdade provisória para, neste caso, aguardar a decisão do Supremo sobre o recurso», entretanto, interposto.

Contactado esta manhã pelo «DL» para comentar as afirmações do juiz-auditor do 2.º TMT, o dr. Abranches Ferrão, advogado da acusação

particular juntamente com José Luís Nunes e Luís Saias, referiu que só depois de analisar o despacho que concedeu a liberdade a Barbieri Cardoso estará em condições de se pronunciar. Abranches Ferrão adiantou, no entanto, que, em sua opinião o crime principal de que Barbieri Cardoso se encontra acusado é o de morte. «E esse, frisou, não admite nem caução nem liberdade provisória».

Entretanto, a notícia da libertação daquele que é considerado o cérebro da «Operação Outubro» (que conduziu à morte do general Delgado e da sua secretária Arájaris Campos) foi ontem à tarde considerada pelo deputado do PS Manuel Alegre na Assembleia da República, como uma grave ofensa à dignidade dos portugueses. «Uma coisa é a intolerância — afirmou Manuel Alegre — outra é a impunidade.»

A posição de Manuel Alegre

Polícia Internacional e de Defesa do Estado CADASTRO DO PESSOAL

N.º de Ordem 4 N.º de matrícula

Nome AGOSTINHO BARBIERI DE FIGUEIREDO BAPTISTA CARDOSO

Categoria actual 3 (Subdirector) Categoria em que foi admitido 1 (Agente)

Bilhete de Identidade n.º do Arquivo da Identificação de

Filho de AGOSTINHO BAPTISTA CARDOSO e de MARIA BARBIERI

Profissão Civil

Natural de LISBOA

Concelho de LISBOA

Distrito de LISBOA

Nascido em 7 de JULHO de 1907

Estado Civil

com MARIA BARBIERI DE CASTRO BARBIERI em 25/1/1937

Unidade militar em que serviu

Posto Militar

Contratado (ou nomeado) em 6 de MAIO de 1938 (Decreto D. 111-115 de 1/5/1938)

Filhos

A ficha de Barbieri existente na PIDE

foi corroborada por todos os partidos com assento no hemisfério, tendo o deputado da AD Borges de Carvalho afirmado

que, salvaguardando o respeito que tem pelas decisões judiciais, não podia deixar de protestar face à situação de um

indivíduo que, apesar do crime de que está acusado «se passeia pelas ruas de Lisboa como se fosse um cidadão comum».

Há ministros que já ameaçaram com a demissão



Vítor Crespo



Meneses Pimentel



Queirós Martins



Lucas Pires

OGE: Governo em dificuldades

Segundo tudo indica o Governo está neste momento a fazer face a graves dificuldades para ultrapassar a obstrução que alguns dos seus membros estão a fazer aos projectos de João Salgueiro relativos ao Orçamento Geral do Estado para 1982. Estão fundamentalmente em causa os importantes cortes que o ministro das Finanças e do Plano pretende fazer às dotações de diversos Ministérios. No que diz respeito aos titulares das pastas da Justiça e Reforma Administrativa do Trabalho, da Educação e da Cultura (Meneses Pimentel, Queirós Martins, Vítor Crespo e Lucas Pires), fala-se mesmo na eventualidade de apresentarem a sua demissão, caso João Salgueiro não recue na sua intenção de limitar os aumentos da Função Pública a ajustamentos ligados à introdução do Imposto Profissional, e de reduzir as dotações orçamentais dos respectivos sectores.

De facto, segundo diversas fontes, o OGE não destinaria quais-

quer verbas aos aumentos dos vencimentos da Função Pública, limitando-se a prever os ajustamentos que compensariam o aumento da carga tributária dos servidores do Estado. Os problemas surgidos com a aprovação do OGE no Conselho de Ministros não se limitariam contudo à atitude dos ministros acima referidos mas manifestar-se-iam igualmente noutras áreas governamentais às quais o documento de João Salgueiro impõe igualmente importantes restrições financeiras. Recorde-se que, como já é sabido, o Ministério dos Assuntos Sociais, por exemplo, receberá menos 11 milhões de contos do que no ano passado. Por outro lado, alguns ministros estão igualmente descontentes pelo facto de o OGE diferenciar o tratamento dado aos militares e aos funcionários públicos. Com efeito, os aumentos desses dois sectores têm obedecido a critérios semelhantes.

Continua na pág. 20

Espanha: dia crucial para Governo e UCD

Horas cruciais para a Espanha: hoje o partido governamental, UCD, reúne o seu Comité Executivo. Deste encontro poderão resultar diversas modificações do actual panorama político espanhol, a mais relevante das quais será o afastamento de Adolfo Suárez que abandonará a vida política activa. Seja qual for a saída da crise da UCD, uma coisa é desde já apontada como certa: nova guinada à direita no partido e no Governo. No outro extremo do leque, uma crise — a mais séria desde a legalização — abala o PCE, que expulsou seis elementos do seu Comité Central, considerados fraccionistas. Um dos expulsos é o velho comunista Manuel Azcarate, considerado um dos cérebros da corrente eurocomunista. Como não podia deixar de ser tratando-se de Espanha, este ambiente de crise partidária é acompanhado dum pano de fundo musical muito sinistro: o «ruído de botas» — os quartéis continuam a agitar-se, enquanto o julgamento dos golpistas do 23 de Fevereiro e a manifestação fascista marcada para recordar o aniversário da morte de Franco fazem pairar sérias ameaças de regresso ao passado



Calvo Sotelo

no país vizinho. Para complicar ainda mais o panorama político, partidário e militar, há ainda a manifestação «pela paz, pelo desarmamento, pela liberdade», marcada para domingo próximo em Madrid por iniciativa do PSOE, PCE, ecologistas e mais de cem organizações populares de base.

Págs. centrais

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE OEIRAS

CONCURSO PARA TÉCNICO SUPERIOR DE 2.ª CLASSE PARA OS SERVIÇOS CULTURAIS (LICENCIATURA EM HISTÓRIA)

Está aberto concurso pelo prazo de 15 dias a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República» para o provimento do(s) lugar(es) acima indicado(s).

O aviso foi enviado para publicação no «Diário da República» em 26 de Outubro de 1981.

As informações são prestadas na Secção de Pessoal.

Oeiras, 27 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
João António Silva Ramos

SINDICATO DOS CONSTRUTORES CIVIS «ASSEMBLEIA ELEITORAL» CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do determinado pelos artigos 28.º, 48.º, 80.º e seguintes do Estatuto, convoco a Assembleia Geral para reunir em Assembleia Eleitoral, no DIA 16 de DEZEMBRO de 1981, tendo como

ORDEM DE TRABALHOS

— Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1981/1984

NOTA: Conforme o art.º 92.º do Estatuto, os trabalhos da Assembleia terão início às dezanove horas e encerrar-se-ão às vinte e quatro horas.

As Secções de voto funcionarão nos seguintes locais:

LISBOA — Calçada do Combro, 127, 2.º Dt.º

PORTO — Rua do Moreira, 302, 4.º Dt.º

FUNCHAL — Rua dos Ferreiros, 25, 2.º

Lisboa, 10 de Novembro de 1981

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
DOMINGOS HENRIQUE SEICE DIAS

MUNICÍPIO DE SETÚBAL CÂMARA MUNICIPAL CONCURSO LIMITADO N.º 16/81 ANÚNCIO

CONCURSO PARA ACEITAÇÃO DE PROPOSTAS PARA A COMPRA DE VIATURAS E DE SUCATA DAS MESMAS; PERTENCENTES À CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

Local, dia e hora limite para entrega das propostas de compra de viaturas — dirigidas ao Presidente da Câmara Municipal de Setúbal — Serviço de Aproveitamentos e segundo as indicações do programa de concurso, até às 16.00 horas do dia 25 de Novembro.

As propostas deverão indicar o valor oferecido por cada viatura, identificada pela matrícula e marca.

Local, dia e hora do acto de arrematação: dia 26 de Novembro, às 10.00 horas, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho.

Local e horário para exame do processo — todos os dias úteis nas horas normais de expediente no Serviço de Aproveitamentos desta Câmara Municipal, sito na Rua Alfereis Pinto Vidigal (junto à Rodoviária Nacional).

As viaturas poderão ser observadas todos os dias úteis, no depósito municipal, junto ao aterro sanitário.

A Câmara Municipal de Setúbal, reserva-se o direito de não vender parte ou a totalidade das viaturas, caso o valor das respectivas ofertas não seja considerada aceitável.

Os adjudicatários têm 24 horas para liquidar na Tesouraria da Câmara Municipal de Setúbal, o valor das arrematações, assim como proceder ao levantamento das viaturas 48 horas após o pagamento, sendo da sua conta os encargos e despesas inerentes à transferência de propriedade, impostos e seguros das viaturas.

Setúbal, 3 de Novembro de 1981
O PRESIDENTE DA CÂMARA
Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Subscribo a verdade

Rito Canedo

Políticos e jornalistas ligados à AD criaram, com certa sensação, essa nova construção literária de sabor novelesco a que todos chamamos hoje, não sem uma dose de precaução, o «facto político». E o cariz sensacionalista e o poder de intervenção na vida pública dessa «figura» são de tal sorte, que a vida política nacional já não decorre, como seria de presumir, da resolução continuada de um programa de ampla perspectiva, mas de soluções ou hesitações sincopadas ao sabor de conjunturas de âmbito cada vez mais limitado, recriando-se os responsáveis — para júbilo de alguns jongleurs da política — com jogos malabares de duvidosa inspiração, onde as dificuldades estruturais, na acção e na competência, se mascaram por de trás de artifícios engenhosamente erguidos como cenários hostis à acção do governo.

Esses artifícios ou esses factos políticos entraram sinuosa e nos hábitos da política do quotidiano, implantou-se pesadamente ao nível de muitas mentalidades, e são hoje, sem sombra de dúvida, a rede de atalhos por onde o governo se move com tremendas dificuldades, aos avanços e às arrecuas, mais preocupado em descobrir alibis para a sua inoperância do que motivos e estímulos para uma acção profícua na resolução dos problemas dos portugueses. Criando em ritmo diabólico «factos políticos» que mobilizam o empenho da classe política de uma forma que se diria irresponsável e povoam os órgãos de informação de inúmeros e contraditórios comunicados e depoimentos, está-se a atingir o objectivo primordial desta estranha e inovadora forma de se fazer política — confundir a opinião pública e desviar a atenção do eleitorado do «facto político» por excelência, estável, permanente e duradouro que é a crise social e económica em que a AD fez mergulhar o país.

A grande verdade que se esconde do povo português é que estamos a caminhar com passo seguro para a beira do abismo, aonde seremos lançados sem apelo nem agravo, ou do qual nos livrarão à custa do preço supremo da nossa independência, isto é, da nossa inviabilidade como país independente.

Os alarmes e os alertas são constantes. Os coqueiros das esperanças de Abril encantam-se paulatinamente, com uma certa lascívia política, nos corredores e nos gabinetes do nosso descontentamento. Da direita à es-

querda são diárias as acusações, as decepções, a quase certeza de que nos vamos afundando num poço sem fundo. Se a economia era desastrosa em 1976, que dizer hoje dela, que pensar dos governantes, da sua capacidade política, da sua competência técnica, da sua probidade moral? Abrem-se os jornais de extrema a extrema e o que se lê é desolador, dramático e um profundo libelo acusatório. Eu sei que um jornal não constitui elemento probatório em tribunal judicial mas é indiscutivelmente factor de peso no tribunal da opinião pública.

Embora os índices de credibilidade da nossa economia à escala internacional sejam hoje mais elevados do que há cinco anos atrás — não obstante a subjectividade de tal apreço e da sua enorme carga política — temos que estar atentos aos valores progressivamente degradados da nossa balança de pagamentos, expressos eloquentemente nessa galopante bola de neve que é a parcela da nossa dívida externa.

O endividamento crescente e imparável do erário nacional aponta acusatoriamente à incompetência deste governo. Homens de palavra fácil, comprometidos com o espectáculo desolador da sua ineficácia, privilegiam na sua imagem pública, a política baixa, a intriga soez, a arrogância balofa, a guerrilha urdida em consciências inquietas, o malabarismo desajeitado do diz-se e desdiz-se, a política de circunstância, o soliloquio ridículo da averiguação, do inquérito e da ameaça.

Fala-se de oportunismo e de compadrio, murmura-se a cada passo a palavra «corrupção». Ele é nos tribunais, mãos passadas à sorrelha por algebeiras de escrivães e secretários; ele é nas instituições de crédito, no domínio da habitação, nos gabinetes da Reforma Agrária. Fala-se e diz-se. Abrem-se inquéritos, abafam-se conclusões.

No plano da democracia agri-de-se o PR com a mesma desenvoltura com que se carrega sobre adversário a abater. Publicamente, descaradamente. O Presidente, definitivamente, não merece a confiança deste governo!

Acusam-se os militares de desabridos palradouros, de intromissões reprováveis em área de competências parlamentares, usando como factor de influência decisiva o peso das suas armas. Assim, quando o general Melo Egideio fala, não se ouve neste país a voz de um homem vulgar de Lineu, por entre dois novos

de fumo azulado, mas o troar de um canhão de artilharia. Quando Vasco Lourenço escreve, não é a palavra dum capitão de Abril que se lê, não é palavra de um transparente espírito de democrata que se ouve, mas o matraquear duma espingarda de repetição.

Daqui para a frente, quando um militar falar ou escrever, assistir-se-á à fuga desenfreada dos políticos para os abrigos de S. Bento, ao «black out» das luzes, ao grito estridente das sirenes. S. Bento entrará de prevenção total. E a isenção do Parlamento — dos deputados da AD — estará assegurada.

Este governo de malfadada sorte, que se vai comendo a si próprio como o lacrau, responsável por uma das mais penosas crises económicas do nosso tempo, diverte-se lendo jornais, perseguindo opiniões, e sobretudo, montando o cenário por onde possa escapar ileso (e irresponsabilizado) desta tremenda trapalhada em que um eleitorado iludido o meteu por quatro anos.

«Estranha democracia esta!» admira-se o major Vasco Lourenço no artigo do «Diário de Notícias». E eu, com um vernáculo que é muito meu, acrescento: que raio de democracia é esta, a cheirar a cueiros de setes anos, que esquece neuroticamente que aos próprios militares se deve ela própria, que a liberdade, conhecida de tantos só a partir do 25 de Abril, foi rebento nascido nas mãos de dois Vascos, de um Otelo, de um Maia, de um Garcia dos Santos e de tantos outros militares?! A liberdade e a democracia como, em antítese, a ditadura militar, estiveram nas suas mãos por mais de uma ocasião. Os militares, no entanto, jamais hesitaram no cumprimento da sua missão histórica: restituíram o poder ao povo e tudo farão para que jamais lh'o seja retirado. Que os democratas de meia-tijela meditem bem nisto. O grande «facto político» deste ano, que se arrasta quase no seu termo, é esta democracia que temos. Não os encontros do PR com as gentes desta terra, não o suposto projecto do general Melo Egideio, não o artigo de alerta do major Vasco Lourenço no «DN» da semana que passou. Mas porque se insiste em fazer destes factos secundários o cavalo de Tróia do regime democrático, gostaria de lembrar a quem vive da sua especulação duas ou três coisas

simples que parecem andar esquecidas:

— Que o general Ramalho Eanes é o Presidente de Portugal e que para andar neste país não precisa de passaporte visado pelas chancelarias deste governo.

— Que a sorte do primeiro-ministro depende da vontade do PR e não a inversa.

— Que o general Ramalho Eanes gera o respeito e a confiança dos portugueses, entre outras coisas porque é um presidente despartidarizado. A sua polarização em torno de uma nova força política retirar-lhe-ia a força principal da sua credibilidade nacional. Ele não é parvo e não cairia nessa infantilidade.

— Que o general Melo Egideio não é um canhão vulgar, nem mesmo um carro de assalto M-47. É um homem como todos nós, um cidadão incidentalmente militar. Fala português escorreito e tem uma cabeça para pensar. Logo, bota a sua opinião com a mesmíssima liberdade e não menos direito, que um ministro da Defesa engravatado ou um despropositado eng.º Ângelo Correia.

— Que o general Melo Egideio, segundo fontes seguríssimas, não pretende enquadrar o governo na nova organização militar, nem tão-pouco chamar a si o encargo de propor ao PR os nomes dos ministros a designar.

— Que o major Vasco Lourenço é cidadão português, responsável como poucos pela revolução de Abril.

— Que a ele se deve esta coisa fantástica e sem preço que é isto de eu estar aqui, num jornal de venda aberta ao público, a fazer críticas ao governo.

— Que o major Vasco Lourenço ao escrever o que escreveu, o que muitos gostariam de ter escrito e ainda não escreveram por serem militares de liberdades condicionadas, etc., etc., etc., e sabe bem que com ele estão todos os militares democratas silenciados pela função.

E para que conste dos autos e dos inquéritos, daqui lhe aperto a mão e lhe peço autorização para subscribo palavra por palavra o que ele disse a este País.

Se a liberdade e democracia se conquistam palmo a palmo, gesto a gesto, é bom que nem um se perca, por nos ter passado ao lado.

A revolução é como o bacalhau... tem mil formas de ser cozinhada!...

Os ciclos solares

Actividade reduz-se até 1986

Em alguma imprensa surgiram, nos fins de 1980 e princípios de 1981 algumas previsões alarmistas sobre eventuais catástrofes provocadas pelo chamado «desfile dos planetas» (alinhamento de todos os planetas do mesmo lado do Sol), ocorrido em Março deste ano. Relacionaram-se também essas consequências «trágicas» com a actividade solar bastante elevada naquele período. Os alarmes revelaram-se, afinal, sem fundamento. A Terra continua a rodar no seu eixo imaginário e o Sol reduz a sua actividade até ao próximo mínimo em 1986.

O número e a potência dos fenómenos observados pelos astrónomos na superfície solar variam constantemente. Os mínimos e máximos solares repetem-se, em média, todos os 11 ou 12 anos, chamando-se a tais flutuações periódicas ciclos de 11 anos da actividade solar.

Desde o meio do século que os cientistas detectam uma correlação entre as oscilações solares e a excitação do campo magnético da Terra. Posteriormente, constatou-se que os ciclos influenciam os fenómenos meteorológicos, bem como as propriedades da ionosfera, a densidade das radiações cósmicas e a vida das plantas e animais. Certas doenças do homem acusam

igualmente uma periodicidade de 11 anos.

A ciência que estuda a correlação entre os fenómenos solares e terrestres assume, assim, uma grande importância prática. Sublinhe-se que as previsões solares se baseiam ainda em regiões ou regularidades empíricas.

Em Novembro de 1979, os astronautas da estação de Ussuri, no Extremo Oriente soviético, registaram um máximo do ciclo de actividade solar, com uma intensidade só observada outras três vezes, em 1778, 1947 e 1957.

As regras empíricas permitem prever que a actividade do Sol decrescerá nos próximos trinta

anos, mas não tanto como no início do século XX.

Em contrapartida, os nossos descendentes testemunharão, no meio do século XXI, uma forte actividade solar.

Desde 1979, a actividade do Sol diminui progressivamente. O máximo acontecerá possivelmente em 1986.

Um dos problemas interessantes da física do Sol consiste na correlação dos ciclos de 11 anos. Em 1948, os astrónomos leningradenses Gnévnychev e A. Ol estabeleceram que dois ciclos vizinhos formavam um conjunto a que, num processo de sistematização, se poderia atribuir um número par e um ímpar. O ciclo ímpar é mais forte.

Nos anos seguintes descobriram-se outras regras de agrupamento dos ciclos, de 22 e 44 anos. O traço comum de todas estas regularidades é a correlação dos ciclos de 11 anos consecutivos.

Em 1964, A. Ol revelou a relação estreita que existia entre o comportamento do máximo do

ciclo de 11 anos e a actividade do fim do ciclo precedente. A natureza da relação continuava, porém, enigmática.

Ajustou-se posteriormente uma explicação baseada na deslocação, no sentido dos meridianos, das excitações de actividade, que se propagam do equador para os pólos. Chamou-se a essas deslocações «ondas solares».

Entretanto, prosseguem os estudos astronómicos e sucedem-se as hipóteses. Ainda há vinte anos os astrofísicos afirmavam que a matéria estava imóvel no núcleo central do Sol. Hoje, os cientistas acumulam cada vez mais dados que demonstram a instabilidade das camadas interiores daquele astro.

Na astrofísica, surgem assim novas orientações no ramo que estuda a estrutura interna do Sol e que se chama «sismologia solar». Cada novo ano amplia os conhecimentos que temos da estrutura do centro do nosso sistema planetário.

A crise capitalista na ameaça à paz do mundo (II)

1. — Que faz correr os Estados Unidos?

A presença dos EUA no mundo de hoje está em clara consonância com as necessidades que dimanam do seu estatuto de grande império, adquirido depois do fim da II Guerra Mundial que, ilusos dos malefícios desta, conceberam e executaram o projecto da recuperação económica capitalista da Europa, através do Plano Marshall, e quando, de certa maneira, substituíram as antigas potências coloniais nos seus domínios, em particular, nas áreas do Próximo Oriente, Indochina e África Austral.

Esse estatuto de império, conjugado com a actual crise económica em que se encontra o mundo capitalista, que os EUA lidera, gerou e gera turbulências de gravidade excepcional para a Paz que, num contexto tecnológico de armamento nuclear, de «equilíbrio do terror», poderá na acção menos reflectida ou na operação executada à «beira do abismo», fazer saltar a faísca que reberará a grande bomba, as milhares de bombas nucleares em reserva, no holocausto da Humanidade.

A crise económica na área capitalista, é produto de um conjunto de contradições registadas no processo interno do sistema e entre as nações industrializadas componentes do sistema (CEE, Japão, EUA, etc.), que obriga os Estados Unidos, como líder, a agir depressa, para não cair na subalternidade, sobre áreas de actividade, em que a sua supremacia é ainda absoluta: a indústria de guerra.

Por isso, concebeu um alvo e um motivo que não é novo: o perigo comunista sobre a terra e o seu reduto mais forte a União Soviética.

Também Hitler procurou salvar à Alemanha com o «milagre» daquela tenebrosa guerra de 1939, que matou milhões de pessoas, que produziu milhões de mutilados, que destruiu meio mundo, evocando o perigo comunista e matando judeus, porque estes não eram arianos...

A Administração Reagan, vendo o seu império a correr-se por dentro, pensa poder salvá-lo, lançando mão da indústria de armamento, através da qual julga também poder reactivar a sua economia em crise e consequentemente acabar com a inflação e o desemprego no seu país.

Os pesados custos desta operação terão de ser pagos pelos seus parceiros ricos e pelo Terceiro Mundo, mediante a compra de bombas e canhões do seu sofisticado arsenal de guerra. Tal negócio destina-se também a manter intacto e reforçar o domínio dos Estados Unidos no contexto mundial, ainda que no decurso da execução dessa estratégia possa provocar a guerra, guerra essa que, agora, ainda por cima, quer localizar na Europa, à base da bomba de neutrões, até que, teoricamente, seja fácil e segura a «intervenção salvadora» da América.

Como de costume. Como já aconteceu nas guerras de 1914 e 1939.

2. — A livre iniciativa de Reagan é filosofia do mais forte

O caso do Médio Oriente é bastante elucidativo desta política, aonde os Estados Unidos procura insistentemente defender os seus interesses no âmbito dos recursos energéticos ali

existentes e nos quais investiu vultosas somas; na conquista de mercados e mercados com grande poder de compra, como são os árabes, fortes importadores de material de guerra; e, finalmente, fazer alianças e erguer com elas uma barreira à eventual expansão do socialismo pelo mundo árabe, em todo o mundo.

Nem que o movimento de ideias possa ser contido pela força. As ideias combatem-se com ideias. A força aparece só quando as ideias não têm força.

Mas a Administração norte-americana esquece a voz dos seus maiores (Washington, Jefferson, etc.), e toma iniciativas que nos surpreendem e preocupam pelo seu primarismo e aventureirismo.

Tudo se processa à margem das Nações Unidas, da sua competência e resoluções. Ignoram-se também as relações pacíficas entre os povos da região, promove-se a intriga e a calúnia local, fomenta-se a venalidade entre os homens, procede-se à ingerência mais grosseira nos negócios internos dos países, ferindo a dignidade dos respectivos povos, criando tensões políticas e religiosas que perigosamente afectam o equilíbrio de forças regional, com bases militares, manobras ameaçadoras, venda e contrabando de armas, grandes orçamentos de guerra, etc.

Situação dramática em que a Nação árabe é sujeita a todo o género de ataques, por dentro e por fora, entre irmãos e inimigos, dividindo-se, enfraquecendo-se e, nestas condições, erguendo artificialmente o poder israelita.

Quando os EUA dispunham de maioria nas Nações Unidas, todos os seus diferendos e confrontações eram levados à Assembleia dessa Organização mundial e tratados e votados através dessa maioria a seu favor. Agora, depois do ingresso de novos países, quase todos oriundos do Terceiro Mundo, aquele país americano evita sujeitar-se a essa Assembleia, porque a sua actual composição não permite que a sua política hegemónica ganhe.

Por isso, os Estados Unidos, agora criticados e isolados, actua quase sempre em círculo restrito, dentro de organizações regionais e internacionais técnicas que domina, como o FMI, NATO, Banco Mundial, GATT, OCDE, CEE, etc.

O caso da Conferência de Cancun, que deveria efectuar-se no quadro das Nações Unidas, foi desviado dessa Organização por expressa vontade dos EUA, para que este país, solto, fora dos vínculos institucionais da comunidade internacional, pudesse livremente, em defesa da sua tese irresponsável da «livre iniciativa», impor os seus pontos de vista de domínio, apoiados naquelas organizações que tutela.

3. — Gollas contra David

Com o trabalho que sempre resulta de compra de almas, especialmente com o dólar sobrevalorizado, a Administração norte-americana, com o consentimento de Sadat, fez abortar o acordo de cooperação e amizade estabelecido entre a URSS e o Egipto, com a finalidade de retomar a sua anterior posição de domínio nesse país árabe, baseada em acordo que o presidente Nasser, depois, por uma questão de honra nacional, tinha denunciado.

Ulpiano F. Nascimento

Desta forma, os Estados Unidos fortaleceram a sua posição na região e a sua política pró-Israel, assegurando ali os seus interesses económicos e estratégicos.

Esta surpreendente vitória norte-americana sobre o Egipto de Sadat foi, em parte, obscurecida com a perda da posição que desfrutava no Irão, outro país árabe profundamente colonizado pelos Estados Unidos e, por isso mesmo, instável.

Este é outro caso de grande política hegemónica desta grande potência, que põe a nu toda a espantosa motivação e procedimentos do seu modelo de acção no exterior.

As alianças e acordos realizados pelos Estados Unidos, feitos no escuro, são geralmente estabelecidos com as oligarquias locais e por conseguinte alheios aos interesses verdadeiramente nacionais de cada país. Assim, logo que o xá da Pérsia, Reza Pahlavi, caiu, e com ele todo o poder do grande capital, o povo identificou esse poder despótico com o poder ianque.

A posição de cerco que o Irão desfruta em relação à fronteira com a URSS, foi assim perdida pela Revolução Iraniana, o que forçou os Estados Unidos a procurar no Afeganistão idêntica posição. Essa pretensão, que não foi conseguida, deve-se à entrada das forças soviéticas nesse país, a pedido do próprio governo afegão.

Uma unidade árabe, apesar de tudo, parece crescer por reacção natural, frente à hostilidade dos governos de Israel e norte-americano que, entretanto, se tornaram mais arrogantes e agressivos com o êxito do Acordo de Camp David, que nada resolveu, destinado somente a paralisar o Egipto militarmente, no âmbito das forças árabes, e enfraquecer estas.

O prestígio que o Egipto então alcançou com a guerra do Kipur declinou notoriamente, sobretudo no quadro árabe. O Egipto é agora simples peça da política norte-americana. Tal subalternidade feriu profundamente o orgulho do homem da rua egípcio. O descontentamento interno gerou naturalmente a oposição à política, dita de paz, de Sadat, a qual, gradualmente, se tornou repressiva com violação sistemática das liberdades e direitos do homem.

Sabe-se, agora, com a morte de Sadat, que o governo egípcio tinha entendimento com a Administração Reagan para atacar a Líbia. É neste contexto que se deve inserir a provocação da esquadra norte-americana em águas líbias, levando ao derrube, sem glória e grandeza, de dois simples aviões de patrulha líbios, que valentemente enfrentaram a poderosa aviação dos Estados Unidos.

4. — Os Estados Unidos parecem ter força de mais para o governo que têm

A ditadura militar da Turquia, conquistada recente do imperialismo norte-americano, é mais um produto da sua política de cerco sobre a área socialista, no seu flanco sul.

Os órgãos de Comunicação Social portugueses quando se referem a esta ditadura apresentam-na sempre como se fora um caso benigno e de breve

duração, que foi necessário fazer-se para manter a ordem interna e combater o terrorismo.

É claro que esta explicação nada tem a ver com a realidade.

Uma certa instabilidade política e social envolveu a Turquia, o que constituía para a política de envolvimento norte-americano o risco de perder uma posição estratégica privilegiada em relação ao socialismo pela sua vizinhança com a URSS. Esse perigo levou os EUA a influenciar as hierarquias militares turcas, elas próprias identificadas com o projecto ditatorial, para que tomassem o poder pela força, com a concomitante dissolução dos partidos políticos. E isto aconteceu. A ditadura está para durar.

Com efeito, os Estados Unidos na sua política obsessiva de cerco à URSS, e esticando a área da NATO, foram até ao mar Negro, através da Turquia, mas «esqueceram-se» ou minimizaram o diferendo existente entre este país e a Grécia, ambos membros daquele bloco militar, sobre a ilha de Chipre. Os EUA asseguraram, assim, a protecção da fronteira norte desse país balcânico, visando eventuais ataques da União Soviética, mas o assalto surgiu afinal do flanco sul comandado pela Turquia, demonstrando eloquentemente de que a política imperialista serve sempre o núcleo e não serve a periferia. O núcleo aqui são os EUA.

Por isso, a Grécia popular e patriótica vai abandonar a NATO...

Estes casos para nós, portugueses, situados no extremo ocidental da Europa, julgamos demasiado distantes e sem risco directo sobre Portugal. E, depois, não ouvimos o reber das bombas nem os gritos de dor das vítimas, mas assistimos ao dia-a-dia da degradação das condições pacíficas da região. Contudo, se pensarmos um pouco mais, observamos que a dimensão dos Estados Unidos, os seus objectivos hegemónicos à escala planetária e as implicações destes com os grandes arsenais nucleares existentes, em ambos os blocos militares, poderão na sua dinâmica, com um gesto mais forte ou um passo mal dado, fazer estremecer o mundo, apanhando necessariamente Portugal.

Mas, para além deste envolvimento global, nós, portugueses, podemos ainda ser atingidos por outras formas mais directas e não menos perigosas.

Para já o abastecimento de petróleo ao país proveniente dessa região, pode ser-nos recusado em caso de conflito, por qualquer iniciativa de pressão ou de prepotência da parte dos Estados Unidos. Por outro lado, esse conflito a dar-se necessariamente passaria pela utilização das bases portuguesas dos Açores, o que nos poderia envolver, directa ou indirectamente, nesses eventuais acontecimentos litigiosos, contra povos que nós respeitamos e com os quais o nosso país tem as melhores relações, agora mesmo com reais perspectivas de se intensificarem no âmbito da cooperação económica.

«Não se pode ficar neutro ante as ameaças contra a Paz», será o título do próximo artigo.



● Encontra-se de visita a Portugal, a convite do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, o general adjunto do Comando Supremo das Forças Aliadas na Europa, «sir» Peter Terry. Ontem, este oficial general da RAF apresentou cumprimentos aos chefes dos Estados-Maiors dos três ramos e, depois de se encontrar com Melo Egidio, assistiram ambos a um «Briefing» sobre as FA's e a NATO, pronunciado pelo almirante Cardoso Tavares.

● Maria de Lurdes Pintasilgo partiu ontem para a Tunísia a fim de participar num seminário internacional subordinado ao tema «Os Obstáculos à Comunicação Intercultural entre a África, a Europa e o Mundo Árabe».

O encontro, que decorre até ao próximo dia 15, tem lugar no Centro Cultural de Hammamet e conta com o apoio da Unesco e de diversas entidades oficiais francesas, tunisinas e do mundo árabe.

O objectivo principal do seminário é procurar as aproximações culturais das três áreas.



● As cerimónias militares do 25 de Novembro realizam-se este ano em Vila Franca de Xira, no Grupo Um da Escola da Armada, soube-se de fonte militar.

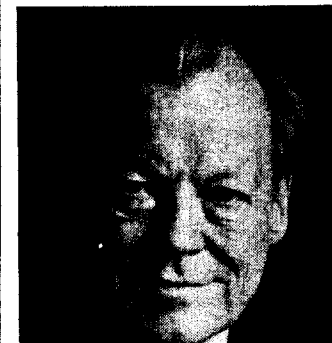
Nas referidas cerimónias estará ausente o general Ramalho Eanes, em visita oficial à República Popular de Moçambique.



● O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, segue na tarde de hoje para os Estados Unidos terminada a visita oficial de quatro dias ao arquipélago das Bermudas.

Neste arquipélago, situado no Atlântico Norte junto às costas dos Estados Unidos, e que Mota Amaral visitou a convite do primeiro-ministro, David Gibbons, está radicada uma comunidade portuguesa de cerca de dez mil pessoas, na sua grande maioria açoriana.

Ontem, além de ter tido um encontro com os membros do Parlamento local, o presidente do executivo açoriano visitou ainda a parte oriental da ilha.



● Mário Soares considerou ontem «especulação sem pés nem cabeça» as acusações feitas por jornais norte-americanos a Willy Brandt que referiam que aquele dirigente social-democrata tinha trabalhado para a CIA e para o KGB.

O secretário-geral do PS e vice-presidente da Internacional Socialista admirou-se ser «possível lançar lama» sobre uma «tão grande figura moral e política, de democrata cheio de ombridade e dignidade».



● O Secretariado do Partido Socialista da Madeira, em comunicado divulgado no Funchal, criticou a «muitíssima bem preparada entrevista» que Alberto João Jardim deu sexta-feira no Centro Regional da RTP.

O PS-Madeira denuncia que o presidente do governo regional «tentou endossar as responsabilidades» a outros governos, que não fossem os da Aliança Democrática, de uma crise «que se fará sentir brevemente na região».

No documento, os socialistas madeirenses afirmam ainda que enviaram cartas ao ministro da República e ao director do Centro Regional da Televisão, solicitando direito de antena «de acordo com o estipulado no Estatuto de Oposição».

comunicação social

Constituída associação portuguesa de comunicação social no estrangeiro

Os jornalistas portugueses radicados nos continentes americano, europeu e africano e na Oceania, acabaram de criar, em Ponta Delgada, uma Associação da Comunicação Social Portuguesa no Estrangeiro.

Como tem sido noticiado, encontram-se de visita a Portugal (continente e Açores), até ao próximo dia 20 do corrente, representantes dos órgãos de Comunicação Social de todo o Mundo que se expressam em língua portuguesa, provenientes dos países onde há significativo número de emigrantes, bem como comunidades portuguesas de forte representatividade.

Aproveitando semelhante presença, a Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, em colaboração com o Governo Regional dos Açores e a Direcção-Geral da Informação, organizou o I Encontro Mundial dos Órgãos de Comunicação Social Portugueses no Estrangeiro, que, cumprindo um programa variado, se prolonga precisamente até à data acima mencionada.

Os temas em debate, ao longo do encontro, são essencialmente cinco, em sessões a efectuar quer nos Açores, quer em cidades como Lisboa, Porto e Coimbra:

Problemática da Comunicação Social portuguesa no estrangeiro e seu interesse para as comunidades; responsabilidade dos meios de

informação das comunidades na preservação da língua e cultura portuguesas; problemas da Informação de e para as comunidades e intercomunidade; apoio dos serviços oficiais e dos meios de Informação nacionais e regionais aos órgãos de Comunicação Social das comunidades e estudo específico da colaboração a prestar pela ANOP, RDP e RTP.

Os representantes dos órgãos de Comunicação das muitas comunidades portuguesas, presentes neste encontro, procedem da África do Sul, Alemanha Federal, Austrália, Brasil, Canadá, EUA, França, Venezuela e Holanda.

«O Jornal» leva o irmão a Oeiras

Esta noite, na Biblioteca Operária Oeirense (Oeiras), às 21 e 30, os jornalistas Cáceres Monteiro e Clara Pinto Correia, do corpo redactorial do semanário «O Jornal», exporão a experiência que recentemente viveram no Irão.

Os dois jornalistas deslocaram-se, como turistas, a Teerão, após o que escreveram uma série de reportagens que estão a ser publicadas naquele semanário.

Trata-se de um segundo encontro de jornalistas com o público, no cumprimento de um programa da Biblioteca Operária. Manuel Bessa Múrias é o moderador destes encontros.

«Correio da Manhã» — morte inesperada de um jornalista

Vítima de um acidente em Faro, faleceu o jornalista José Luís Peralta Garrido Costa, de 27 anos, do corpo redactorial do «Correio da Manhã», matutino de que foi um dos fundadores.

Aquele jornalista, que havia pouco concluído o curso de Direito, era casado e pai de uma menina de 18 meses.

Coordenava, no «CM», a secção de Economia e Trabalho, e colaborava também na rubrica Educação.

O funeral efectua-se amanhã, às 10 e 30, da Igreja de S. Domingos de Benfica para o cemitério de Benfica, podendo o seu corpo ser velado no referido templo a partir desta tarde.



Flashes

● O director do matutino «Portugal Hoje», João Gomes, foi absolvido no processo contra ele instaurado pelo antigo secretário de Estado da Cultura Vasco Pulido Valente. O processo relacionava-se com uma notícia publicada em 5 de Outubro de 1980, na qual o «PH» revelava a existência de contactos entre Pulido Valente e a PIDE/DGS, em 1972, com o objectivo de que esta polícia não levantasse obstáculos à sua nomeação para o cargo de assistente do Instituto de Economia de Lisboa. Aquele antigo membro do Governo contestava a legitimidade do jornal para utilizar e divulgar documentos comprovativos dos referidos contactos.

● O «Diário do Minho», órgão oficioso da arquidiocese de Braga, não foi publicada nem ontem nem hoje devido a uma greve dos trabalhadores da empresa. Motivo da greve: a aplicação integral do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical, segundo informou o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa do Norte. Entre as reivindicações figuram ainda 36 horas semanais para todos os turnos, 25 por cento para o turno nocturno e a aplicação da tabela salarial a que os mesmos trabalhadores se julgam com direito.

Fraude e corrupção: multiplicam-se acusações

Assembleia da República

ASDI pediu inquérito à compra de «Boeing» e venda de DC-6

A ASDI apresentou no Parlamento um pedido de inquérito à compra de aviões «Boeing» pela TAP e à venda de aviões «DC-6» pelo Ministério dos Transportes.

A sessão plenária de ontem da Assembleia caracterizou-se por uma longa discussão recheada de «ofensas pessoais», por duas votações por unanimidade e pelo facto de ter terminado cedo para o normal (às 19 e 20).

O deputado Manuel Lopes (PCP) chamou gruppello a um sindicato da UGT e foi acusado por José Luís Nunes (PS) de usar neste caso uma terminologia semelhante à utilizada pelo Partido Comunista Polaco sobre o Solidariedade. José Luís Nunes

foi aplaudido pelas bancadas do PS e da AD.

Verificou-se depois unanimidade quando foi aprovado o segundo orçamento da Assembleia para 1981 e quando foi aprovado na generalidade um projecto do PCP sobre o transporte de deficientes.

Projecto do PCP suscita unanimidade

Ainda durante a sessão de ontem o deputado Vidigal Amaro (PCP) defendeu o projecto do seu partido que prevê diversas formas de apoio ao transporte dos deficientes.

Na discussão sobre o projecto do PCP referente ao transporte de deficientes, o MDP/CDE disse que a Comissão Parlamentar Eventual para o Ano Internacional do Deficiente não tem funcionado por culpa da AD.

O projecto de lei do PCP foi depois aprovado por unanimidade na generalidade e baixou à respectiva Comissão Parlamentar para apreciação (e eventuais alterações) na especialidade.

Os inquéritos

A aquisição de aviões «Boeing 727-200» pela TAP e a venda de quatro aviões «DC-6» pelo Minis-

tério dos Transportes são o objecto de um dos inquéritos, pedidos pela ASDI que cita artigos publicados em Portugal e no estrangeiro segundo os quais a compra dos aparelhos foi um negócio «pouco claro» e a «Boeing» pagou luvas a altos funcionários portugueses.

O outro inquérito pedido pretende esclarecer o que se passou com a atribuição de 18 reservas a Pratas Canelas, assessor do antigo secretário de Estado, João Goulão.

Este pedido de inquérito pretende também apurar o que fez o Governo depois de ter «recebido prova documental» de tais factos.

«Fraude no café»

Importador diz-se vítima na história dos 500 mil contos

O importador campo-maiorense cujo café proveniente da Holanda entrou nas suas torrefacções com declarações mal prestadas quanto à mercadoria em trânsito e sem satisfazer determinadas imposições pecuniárias, que no caso em apreço ultrapassariam os 500 mil contos, sustenta que tanto ele como a sua firma nada têm a ver com os factos eventualmente delituosos que envolvam todo o processo, em relação aos quais se considera «inteiramente alheio e de modo nenhum responsável».

Manuel Rui Azinhais Nabeiro, autarca de Campo Maior, cujo estabelecimento de torrefacção e moagem de café e armazém de mercadorias se situa na Avenida Calouste Gulbenkian naquela vila do Baixo Alentejo, refere em carta que nos remeteu esta manhã, que os actos cuja responsabilidade o despachante Costa Santos a si chamou não poderiam ser imputados ao importador e, concretamente, àquela firma, de que é sócio e gerente. «A minha firma tem em seu poder recibos da entrega ao seu despachante de todas as quantias correspondentes ao custo dos despachos por ele processados em sua representação», sublinha Manuel Azinhais Nabeiro, antes de acrescentar que «se essas quantias não foram aplicadas ao fim a que se destinavam, e apesar disso foram despachadas as correntes mercadorias, é facto a que sou inteiramente alheio».

A «fraude do café», como o caso depressa se tornou conhecido, parece, afinal, envolver presumivelmente o despachante Costa Santos e foi detectado há um mês, segundo o director-geral das Alfândegas, José Augusto Vale. Os serviços estão a aprofundar as irregularidades praticadas e toda a sua extensão ao mesmo tempo que a empresa de cafés de Campo Maior adianta, através do seu sócio-gerente que a comercialização de cujo despacho Costa Santos foi encarregado «foi impecavelmente normal e correcta». Caso tenham ocorrido irregularidades, a firma diz desconhecer quais e sustenta que não seria justo vir a ser vítima de tal imbróglio.

Um imbróglio que as autoridades procuram esclarecer em toda a sua dimensão e que não é tão fácil como à primeira vista parece.

Fraude fiscal e contrabando: Governo vai para a ofensiva

O Conselho de Ministros aprovou ontem um diploma estabelecendo normas sobre tabaco apreendido em situação fiscal irregular. A medida integra-se no que o próprio Executivo anuncia como uma ofensiva contra a fraude fiscal e o contrabando nos diversos domínios da vida económica e social.

Na sua reunião de ontem, o plenário governamental apro-

vou, entre outras coisas, um protocolo adicional ao acordo luso-espanhol de dispensa de passaporte, o acordo europeu sobre a transferência de responsabilidade relativa a refugiados, a reestruturação orgânica do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Foi ainda aprovado um texto regulamentando a criação da comissão elaboradora do novo Código Administrativo, que será

constituído por sete «cidadãos de reconhecido mérito profissional», a nomear pelo Primeiro-Ministro, sob proposta dos ministros da Administração Interna, da Justiça e da Reforma Administrativa.

Na reunião, e segundo foi revelado no final, incitou-se à apreciação, na especialidade, da proposta de lei do OGE e das Grandes Opções do Plano para 1982.

«Clima de terror, ameaças de morte e corrupção» em Loures

Sindicato da Função Pública denuncia encarregado geral da JAE

«Clima de terror», «ameaças de morte e chantagem sobre trabalhadores» e «corrupção e roubo» são as acusações que impendem sobre o encarregado geral do parque de máquinas do concelho de Loures da Junta Autónoma das Estradas (JAE), formuladas em conferência de Imprensa pelo Sindicato da Função Pública da Zona Sul e Açores.

Foi ainda revelado que, de acordo com uma informação prestada pela JAE, ficou recentemente concluído o processo de inquérito àquele encarregado.

A direcção do sindicato, acrescenta a ANOP, exigiu a imediata instauração de processo disciplinar e a suspensão do encarregado.

O caso já não é de agora. Com efeito, o mesmo funcionário sofrera há alguns anos um primeiro inquérito, que não teve consequências pelo facto dos inquiridores não terem dado as acusações como provadas.

O segundo inquérito, acrescentaram os promotores da conferência de Imprensa, surgiu quando trabalhadores do serviço, aproveitando a presença do presidente da JAE numa visita às instalações, denunciaram na presença do visado vários casos de utilização de máquinas, materiais e mão-de-obra dos trabalhadores da JAE em proveito próprio.

Os trabalhadores presentes e a direcção sindical apontaram vários exemplos concretos, entre os muitos apresentados no inquérito, das acusações proferidas.

Afirmaram que o encarregado geral do parque de máquinas de Loures da JAE obrigou trabalhadores a transportarem em veículos da Junta para um terreno que possui na quinta nova de S. Roque (Loures) cimento para construção de um muro, tubos de ferro de grandes dimensões para edificação de uma habitação, assim como centenas de quilo-

gramas de vigas de ferro, tudo material pertencente à Junta Autónoma das Estradas.

Acusaram-no ainda de ter utilizado máquinas manobradas por pessoal daquele serviço na referida propriedade, e ainda de ter mandado fazer nas oficinas da JAE, com materiais da Junta, duas portas de ferro para o mesmo terreno.

Na mesma ocasião, foi revelado que vários trabalhadores, alguns dos quais presentes, foram alvo de ameaças de morte pelo encarregado geral depois da instauração do inquérito.

Precisaram que o próprio engenheiro-chefe do parque de máquinas foi alvo de uma ameaça de morte pelo citado encarregado.

O sindicato e trabalhadores manifestaram a sua preocupação por lhes terem chegado rumores de que este «caso poderia ser abafado» e exigiram a imediata instauração de processo disciplinar com suspensão do visado.

Encontro PS/JS

Governo está alheado dos problemas da juventude

O PS e a Juventude Socialista manifestaram em Lisboa «apreensão pela forma como o Governo se tem alheado da resolução dos problemas com que os jovens se defrontam».

Em comunicado emitido após uma reunião da Comissão Permanente da Comissão Política do PS e do Secretariado Nacional da JS, afirma-se que «os milhares de jovens à procura do primeiro emprego não vêem qualquer possibilidade de realização profissional e

encontram-se sem acesso a qualquer meio de independência económica».

O documento sublinha que «a actual política governamental na área do ensino conduz à continuação da reprodução, através da escola, das diferenças sociais existentes».

«A crise da habitação é um dos maiores problemas com que os jovens se debatem, sendo intoleráveis os cortes de crédito aos vários programas habitacionais

e especialmente aos das cooperativas, o desmembramento do Fundo Nacional da Habitação e a ausência de uma política de solos que impeça a especulação» — afirma o comunicado.

«Perante este quadro, o PS e a JS «consideram útil uma maior participação dos jovens no trabalho autárquico e sindical e manifestam a necessidade de desenvolver esforços para a concretização de uma política que vá ao encontro dos desejos da juventude» — diz o documento.

MDP recebido por Eanes**Pedida ao Presidente
a substituição
do Governo**

O Presidente da República recebeu ontem uma delegação do MDP/CDE, a pedido desta, que lhe transmitiu «a necessidade cada vez mais evidente para a maioria dos portugueses de substituir este Governo».

A delegação, constituída por José Manuel Tengarrinha, Helena Cidade Moura e Herberto Goulart, salientou, na audiência, «o grande papel que tem um amplo movimento da opinião pública que poderá impedir alterações constitucionais que ponham em perigo a democracia».

Entre estas, foram sublinhadas as do domínio do aparelho militar «que subvertem o espírito

do 25 de Abril e põem em perigo a própria democracia».

A Ramalho Eanes foram ainda transmitidas as «profundas preocupações» do MDP/CDE pela «acelerada degradação da situação económica e financeira que encaminha o País para uma situação próxima da ruptura».

Para o MDP/CDE deve «o povo português intervir activamente, para se encontrar uma alternativa válida na base de consensos sobre problemas fundamentais do País, entre forças e correntes do campo democrático, neste momento colocadas perante uma especial responsabilidade histórica».

Anuncia Gonçalves Pereira**Portugal e Suíça
vão alargar relações**

As trocas comerciais entre Portugal e Suíça vão ser alargadas — afirmou ontem em Berna o ministro português dos Estrangeiros. Gonçalves Pereira não deu pormenores sobre tal alargamento, mas disse que as relações entre os dois países, no domínio económico, têm sido prejudicadas pelas deficiências estruturais da indústria portuguesa.

O titular do MNE falava aos jornalistas, em conferência de imprensa, depois de conversações havidas com autoridades suíças, no âmbito do programa da sua visita de dois dias a este país, em resposta a convite do seu homólogo helvético Pierre Aubert. Um dos temas abordados durante as conversações foi a situação dos emigrantes portugueses. Em causa, por exemplo, o ensino da língua e a preservação da cultura de Portugal entre a comunidade portuguesa. Outro, o estatuto do trabalhador temporário.

O ministro não divulgou pormenores sobre resoluções ou medidas decididas tomar por parte das autoridades suíças. Anunciou porém que os serviços de apoio aos emigrantes foram alargados com a instalação, na Suíça, de um delegado do Instituto da Emigração.

Quanto às relações bilaterais entre os dois países, o ministro português voltou a dizer que não existe, em tal âmbito, qualquer

contencioso. Isto apesar de Portugal e Suíça terem perspectivas diferentes sobre diversas questões. Compreensível: Portugal pertence à NATO, a Suíça tem estatuto de país neutral.

Entre as questões de âmbito internacional abordadas com Pierre Aubert, Gonçalves Pereira referiu as relações Leste-Oeste, o diálogo Norte-Sul, a situação na África Austral, a cimeira de Cancun, e a Conferência de Madrid sobre Segurança Europeia.

O ministro português fez ainda uma exposição acerca da actual situação portuguesa, numa perspectiva global. Disse então que foi atingida já a estabilização das instituições, mas não necessariamente dos grupos políticos. Considerou fundamental a revisão da Constituição — «principalmente porque permitirá a normalização plena do sector militar», com a subordinação dos militares ao poder civil.

Gonçalves Pereira falou de Portugal na CEE. A adesão vai ser «o ponto culminante do processo de desenvolvimento económico» — disse. E avançou que se prevê a assinatura do Tratado de Roma de 1982 e a adesão plena em 1984.

Para o ministro português «o mais importante é que os dez Estados membros da CEE têm a vontade política da adesão de Portugal». Citamos da Anop em envio de Berna.

Divergências consolidam-se no PS**Ex-secretariado organiza
estruturas de direcção**

Uma recente reunião dos elementos afectos ao ex-Secretariado do Partido Socialista, postos em minoria por Mário Soares no Congresso do partido em Maio passado, decidiu criar uma estrutura executiva para aquele grupo, distribuindo pelouros entre os seus elementos.

Ao mesmo tempo, a minoria do PS resolveu elaborar um documento sobre questões internas e de estratégia, para ser discutido pelas bases do partido.

Em contacto esta manhã com o Gabinete de Imprensa do PS, foi-nos impossível obter qualquer comentário a esta atitude do ex-Secretariado. Soubemos no entanto que ainda hoje a Comissão Permanente tomará uma posição pública sobre o assunto.

PS/UEDS

Entretanto, uma reunião conjunta das direcções do PS e da UEDS aprovou um comunicado conjunto em que os

dois partidos anunciam que vão «procurar articular modalidades de cooperação», tendo em vista «o relançamento da iniciativa oposicionista por parte da esquerda democrática».

Durante o encontro, as delegações dos dois partidos, presididas por Mário Soares e por Lopes Cardoso, abordaram o tema da revisão constitucional. Desta discussão concluiu-se pela necessidade de se «realizar esclarecimento público mais detalhado sobre as linhas essenciais do projecto de revisão apresentado pelos dois partidos e pela ASDI».

O PS e a UEDS decidiram ainda «intensificar a respectiva cooperação parlamentar», no que toca à revisão, ao debate sobre o plano e o OGE e ao pacto-pacote laboral do Governo.

**Soares/
Balsemão**

Mário Soares anunciou ontem que a oposição socia-

lista ao actual Governo «terá de ser intensificada cada vez mais», porque o executivo «não tem capacidade de resolver os problemas do País».

A declaração foi prestada aos jornalistas, em S. Bento, depois da audiência com Pinto Balsemão, realizada a pedido do Primeiro-Ministro.

O secretário-geral do PS informou quais tinham sido os três temas da conversa com o chefe do Governo: a integração na CEE com informações sobre «a maneira como marcham as negociações», a situação económica-financeira dentro da perspectiva do OGE e a situação política portuguesa em geral.

O líder socialista disse a Pinto Balsemão como estava «desagradavelmente impressionado com o decurso dos trabalhos do Governo AD», por «as grandes questões nacionais estarem a piorar de dia para dia».

Apontou como exemplos o défice externo que se eleva já a dois mil milhões de dólares, o aumento da inflação para 25 por cento anunciado por Silva Lopes, o corte de crédito às

empresas, o aumento do desemprego e as dificuldades na contratação colectiva pública, caso da Função Pública que terá um crescimento zero.

O PS está em desacordo com «as perspectivas preocupantes do pacote laboral», disse Soares.

Em relação ao Partido Comunista, o líder socialista disse que ele «pretende bloquear a revisão constitucional» e que «a actual direcção do PC não é o arauto das liberdades».

A propósito estranhou que o PCP tenha aproveitado o seu tempo de antena «numa sistemática oposição ao PS com falsidades».

Recordou a proposta da UGT à Intersindical, que, adiantando, «se negou a sentar-se à mesa para defender os interesses dos trabalhadores».

Assim, concluiu, «o PS tem de considerar que os trabalhadores comunistas são trabalhadores e deve defendê-los contra a sua própria direcção».

O encontro com Pinto Balsemão durou cerca de 80 minutos.

Lemos Ferreira no IAEFA**Força Aérea tem menos 18 a 20 por cento
dos efectivos fixados por lei**

Falando no decorrer da cerimónia de abertura do ano lectivo do Instituto de Altos Estudos da Força Aérea, o general Lemos Ferreira disse que este ramo das Forças Armadas continuará no próximo ano com cerca de menos 18 a 20 por cento dos efectivos aprovados por lei, o que leva a uma poupança de cerca de mil milhões de escudos. Referiu ainda que no quadriénio de 1979/82 a Força Aérea apenas absorveu 17 por cento do total do aumento dos encargos com o pessoal no conjunto das Forças Armadas.

O CEMFA sublinhou que todavia «não é possível manter indefinidamente esta situação de grande autocontenção, que, in-

clusivamente, abrangeu a não aplicação na Força Aérea do mecanismo da reserva activa, forma indirecta de superar bloqueios provocados por excesso de efectivos em determinadas faixas hierárquicas».

Consequentemente, a Força Aérea tem larga base moral para progressivamente ir preenchendo seus quadros, aliás muito reduzidos, esperando-se atingir este objectivo em 1984/85.

Lemos Ferreira, traçou também um quadro do conjunto de medidas tomadas pela Força Aérea após concluída a descolonização, referindo a redução imediata de efectivos, o abate e alienação de frotas excedentárias ou desadequadas no quadro

européu, a reformulação de metodologias de gestão e da estrutura orgânica, a revisão e modernização de sistemas e meios logísticos e a preparação técnico-profissional acelerada de todo o pessoal.

A sofisticação dos sistemas de armas actuais foi também abordada pelo general Lemos Ferreira que entende que ela coloca às nações à nossa escala «um conjunto muito forte de restrições e de interrogações».

Noutra passagem do seu discurso, o CEMFA disse que embora a posição geoestratégica portuguesa nos situe mais na chamada «defesa à distância» e consequentemente «na disponibilidade para a coordenação»

haverá toda a disponibilidade da Força Aérea para tal «desde que não se intente o uso do rótulo para o estabelecimento de formas mitigadas de subalternização».

«É possível — acrescentou — que alguma tendência exista para visões arreigadas a um passado que não se sabe ou não se quer ultrapassar, posicionamento indesejável por condenar, de imediato, o desenvolvimento futuro».

Depois da alocução pelo director do IAEFA, general Ferreira Valente, foi proferida a lição inaugural pelo tenente-coronel Carvalho Seabra. Estiveram presentes o ministro da Defesa e individualidades civis e militares.

**Havana designa
embaixador**

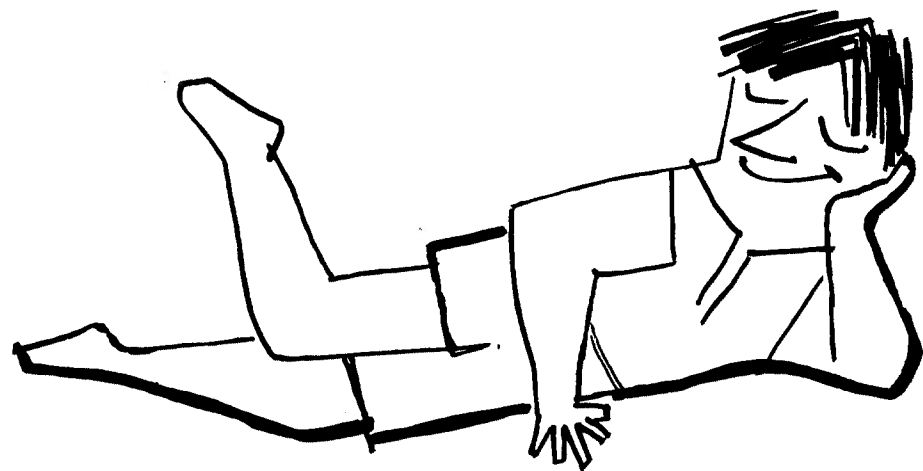
O diplomata cubano, Carlos Lechuga Hevia foi designado para desempenhar o cargo de embaixador em Portugal. A notícia foi dada ontem pelo diário «Granma», porta-voz do governo de Havana.

Lechuga Hevia era director dos organismos internacionais do Ministério das Relações Exteriores até à sua indicação para Lisboa, pelo Conselho de Estado de Cuba.

A designação ocorre depois de, no passado Verão, ter sido nomeado para Havana o diplomata português, Francisco José Knopfli, reactivando as relações entre os dois países, deterioradas há cerca de oito meses, quando o encarregado de Negócios de Portugal em Havana, Francisco Mascarenhas, foi acusado de ligações à CIA.

O Governo de Pinto Balsemão mandou então regressar o encarregado de Negócios a Lisboa e considerou «persona non grata» o embaixador de Cuba em Portugal, Manuel Estevez Perez.

PUB

**vem aí o «jeitoso»...**

Uma
imagem nova
para
uma antiga
casa

**arcadas
do faia**

Sem nunca ter fechado, concluíram-se agora as obras da primeira fase de uma total remodelação em que o novo proprietário do antigo FAIA apostou fortemente, com o propósito de integrar num dos mais típicos bairros de Lisboa um Restaurante que personalize e dignifique a Cidade.

Paralelamente à excelente qualidade do Serviço de Restaurante e Bar, a conhecida casa do Bairro Alto — agora com a designação de ARCADAS DO FAIA — continua a oferecer, durante o jantar, um autêntico 'show' de variedades, que tem provocado os maiores aplausos.

Rua da Barroca, 54-56
1200 Lisboa

Mesas sob reserva:
telef. 326742-321923

RESTAURANT * DINNER SHOW

cidade

Uma tradição artesanal reencontrada

Antigos joalheiros da Coroa estão de volta

Na Travessa da Espera, ao Bairro Alto, a tradição artesanal da ourivesaria portuguesa está de regresso, despertando de um longo torpor e estendendo uma ponte ao compromisso com as novas correntes e conceitos da manufatura dos metais.

O sentido do projecto dos herdeiros espirituais da firma «Leitão & Irmão, Antigos Joalheiros da Coroa» é esse mesmo: prolongar no tempo este domínio dos metais preciosos, imprimindo-lhes a modernidade das novas concepções e práticas estéticas.

Constituída em Julho deste ano, por Jorge Leitão, neto do antigo dono, e por J. Catalão, a nova firma beneficia da herança patrimonial e do saber acumulado pelo «antigo Leitão», à deriva depois que fechou as portas no Chiado, em 1977.

As desinteligências entre sócios não perdoaram, e no ocaso de uma tradição que fez a glória e a fama da casa, «Leitão & Irmão» encerrava um ciclo. De todo esse intenso labor, ficaram umas velhas instalações, que agora constituem o ponto de partida para outros voos.

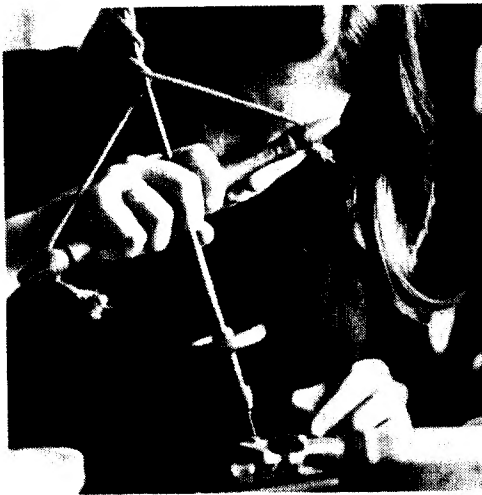
Transmitir um saber

A nova firma dispõe de um valiosíssimo espólio — cunhos, moldes, modelos e patentes — que constitui, só por si, quase um século de história da Ourivesaria portuguesa. Pode contar ainda com a experiência de um punhado de velhos artesãos, para quem chegou a hora de transmitir os segredos às novas gerações.

Teresa Seabra, professora de ourivesaria do ARCO, é o outro



O passado...



...e o presente da ourivesaria artesanal



Teresa Seabra: «As oficinas cada vez são menos e a tradição vai-se perdendo lentamente»



Novos artistas podem estar na «forja»

elo desta iniciativa, investida nas funções de directora artística da nova firma.

«O nosso objectivo é manter o «Leitão» com as qualidades antigas que o celebrizaram, mas

adaptado aos moldes actuais», declarou-nos. Para dar corpo a esta inten-

ção, três jovens alunas de ourivesaria do ARCO preparam já os moldes para a fundição de uma colecção de anéis, a comercializar futuramente. A sua presença permite pensar numa transmissão de conhecimentos por parte dos velhos artesãos, que na maioria ultrapassaram já a casa dos 60 anos.

«Um dia desaparecem, e se ninguém aprender com eles, perde-se tudo», acrescenta a nossa interlocutora.

No entanto, a oficina existente foi mantida por este punhado de artistas durante meia dúzia de anos, contra as maiores adversidades. Autónoma desde 1911 (Morais Simões, Ld.), trabalhava em exclusivo para a joalharia. Com o fim desta, foi necessário reconverter actividades, viver de arranjos.

Com o regresso da «nova geração» a família Leitão, passa a integrar-se juridicamente na empresa.

A importância da oficina pode ainda ser avaliada pelo facto de não existir hoje qualquer escola de ourivesaria no nosso país.

«Antes, a escola era a oficina», recorda Teresa Seabra. «Mas agora, as oficinas cada vez são menos e a tradição vai-se perdendo lentamente».

Abrir aos novos valores

O artesanato de ourivesaria desaparece também por outras razões: não há muitas oportunidades para os jovens mostrarem o que são capazes de fazer.

«O Leitão sempre se caracterizou pela inovação, enquanto outros se limitavam a fazer cópias», sustenta Jorge Leitão.

Das obras notáveis produzidas por aquela casa, merecem

destaque a espada que o rei D. Luís ofereceu em 1887, quarenta e sete anos depois da fundação da firma na cidade do Porto, ao imperador Guilherme, o cálice oferecido pelo mesmo monarca ao papa Leão XIII, por ocasião do seu jubileu, as jóias para o casamento de D. Carlos, a taça Eduardo VII disputada por ocasião da visita daquele monarca a Portugal, e tantas outras preciosidades espalhadas presentemente por vários países.

«Tencionamos continuar a inovar, convidando para o efeito artistas novos e lançando no mercado modelos e peças inéditas, sem perder o sentido do tradicional. Sabemos que não vamos poder competir com o muito e barato que por aí se faz. Explorar ao máximo a qualidade do nosso trabalho, é o desafio».

Antes que o «novo» Leitão possa acolher nas suas instalações os criadores deste outro tempo, muito há ainda a fazer.

As medidas mais urgentes, segundo nos declarou Jorge Leitão, consistem no inventário e arrumação dos modelos existentes, sem esquecer algumas preciosidades — desenhos originais de Columbano, modelos de Lalique, correspondência real, registo de desenhos de jóias — «um autêntico museu», no dizer do nosso interlocutor.

Entretanto, vão iniciar-se as obras de restauro e limpeza das velhas instalações, sem alterar em nada a traça do edifício e a peculiaridade da implantação das oficinas e a transformação de uma sala térrea em área de exposição e vendas.

«Dentro de aproximadamente seis meses, poderemos abrir as portas», conclui Jorge Leitão.

LINOTIPISTA

Competente. Precisa-se. Resposta a este jornal ao n.º 13109

TOTOBOLA AVISO

5.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO (18/11/81)

Por adiamento dos jogos do Campeonato de Inglaterra, COVENTRY-IPSWICH, NOTTS CO. — LIVERPOOL, EVERTON — NOTTINGHAM e BIRMINGHAM — TOTTENHAM, que fazem parte dos bilhetes do 5.º Concurso Extraordinário, os resultados válidos, serão obtidos por sorteio nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos do Totobola.

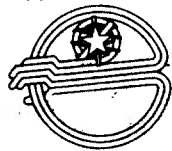
As bolas a introduzir na esfera são marcadas com os símbolos «1», «X», «2» em número proporcional dos prognósticos emitidos pelos órgãos de Informação da seguinte forma:

BOLAS	«1»	«X»	«2»
JOGO N.º 8	4	6	2
JOGO N.º 9	3	3	6
JOGO N.º 10	6	5	1
JOGO N.º 11	5	4	3

Os sorteios que serão públicos realizam-se na próxima quinta-feira às 9 horas na Sala de Escrutínio do Totobola.

Lisboa, 13 de Novembro de 1981

PUB.



SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E URBANOS DO CENTRO

Av. Visconde de Valmor, 34

1093 LISBOA CODEX

Tel. 770066

MOÇÃO

Considerando que o Código de Processo de Trabalho não contempla minimamente as posições divulgadas em tempo oportuno pela CGTP-IN, cujos debates realistas e interessados, permitiram conclusões, que pela sua riqueza, concederiam maior eficácia e dignidade à resolução dos conflitos de trabalho;

Considerando que o Código de Processo de Trabalho aprovado no I Governo da AD/Balsemão, já depois de demitido, e agindo uma vez mais de acordo com os interesses do patronato, coloca os trabalhadores perante os factos consumados;

Considerando que tal aprovação manifesta total falta de respeito pelas competências da Assembleia da República e grosseira violação da Constituição da República Portuguesa;

Considerando que, o Código de Processo de Trabalho para além da sua inconstitucionalidade, as organizações dos trabalhadores não foram previamente ouvidas, o que contraria os princípios consagrados na Constituição da República.

OS DIRIGENTES SINDICAIS DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E URBANOS DO CENTRO, reunidos em plenário no dia 6.11.81, pelas 10 horas, DECIDEM:

1. — Repudiar veementemente a situação confusa gerada pela aprovação pelo I Governo AD/Balsemão, de um novo Código de Processo de Trabalho, o qual revoga o Código anterior aprovado pelo Governo da Eng. Maria Lourdes Pintasilgo, e que deverá entrar em vigor em 1 de Janeiro de 1982, mantendo entretanto, a vigência do caduco Código de 1963.

2. — Apoiar incondicionalmente todas as formas de luta que a CGTP-IN entenda adoptar com vista a conseguir a suspensão do diploma lesivo dos legítimos interesses e direitos dos trabalhadores.

3. — Que o Presidente da República perante a competência que a Constituição comete, solicite ao Conselho da Revolução a declaração de inconstitucionalidade orgânica, formal e material do Decreto-Lei n.º 272-A/81 de 30 de Setembro, que aprovou o novo Código de Processo de Trabalho.

Lisboa, 6.11.1981

A Comissão Directiva
Aprovada por unanimidade

ensino

Sistema educativo assegura "correcta preparação" dos estudantes para a vida activa

O secretário de Estado da Administração Escolar afirmou ontem em Genebra que o actual sistema educativo português assegura uma correcta preparação dos estudantes para a vida activa.

Alexandre Borrego, que discursava na conferência internacional de educação, na qualidade de chefe da delegação portuguesa, disse que a escola em Portugal permitia uma correcta preparação para a vida activa, dando ao estudante o conhecimento de utilização dos instrumentos e técnicas mais adequadas para o exercício da profissão da sua escolha.

Entre as prioridades a concretizar, Alexandre Borrego destacou a generalização da educação pré-escolar a extensão da escolaridade obrigatória e o desenvolvimento das actividades de formação profissional escolar.

O secretário de Estado da Administração Escolar referiu ainda a necessidade de se reforçar a autonomia da Universidade e de desenvolver as actividades de investigação científica e a intensificação da formação de pessoal.

A introdução de um sistema de orientação profissional, a reestruturação dos serviços centrais numa perspectiva de descentralização e regionalização e a revisão das fontes de financiamento no sentido da diversificação foram também apontados por Alexandre Borrego como linhas fundamentais da política de educação do Governo português.

Nota da Redacção — **Perante estas afirmações de um membro do Governo Português ligado ao sector da Educação, numa conferência internacional, não podemos deixar de manifestar aqui o nosso incomensurável espanto!! O telegrama da Anop que nos veiculou a notícia não esclarece se o secretário de Estado da Administração Escolar se referiu à situação real criada pelo actual sistema educativo português ou se manifestou o desejo do que gostaria que fosse esse mesmo sistema educativo. E, por isso, o nosso comentário será necessariamente reduzido. Mas tal como nos chega o texto do telegrama acima transcrito integralmente, parece não haver dúvida que o secretário de Estado afirmou que «o actual sistema educativo português assegura uma correcta preparação dos estudantes para a vida activa». Será erro de tradução? Será erro de interpretação? Será que escolas superlotadas, degradadas, assustadas, constantemente, onde falta o material escolar, professores que se debatem com problemas de formação, cursos que não dão acesso a coisa nenhuma, como os da via profissionalizante do 12.º ano, índice elevado de reprovações, abandono da escola, será que estas são características de um «sistema educativo» que assegura «uma correcta preparação dos estudantes para a vida activa»? E que vida activa? Onde estão os primeiros empregos? Onde estão os canais de integração de um jovem na sociedade, depois da escola tortuosa que se lhe oferece? Enfim, aqui fica o nosso incomensurável espanto e a nossa secreta esperança de que talvez tenha havido erro de tradução. É que assim sempre pensávamos um pouco menos mal dos responsáveis pelo tal sistema educativo.**

Encontro internacional sobre cooperativismo e educação

Decorre no INSCOOP, um encontro internacional sobre cooperativismo e educação, promovido pelo Instituto Piaget (cooperativa para o desenvolvimento da criança).

Os trabalhos tiveram ontem início, sob a presidência de Ferreira da Costa, presidente do INSCOOP, e terminam amanhã, ao princípio da tarde.

Hoje, às 18 e 30, Robert Franck, da Universidade de Lovaina, fará uma comunicação sobre «Fecundidades e limites da Epistemologia de Piaget, face à cooperação escolar»; para as 20 e 30, está prevista a comunicação de Raymond Toraille (do Ministério da Educação de França) sobre «A cooperação dos professores e formação de equipas educativas»; segue-se a comunicação dos professores belgas Jean-Pierre Nossent e Marcel Etienne, «A formação dos adultos e as cooperativas».

Amanhã de manhã, a sessão será preenchida com comunicações de participantes portugueses. Abrirá os trabalhos o director do Instituto Piaget, Oliveira

Cruz, que falará sobre «Bases para uma reflexão socio-epistemológica do cooperativismo»; Barahona Fernandes apresentará a comunicação «Epistemologia de António Sérgio na Educação»; Isabel Marnoto intervirá com «Reflexões à volta de alguns temas centrais da Pedagogia de António Sérgio».

Seguir-se-á um debate sobre «As cooperativas que educação propõem — que educação veiculam».

Seguem-se comunicações de Santana Castilho sobre «Falência do Ensino Estatal; ensino cooperativo como alternativa»; de Maria José Rau sobre «Algumas experiências iniciais de cooperativismo escolar em Portugal: cooperativa escolar, uma forma de educação cívica»; de Carlos Oliveira sobre «Causas sócio-económicas e políticas que permitiram o aparecimento das cooperativas de ensino em Portugal: o problema do ensino em Portugal: a legislação actual sobre cooperativas de ensino».

Haverá em seguida um debate sobre «Cooperativas de educação: que educação cooperativa?»

A sessão de encerramento, às 13 e 30 será presidida pelo director-geral do Ensino Particular e Cooperativo, Pereira Neto.

«O Professor» comemora 10 anos

Um seminário sobre «A educação em Portugal: que pedagogia?» assinalará nos próximos dias 27, 28 e 29, em Coimbra, o décimo aniversário da revista «O Professor». A revista, mensal, foi fundada em 1971, pelos «Grupos de Estudo» organização autónoma de um vasto conjunto de professores democratas. «Dez anos de unidade na luta pela escola do futuro». É o lema das comemorações, cujo ponto culminante será o anunciado seminário. Os trabalhos serão organizados em duas secções: ensino primário/educação infantil, e ensino preparatório/secundário. Os temas previstos abrangem, quanto à Secção A, a pedagogia da leitura e da escrita, pedagogia da iniciação matemática; pedagogia do meio físico e social e pedagogia das actividades de expressão; quanto à secção B as tarefas do ensino e a posição dos alunos perante a escola, orientação escolar e avaliação, utilização pedagógica do espaço escolar e tendências actuais na formação de professores.

A chuva vai fazer a sua aparição na segunda quinzena deste mês, para só parar em finais de Janeiro.

Os serviços do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica prevêem que a quantidade de precipitações na região a norte do Mondego «atingam valores acima da média».

A «promessa» está a suscitar uma onda de preocupações, como consequência das inundações que em anos anteriores assolaram o Porto, nomeadamente na zona ribeirinha.

«A falta de verbas não permite que se tomem medidas de fundo na região Norte, para evitar a eventualidade de cheias», afirmou uma fonte autárquica.

Entretanto, o Comissariado para a Renovação Urbana da área da Ribeira-Barredo, com sede no Porto, revelou que estão a «ser tomadas medidas de protecção nas casas de habitação e estabelecimentos».

Os materiais de construção utilizados nas casas ao nível do rés-do-chão são especialmente indicados para resistir aos efeitos de eventuais inundações — disse a mesma fonte.

Os comerciantes estabelecidos na área dispõem de espaço próprio, em pisos superiores, para, em situações de emergência, acautelarem e salvaguardarem as suas mercadorias e outros bens.

Quanto às habitações — disse Manuel Ribeiro — foram criadas condições de saída que proporcionam à população ali residente acesso fácil a zonas não atingidas pelas águas, «sem ser necessário recorrer às habituais situações de desalojamento».

Manuel Ribeiro afirmou ainda que «o Comissariado apenas pode intervir no âmbito da sua actividade, restaurando e preservando os prédios da zona, com respeito pelo seu traçado original, protegendo a obra que nesse sentido vem realizando, e não podendo de outra forma minorar os efeitos de eventuais cheias no Douro».

Algarve entre seca e dilúvio

Mais a Sul, toda a gente sonha com a chuva, mas ninguém sabe que quinze minutos de dilúvio podem transformar os centros urbanos em lagos: é o panorama que o Algarve pode oferecer.

As previsões dos serviços de meteorologia apontam, também para aquela zona, para chuvas abundantes a partir da próxima segunda-feira.

Entretanto, a opinião dos bombeiros algarvios é pessimista.

Canto Livre em Almada

Paulo de Carvalho, Fernando Tordo, Carlos Paredes, Luís Basto, José Jorge Letria — eis alguns dos artistas que amanhã actuarão pelas 21 horas no salão de festas da «Incrível Almada» num espectáculo de canto livre.

Este «show» encerra os festejos que, durante todo o dia, decorrem na cidade de Almada, no fecho da campanha de fundos organizada pelo PCP local, para a construção de uma sede. Joaquim Gomes, do Comité Central do PCP, estará presente no mesmo dia num almoço de confraternização no Pavilhão da Romeira.

O «dilúvio» está a chegar?

A chuva que se deseja pode inundar o país de norte a sul

mista quanto à eventualidade de inundações.

«Elas são previsíveis», afirmam, «em virtude da região estar a sofrer uma seca que não tem permitido o escoamento dos diversos tipos de resíduos acumulados nas condutas».

O comandante da corporação de Faro não tem dúvidas em afirmar que «haverá inundações que farão as águas transbordar».

Situação semelhante poderá vir a registar-se em Albufeira, onde 15 minutos de chuvas abundantes transformarão a zona baixa da vila num lago.

No entanto, todas as Câmaras contactadas pela ANOP — Vila Real de Santo António, Faro, Portimão, Olhão e Lagos

— afirmaram ter efectuado trabalhos de limpeza, nomeadamente das sargetas, prevenindo a chegada das chuvas.

Nos últimos anos, não se registou no Algarve qualquer tipo de inundações e, pelo contrário, a região Sul do País vem-se debatendo com uma grave seca, que este ano, como é do conhecimento geral, levou o Governo a declarar a zona em situação de «pré-catástrofe».

Para as Câmaras, que estão a braços com problemas de abastecimento de água, e para os agricultores, sem poderem regar as culturas, falar de chuva é, antes do mais, mencionar uma virtual «bênção divina».

Nestas circunstâncias, al-

guns responsáveis ligados ao saneamento básico das autarquias não esconderam o seu espanto quando inquiridos sobre as medidas preventivas para evitar inundações.

Em situação normal, é opinião unânime de que não haverá problemas de maior.

Mas em caso de chuvas torrenciais, como vêem os autarcas o problema?

Em Olhão, por exemplo, segundo o presidente da edilidade, não se está a contar com enxurradas, mas se isso suceder, haverá problemas resultantes do facto da rede de escoamento das águas pluviais ser «muito velha».

Faro, é outro caso bido. Chuvas intensas e marés-vivas associadas, causariam a inundação da parte baixa da cidade.



TELHEIRAS SUL

ao Campo Grande

uma nova perspectiva para viver



134 andares de 4 e 5 assoalhadas aguardam a sua inscrição até 14 de Dezembro

2.960.000\$00 a 3.440.000\$00

Apoio de infraestruturas fundamentais:

- Unidades escolares
- Centro para a Terceira Idade
- Cinema e Centro Comercial

Informe-se no andar modelo em Telheiras Sul - Edifício G3/4

Rua Prof. Delfim Santos n.º 1 - 2A

Licença de construção n.º 66/81 - Prazo de entrega dos andares Junho de 82 - Direito de superfície: Dec. Lei n.º 794/76



Serviços Comerciais da EPUL

Alameda das Linhas de Torres, 198 — Lisboa

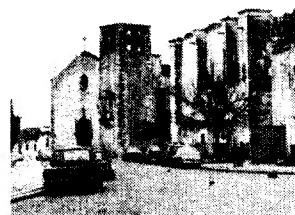
EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA

de ontem para hoje

Alarme de bomba em Portimão

Um falso alarme de bomba motivou ontem de manhã a suspensão das aulas no Liceu de Portimão. Em telefonema para os bombeiros daquela cidade algarvia, um indivíduo que se intitulou membro das Forças Armadas afirmou que uma bomba rebentaria no liceu entre as 10 e 30 e as treze horas. Ao mesmo tempo que o Conselho Directivo daquele estabelecimento de ensino mandava suspender as aulas um especialista em minas e detadilhas da PSP procedeu a buscas sem que tivessem detectado algo de anormal. As aulas viriam a ser retomadas no período da tarde.

Na Casa do Alentejo: Semana do Concelho de Moura



Na Casa do Alentejo, em Lisboa, está a decorrer a Semana do Concelho de Moura. Do programa consta uma exposição sobre as actividades autárquicas, pintura, artesanato, empreendimento de Alqueva e produtos regionais. Anteontem à noite realizou-se um colóquio sobre o tema «Alentejo que Desenvolvimento?», com a presença de Urbano Tavares Rodrigues, Mário Zambujal e elementos da Câmara de Moura. Amanhã, a partir das 13 horas, haverá um almoço de confraternização durante o qual actuarão os grupos corais das Casas do Povo de Safara e da Amareleja, as bandas filarmónicas de Moura, «Os Amarelos» e «Os Leões», e ainda poetas e cantores populares.

Covilhã pretende: restos mortais de Frei Heitor Pinto

O presidente do Município de Toledo visitará a Covilhã em Janeiro, a convite da comissão encarregada da trasladação dos restos mortais de Frei Heitor Pinto para aquela cidade portuguesa. Segundo foi ontem anunciado, por outro lado, as autoridades portuguesas e espanholas tentam assinar um acordo de geminação entre a Covilhã e Toledo.

Caldeira da Silva: vice-presidente da Federação Internacional dos Hospitais

José Manuel Caldeira da Silva, da Escola Nacional de Saúde Pública, foi eleito vice-presidente da Federação Internacional dos Hospitais, segundo anunciou ontem o Ministério dos Assuntos Sociais. A eleição ocorreu durante o Vigésimo Segundo Congresso da Federação que decorreu em Sidney, na Austrália. A Federação Internacional dos Hospitais é uma organização que engloba as instituições e serviços hospitalares da maior parte dos países do Mundo.

Central a carvão perspectiva: levantamentos sísmicos na Madeira

Levantamentos hidrográficos sísmicos serão feitos em toda a costa Norte e Sul da Ponta de S. Lourenço na Madeira. Os levantamentos, assim como uma recolha de amostras do fundo do mar, serão efectuados pelo Instituto Hidrográfico da Marinha Portuguesa, a pedido do Governo da região. O objectivo destes estudos, segundo foi ontem revelado no Funchal, é saber da viabilidade de implantação de uma central eléctrica a carvão, da zona franca e respectivo porto, no Caniçal. O último levantamento hidrográfico da Madeira data de 1937 e foi feito a escala de um por 80 mil. Os próximos serão efectuados em três escalas, um por dez mil, um por cinco mil e um por mil.

tuto Hidrográfico da Marinha Portuguesa, a pedido do Governo da região. O objectivo destes estudos, segundo foi ontem revelado no Funchal, é saber da viabilidade de implantação de uma central eléctrica a carvão, da zona franca e respectivo porto, no Caniçal. O último levantamento hidrográfico da Madeira data de 1937 e foi feito a escala de um por 80 mil. Os próximos serão efectuados em três escalas, um por dez mil, um por cinco mil e um por mil.

Lançado um jornal: «Semana da Criança» em Alverca do Ribatejo

«A Semana da Criança», a que em boa hora o Centro de Bem-Estar Infantil de Alverca do Ribatejo meteu ombros, encerra amanhã no Salão Filarmónico de Alverca, onde durante sete dias estiveram patentes ao público trabalhos infantis de expressão plástica. «A Semana da Criança» continua esta noite com um colóquio sobre o tema «A Educação de Infância na Construção do Homem Novo», no Salão Paroquial daquela vila do concelho de Vila Franca, em que participam o psicólogo infantil Cascaes Painho e as técnicas de educação Maria João Ataíde e Rita Brandão, esta do próprio CBEI. Amanhã, a banda da FAP actuará no Campo de Jogos do Alverca com os seus cem músicos, sob a direcção do tenente Costa Marques. Entretanto, e ainda hoje, o CBEI lançará o jornal «Despertar», por iniciativa de Álvaro Vidal, publicação destinada a temas infantis e de Educação.

Congresso em Espanha: «Navegabilidade Fluvial da Península Ibérica»



O Primeiro Congresso Nacional sobre Navegabilidade Fluvial na Península Ibérica, iniciou-se ontem em Zagarza (Espanha). Ao congresso, organizado pela Associação Nacional de Engenheiros Civis e Navais de Espanha, assistem cerca de cem técnicos que, durante dois dias, estudarão dezasseis comunicações sobre o assunto. Durante os trabalhos (que contam com a presença de observadores portugueses) será dado especial relevo às perspectivas de navegabilidade no rio Douro e ainda nos rios Guadalquivir e Ebro.

Por não pactuar com farsas

Associação de Deficientes deixou comissão para o Ano Internacional

A Associação Portuguesa de Deficientes saiu da Comissão Executiva Nacional para o Ano Internacional de Deficientes por o Governo «não ter cumprido as suas promessas» em relação a esta iniciativa, segundo um comunicado da APD. Ao mesmo tempo que a associação toma esta posição, a AR discutia e aprovava um projecto do PCP garantindo o direito dos deficientes ao transporte, iniciativa que todos os partidos, de resto, votaram.

Os escassos 75 mil contos que o Governo prometera para as comemorações foram reduzidos para 30 mil, razão por que a APD não participa no AID (Ano Inter-

nacional do Deficiente), apesar de ainda ontem os partidos da maioria terem argumentado na Assembleia da República que proporia várias alterações ao projecto, de modo a que as organizações de deficientes participem mais activamente na resolução dos seus problemas. Pergunta-se: «cortando» uma verba prometida de 75 mil em 45 mil contos?

A crítica fundamental da Associação relativamente ao Governo vai para a «falta de cumprimento» no plano nacional de acção, divulgado em Março e que «apesar de não ser um documento completo» tinha sido elaborado com base em reuniões de deficientes e continha

«algumas das propostas por eles mais sentidas». A APD apresenta uma lista de 17 pontos, em que afirma que o plano nacional de acção não foi posto em prática, designadamente quanto ao desenvolvimento dos serviços de apoio ao deficiente no trabalho.

Outra das críticas é a de não terem sido criados Centros de Reabilitação Profissional de Coimbra, Évora, Faro e Sintra, nem reestruturados os já existentes, principalmente o de Alcoitão. A Associação queixa-se também de não ter sido reformulado o sistema de pensões de reforma por invalidez e de não se ter concretizado o apoio à orga-

nização dos sinistrados do trabalho, para a qual havia um projecto de criação de cooperativas.

A nível legislativo a APD condena que «não tenham sido tomadas medidas que facilitassem o acesso do deficiente ao mercado de emprego», quer na Função Pública quer no sector privado, e que regulamentassem o sistema de trabalho protegido e do ensino especial. «A APD bateu-se para que o AID não fosse uma farsa» — afirma a Associação, que se propõe «não dar cobertura a Governos que não dediquem aos direitos dos deficientes a atenção que merecem e que até têm expressão constitucional».

Bilelo foi como testemunha de defesa

Vereador PS de Ílhavo continua a ser julgado

A presença do presidente da Câmara de Ílhavo, como testemunha de defesa, foi a nota dominante da segunda audiência do julgamento do vereador Senos da Fonseca, que ontem realizou no tribunal de Aveiro.

Senos da Fonseca está a ser julgado por alegada desobediência a PSP que, chamada a intervir pelo presidente da Câmara de Ílhavo no dia 30 de Outubro, o forçou abandonar a mesa de trabalhos do município e o conduziu sob prisão para a esquadra de Aveiro.

O autarca do PS recusara-se a acatar uma ordem do presidente da edilidade, que considerou ilegítima, que impedia a sua continuação no exercício do cargo para que fora eleito.

José Bilelo, o presidente explicou agora aos juizes que não aguardou pela decisão dos tribunais competentes, quanto à declaração de perda de mandato, porque se tinha baseado num caso análogo verificado naquela Câmara relativamente a um vereador do CDS.

Outra testemunha de defesa, o vereador da APU, João Carvalho dos Santos, declarou que nada mais presenciara, na sala de sessões, do que um «convite amável» dos agentes para que Senos da Fonseca os acompanhasse, no que foram notou prontamente obedecidos.

O presidente do tribunal, José Augusto Macário, considerou que determinadas afirmações de Carvalho dos Santos estavam fora de causa.

O director do Museu Municipal de Ílhavo, Frederico de Moura foi também ouvido como testemunha de defesa.

O tribunal, a pedido da defesa, tentou aclarar as razões que levaram a que tivesse decorrido um período de cinco meses entre a data de apresentação e pagamento da factura e a da perda de mandato.

Senos da Fonseca é apontado, curiosamente, de ter sido o causador directo do afastamento do outro vereador, Vaz Craveiro do CDS, por acumular as fun-

ções de edil com as de consultor jurídico remunerado do município.

Da declaração da perda de mandato, deliberada maioritariamente pelo executivo ilhavense, Senos da Fonseca interpôs recurso para o Tribunal da Auditoria Administrativa.

Senos da Fonseca entende que deve continuar como vereador enquanto o recurso não for apreciado.

Tanto a defesa, a cargo do advogado Carlos Candal, como o procurador da República, António Espanhol, não prescindiram do recurso, pelo que os depoimentos são reduzidos a escrito, daí a morosidade que fez com que a segunda audiência se prolongasse até às 00 e 15 de hoje.

Na primeira audiência, que decorreu no dia 2, o tribunal ouviu as testemunhas de acusação: o comandante e três agentes da PSP de Ílhavo.

O julgamento prossegue dia 26, às 15 e 30 para alegações.

Nova ponte sobre o Douro

PORTO, 13 — O executivo camarário portuense decidiu ontem bater o pé ao Governo. Quase por unanimidade, já que apenas um vereador do PSD, Luís Woodhouse, se opôs. Em causa está a construção da nova ponte ferroviária sobre o Douro, problema que tem suscitado grandes polémicas e que o Governo quis resolver unilateralmente.

Com efeito, o Conselho de Ministros decidiu recentemente que a nova ponte ficaria localizada 300 metros a montante da de D. Maria Pia. A decisão foi já publicada no «Diário da República». A Câmara

soube pelos jornais. Mais grave ainda é o facto de ter sido criado um gabinete para tratar do assunto sem nenhum representante das Câmaras, quer de Gaia quer do Porto.

A tudo isto a Câmara portuense disse não. E exige a revogação da decisão, nestes termos: «a Câmara... delibera: lamentar vivamente e protestar perante a decisão do Conselho de Ministros tomada unilateralmente pelo Governo, à revelia da segunda maior Câmara do País e contra os interesses maioritários de todo o Norte; exigir que seja revogada

tal decisão e que a Câmara do Porto e as directamente interessadas neste importante problema, tenham participação efectiva no estudo da solução de tão indispensável empreendimento».

A decisão do Conselho de Ministros é contrária à deliberação unânime da Câmara e rompe com compromissos assumidos pelo anterior ministro das Obras Públicas.

Esta manhã, o presidente da Câmara de Gaia, Hermegildo Tavares, disse ao «DL» que o problema poderá ser também analisado na próxima reunião do executivo gaiense mas que aquilo que se coloca com grande premissa é a construção da ponte rodoviária.

Para Aveiro e Bragança

Guarda vai ter duas vias rápidas

A região da Guarda poderá passar a dispor a curto prazo de um eixo rodoviário de extrema importância para a Beira Alta, Trás-os-Montes e a região interior serrana, caso além da via rápida praticamente assente e ligando Vilar Formoso e Aveiro, vá para a frente a variante (também via rápida) Bragança-Castelo Branco.

O presidente da Câmara da Guarda, que se deslocou a Lisboa no princípio desta semana e que ainda não ultrapassou o impasse criado pela demissão de dois autarcas socialistas da CM egitanense, está optimista quanto à construção da segunda variante e com a adjudicação da primeira praticamente formalizada. A via rápida Vilar Formoso/Aveiro ficará situada a partir do Outeiro de S. Miguel, enquanto a segunda se localizará perto de Cabreira.

Abílio Curto adiantou em Lisboa que esta resolução aguarda apenas informação oficial, pelo que a Guarda poderá tornar-se a curto prazo um apreciado pólo de atracção turística como fonte de receitas locais, dada a sua primazia agrícola e tenuemente comercial. Os autarcas guardenses depositam grandes esperanças nessa perspectiva como arranque para a revalorização e desenvolvimento da região.

Por outro lado, e apontando já no sentido agro-turístico-comercial, a cidade da Guarda, será palco, na próxima Primavera, da sua primeira Feira da Agricultura, esperando que nessa altura o Governo israelita ou da cidade de Safed, estejam presentes no certame. A Guarda, é bom que se diga, assinará em breve um protocolo relativo à sua geminação com a cidade israelita de Safed.

AGRADECIMENTO

A família de Requelindo Mendonça Pinto, vem por este meio agradecer a todo o pessoal do «INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA», do 5.º Piso em particular aos srs. drs. Sacadura, Costa Ramos, Geribaldo e Silva e amiga Helena Amaro, que de qualquer forma mostraram dentro da sua competência e condições humanitárias todo o carinho e dedicação na grande luta que travaram contra a morte que nos tirou o nosso ente querido. A todos vós, não dezanimeis continuem na procura da salvação das vidas que nas vossas mãos são entregues.

Serviços Municipalizados
da
Câmara Municipal do Barreiro

ADMITEM
UM AJUDANTE DE ELECTRICISTA
DE AUTOMÓVEIS

Estão abertas pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação do presente aviso, inscrições para admissão do lugar em epígrafe para o Departamento Oficial a que corresponde o vencimento de acordo com a legislação em vigor.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 4 de Novembro de 1981.

O Presidente do Conselho de Administração
Dr. Alfredo Rodrigues de Matos

Criação da Sanicer poderá lançar no desemprego centenas de trabalhadores

Os trabalhadores da Fábrica de Louças de Sacavém divulgaram um comunicado em que se insurgem contra os perigos que ameaçam aquela empresa, com a criação da Sanicer, fábrica a construir no Carregado e que se destina à produção de louça sanitária. O documento salienta o facto de os accionistas da nova empresa serem na sua quase totalidade os mesmos da Fábrica de Louças de Sacavém.

O comunicado que acusa a administração de violação da legislação laboral vigente (nomeadamente com a ocupação

das instalações usadas pelas estruturas representativas dos trabalhadores), considera a criação da Sanicer como «uma manobra envolvente lesiva dos seus interesses e dos da própria empresa».

Ainda de acordo com o documento, a criação da Sanicer terá como consequências o lançamento de muitas centenas de trabalhadores no desemprego, pelo que foi marcada para a próxima quinta-feira uma concentração de protesto junto às instalações da fábrica, em Sacavém.

Trabalhadores da Datsun vão paralisar dois dias

Os trabalhadores do Entrepósito Comercial vão entrar em greve por um período de 48 horas, nos próximos dias 16 e 17. Em causa um caderno reivindicativo que contempla a imediata passagem dos contratados a prazo a efectivos, um aumento salarial de 27% a partir de Julho do corrente ano, diuturnidades, complemento de subsídio de doença, complemento de reforma, subsídio de transporte e infantil.

Os trabalhadores que, segundo documento ontem divulgado, se afirmam «credores da Administração em cerca de 5% do seu salário mensal desde Janeiro/81», apresentaram o respectivo caderno reivindicativo já em Junho. A Administração, afirma a Comissão Negociadora Sindical (CNS), tem considerado as propostas dos trabalhadores «irrealistas», limitando-se a fazer uma «ridícula proposta» de aumentos salariais de sete por

cento.

Os responsáveis da empresa dizem não poder corresponder às reivindicações dos trabalhadores por existir uma elevada percentagem de absentismo e uma quebra de produção. No entanto, a CNS, com base no Relatório e Contas, da responsabilidade da Administração, constatou que, nos últimos três anos enquanto a parte do rendimento distribuído aos trabalhadores tem decrescido (sendo significativamente mais pequena no ano em que a riqueza criada atingiu os valores mais elevados - 1980) a produtividade aumentou na mesma razão proporcional inversa.

Os trabalhadores manifestam ainda a sua preocupação quanto ao possível desmembramento da empresa, citando ligações com o projecto Renault de que resultaria a «criação de um grupo económico centralizador destas empresas, separando os sectores rentáveis e os menos rentáveis».

CGTP disposta a endurecer luta

A CGTP declarou ao ministro do Trabalho, Queirós Martins, estar disposta a intensificar e endurecer a luta dos trabalhadores no sentido de «levar este Governo a demitir-se se a política laboral continuar a desfavorecê-los».

Esta posição da CGTP foi divulgada por José Ernesto Cartaxo, que integrava a delegação daquela central sindical que se avistou com Queirós Martins, numa reunião convocada pelo ministro.

A reunião, que durou cerca de três horas, teve por objectivo debater a revisão da legislação laboral.

José Ernesto Cartaxo disse que foi também abordado, entre outros temas, o conflito que actualmente se faz sentir no sector dos têxteis «nomeadamente, a repressão que está a atingir trabalhadores do sector, na zona da Covilhã».

Tanto este assunto, como os

SOPETE

quer tirar 2 mil contos aos trabalhadores

PORTO, 13 (Da nossa delegação) — A SOPETE, Sociedade de Empreendimentos Turísticos, da Póvoa de Varzim, «quer que os trabalhadores da construção civil que para ela trabalham devolvam dois mil contos que teriam recebido a mais de Fevereiro a Julho e respeitante a trabalho extraordinário realizado ao sábado, para acabamento das «piscinas novas», afirma em comunicado o Sindicato da Construção Civil do Porto. Este órgão de classe sublinha que um representante da SOPETE disse no Ministério do Trabalho que não interessavam à empresa os dois mil contos, mas que exigia a devolução do dinheiro que acha ter pago a mais, apenas por uma «questão de princípio».

Metropolitano em greve na próxima quarta-feira

Os trabalhadores do Metropolitano, reunidos em plenário, decidiram fazer uma greve de 24 horas, no próximo dia 18, como forma de protesto contra o impasse a que se chegou nas negociações de revisão do acordo de empresa.

Numa moção aprovada durante a referida reunião, os trabalhadores deram também o seu apoio à proposta apresentada pela Comissão Negociadora Sindical ao Conselho de Gerência que se traduz «na revisão do enquadramento desde que se acorde que as tabelas salariais sejam negociadas prioritariamente e que os resultados dessas negociações sejam imediatamente aplicados».

Entretanto a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Escritórios e Serviços anunciou também que decretou a greve para os seus associados.

Messa

Os trabalhadores da Messa, fábrica de máquinas de escre-

ver, vão decidir em plenário, a realizar na próxima terça-feira, um conjunto de acções no sentido de chamar a atenção para a situação da empresa, que, a manter-se, terá «consequências extremamente graves».

Entretanto o «Estudo Demonstrativo da Viabilidade Económica da Messa», da responsabilidade dos trabalhadores da empresa, entregue no final do mês de Outubro às entidades responsáveis por este assunto «não mereceu, até ao momento, qualquer resposta efectiva», anunciou a CT da Messa.

Como forma de dar a conhecer as realidades da empresa e para esclarecer «ideias erradas» quanto às suas reais capacidades, os representantes dos trabalhadores endereçaram convites ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, vários ministros, deputados, partidos com assento na AR, Instituto de Participações do Estado e aos órgãos de Comunicação Social.

CTT

O SNTCT e o Sintel, sindicatos com maior representatividade nos CTT, contestaram a possibilidade de o Governo publicar uma portaria de extensão aos trabalhadores da empresa não filiados nos sindicatos outorgantes do acordo salarial publicado no Boletim de Trabalho e Emprego n.º 35. Segundo aqueles organismos representativos dos trabalhadores, tal medida visa anular a contratação colectiva e substituí-la por meros actos administrativos.

Tal facto, considerado um «atentado ao direito e liberdade de negociação» será denunciado à OIT, anunciaram aqueles sindicatos.

O SNTCT e o Sintel representam mais de 20 mil trabalhadores enquanto o sindicato outorgante possuía na altura da celebração do acordo, apenas 78 associados.

A CGTP considera a UGT como

“um instrumento do patronato e da reacção”

A CGTP/IN considerou «completamente absurdo» que esteja a tentar aproximar-se da UGT, tendo em vista o seu pedido de filiação na Confederação Europeia de Sindicatos (CES).

Em comunicado, o Secretariado da central sindical afirma que mantém exactamente na mesma a sua posição relativamente à UGT e «sem a considerar como inimigo principal, face

ao seu comportamento não pode deixar de a definir como um claro e evidente instrumento do patronato, do Governo e da reacção».

A UGT — que poderá vir a entrar ainda este ano para a CES — tinha afirmado publicamente que apoiaria a entrada da CGTP-IN se, entre outras condições, esta a reconhecesse.

O comunicado da CGTP-IN afirma que pediu a filiação na

CES «pelo direito que os estatutos desta organização lhe conferem, e por considerar que esta organização poderá vir a desempenhar um papel importante na unidade do Movimento Sindical da Europa Capitalista».

No entanto, esclarece que «nunca trocará a sua filiação em qualquer organização internacional a troco da abdicação oportunista dos seus princípios de classe».

Entretanto, a USL e do departamento de Informação da CGP publicaram comunicados em que protestam contra a violência policial. No comunicado da CGTP afirma-se que «as forças militarizadas no cumprimento das ordens do Governo AD, constituem uma clara e frontal violação dos direitos sindicais dos trabalhadores, designadamente do direito à greve que a Constituição consagra e prenciam os designios mais profundos da coligação reaccionária que detém o Poder para limitar as liberdades sindicais e democráticas».



Uma calculadora que pensa, é um computador.

A T.I.55-II é uma calculadora extremamente poderosa.

E tem óptima apresentação, dispondo dum visor levemente inclinado de forma a proporcionar uma leitura mais fácil.

A T.I.55-II tem 8 memórias e mais de 100 funções.

Dispõe ainda de uma nova tecla, muito fácil de utilizar, para «integração», o que permite o cálculo rápido de integração numérica.

A T.I.55-II efectua cálculos de estatística, conversões entre sistemas de medida diferentes, combinações e permutações.

Os dados podem ser inseridos no formato standard, científico ou engineering.

Os cálculos repetitivos são facilmente

resolvidos, dado que a memória constante tem uma capacidade de armazenagem de até 56 passos.

Acima de tudo, a T.I.55-II é uma máquina de precisão — dispõe de 11 dígitos.

Francamente a T.I.55-II não é uma calculadora para toda a gente.

Mas para matemáticos, cientistas e engenheiros, é concerteza a escolha que se impõe.

A Texas Instruments dispõe

de uma extensa rede de fabricação e assistência em todo o mundo. Qualquer problema é, regra geral, resolvido rapidamente e sem perda de tempo.



Proporcionamos melhores resultados.

TEXAS INSTRUMENTS

Dúvidas sobre o êxito da missão 'Columbia'

A avaria técnica que obrigou a reduzir a duração do voo do veículo espacial «Columbia» poderia ter provocado uma catástrofe na nave, mas a NASA insiste que os astronautas não correm perigo.

Um porta-voz do Centro Espacial Johnson, de Houston, fez notar que a decisão de reduzir a três o voo previsto de cinco dias, é uma medida de precaução.

«Ante um possível perigo para os astronautas, porque não faze-los regressar antes?» — perguntou.

Um porta-voz da NASA disse não existir um perigo imediato para os astronautas e que esta agência espacial está muito interessada em efectuar certas experiências antes de decidir precipitadamente o regresso.

Essencialmente, a NASA pretendia ensaiar hoje o potente braço mecânico articulado, de 15 metros de comprimento.

Este braço, construído no Canadá, poderá ser utilizado, no futuro, para colocar em órbita satélites artificiais e para recolher no espaço os que sofram avarias.

No Centro Espacial Johnson de Houston, existe uma certa sensação de desânimo e inquietação pela avaria do gerador, mas sublinha-se que o essencial, agora, é a segurança dos astronautas.

As normas da missão espacial, indicou o porta-voz da NASA, exigem que, se um dos geradores deixa de funcionar, se deve encurtar a viagem.

O Centro Espacial de Houston espera, entretanto, que os astronautas possam, no âmbito do programa denominado «missão mínima», realizar as experiências mais importantes planeadas para a viagem.

A nave «Columbia» deverá aterrar na base da Força Aérea de Edwards, na Califórnia, local do seu regresso, quando da sua primeira viagem no espaço.

Demissão recusada na Casa Branca

O director do orçamento dos Estados Unidos, David Stockman, apresentou hoje a sua demissão, tendo, contudo, o presidente Ronald Reagan recusado, anunciou um informador governamental.

Stockman tem estado ultimamente a ser alvo de pressões de diversos sectores do executivo norte-americano, devido às suas críticas públicas à política económica do presidente Reagan.

Gregos contra ogivas nucleares

A Grécia decidiu tomar medidas unilaterais para a retirada de ogivas nucleares do seu território, independentemente de qualquer plano geral dos Balcãs nesse sentido — disse o ministro da Imprensa.

Dimitris Maroudas afirmou que Atenas «actuará» unilateralmente para a remoção de armas nucleares deste país» e espera que, com o tempo, seja possível criar uma zona balcânica livre de armas nucleares.

A despeito das propostas de outros países balcânicos e da União Soviética para a criação de uma Zona Livre de Armamento Nuclear na Região Balcânica, «isso levará tempo» — comentou Maroudas aos jornalistas.

Movimento anti nuclear ressurgue nos EUA

O movimento antinuclear ressurgiu quarta-feira com vigor nos Estados Unidos com acções de protesto em mais de 150 Universidades norte-americanas, escreve a agência noticiosa EFE.

antinuclear coincidiu com a celebração do «Dia dos Veteranos» instituído para homenagear os soldados que combateram nas guerras em que os Estados Unidos participaram ao longo da sua História.

As acções de protesto foram organizadas pela «União dos Cientistas Preocupados» de Cambridge, que conseguiu assegurar a participação de cientistas e dirigentes políticos.

Num discurso proferido perante cerca de 1500 estudantes da Universidade da Califórnia em Los Angeles, o governador do Estado, Jerry Brown, considerado «fervoroso opositor do armamentismo atómico» comparou os Estados Unidos e a União Soviética «a dois bêbados numa taberna».

O holocausto nuclear é tão possível como uma drástica e permanente redução de armamentos, frisou, alertando para os

riscos de uma disseminação nuclear por outras acções além das duas superpotências.

Owen Chamberlain, vencedor do Prémio Nobel e membro da equipa que fabricou a bomba atómica, afirmou, por seu turno, que «os cientistas consideram a guerra nuclear uma guerra suicida, sendo impossível concebê-la como limitada».

O mundo enfrenta o perigo de uma guerra nuclear, declarou Henry Kendall, presidente da união organizadora do movimento de protesto antinuclear nas Universidades e professor de Física no Instituto de Tecnologia de Massachussets.

Em Boston, Paul Warnke, o principal negociador norte-americano dos acordos de limitação das armas estratégicas entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a administração de James Carter, criticou «a escalada armamentista dos dois países».

Militarmente, disse, estas novas armas nada acrescentam à nossa força mas os nossos dirigentes consideram-nas necessárias para evitar a mensagem correcta aos seus rivais.

Entretanto, a «New England Journal of Medicine», a mais prestigiosa revista de informações médicas americana, publicou na sua edição de ontem um artigo do dr. Herbert Abrams, professor de Radiologia da Escola de Medicina de Harvard. Segundo este médico, os sobreviventes duma guerra nuclear encontrariam pela frente uma outra ameaça: os milhares de milhões de insectos que se espalhariam pelo mundo nutrido-se dos cadáveres abandonados.

O prof. Herbert Abrams imagina a queda de uma bomba de 6559 megatoneladas sobre os Estados Unidos, ou seja 524 720 bombas do tipo da que foi lançada sobre Hiroshima: 60 milhões de americanos poderiam escapar à morte, mas as radiações tornariam mais frágeis à infecção.

O médico enumera a seguir as doenças que atacariam os sobreviventes: hepatite, desintéria, tifo, malária, febre dengue, encefalite, sem falar da raiva, da peste, da tuberculose, da pneumonia e outras infecções. Já para não falar das lutas pelo acesso aos alimentos e aos combustíveis.

Na Europa

Trinta e três por cento dos alemães ocidentais são a favor de uma RFA neutralista, segundo uma sondagem-relâmpago ontem efectuada pelo Instituto Demoscópico de Allenbach a cujos resultados foram divulgadas pela estação radiofónica «Westdeutscher Rundfunk».

Uma sondagem publicada ontem em Paris, revela que, 55% dos franceses apoiam os actuais movimentos pacifistas.

O inquérito publicado pelo jornal «VSD» acrescenta que 59 por cento dos franceses considera possível que antes de dez anos rebente uma guerra na qual a França estará envolvida.

Entre os defensores do actual Governo, 65 por cento apoiam o aparecimento na Europa das grandes manifestações populares ocorridas em vários países contra os perigos da guerra atómica e a favor do desarmamento das superpotências, salienta a sondagem.

Entre os partidários da oposição liberal-conservadora, 49 por cento dos entrevistados pronunciaram-se a favor dos movimentos pacifistas.

CGT desbravou o caminho

Frente comum na Argentina contra a ditadura de Viola

O êxito da manifestação de sábado passado em Buenos Aires, que reuniu mais de 50 mil pessoas, num desfile em direcção à catedral de San Gaetan, desbravou, segundo observadores, o terreno de luta de uma frente comum — partidos de esquerda, sindicatos e Igreja — contra a junta militar presidida pelo general Viola e o seu Governo, mergulhado numa crise económico-social sem precedentes.

A manifestação foi convocada pela Confederação Geral do Trabalho. Apesar do estado de sítio — que agora entrou no seu sétimo ano — o desfile, classificado por alguns como marcha-proclamação, parece não ter ferido

os autores da lei que, desde 1976, pesa sobre todas as actividades políticas ou sindicais.

Por duas vezes, nos últimos seis meses, o Governo conseguiu levar ao malogro as iniciativas da CGT, quer proibindo a greve geral de Julho passado, quer impedindo as manifestações da festa peronista de Outubro. Contudo, agora, não soube ou não quis opor-se a um apelo à oração «pela paz, pelo pão e pelo trabalho».

«A situação é de tal modo crítica que as pessoas já perderam o medo aos avisos do Governo e às ameaças da Polícia», declarou, a propósito, um dirigente da CGT.

«Ao oporem-se à CGT, os mili-

tares ter-se-iam oposto à Igreja, o que nem se pode pensar, na actual situação», consideram, por seu turno, meios políticos e diplomáticos de Buenos Aires. Nova manifestação do género pode, agora, «levar às ruas milhares e milhares de pessoas».

Os mesmos círculos adiantam que o aval da Igreja foi determinante: a Igreja está a fazer sentir todo o seu peso, não apenas para conseguir progressos na mediação papal do conflito sobre o canal de Beagle, entre a Argentina e o Chile, mas também, a nível interno, no plano político, económico e social.

Convidar os argentinos a rezarem «pela paz» era, da parte da CGT, apoiar os esforços do Vati-

cano, quanto a rezar «pelo pão e pelo trabalho», seria também apoiar a Igreja que, nas homilias de domingo passado, exortou o Governo argentino a lutar contra o desemprego, contra a fome e pelo regresso às instituições democráticas.

Aliás, a Conferência Episcopal argentina prepara-se para publicar o seu segundo documento deste ano. Arcebispos e bispos darão a conhecer as suas propostas de solução para a actual crise. Em Julho passado, o episcopado argentino publicou um documento que constituiu apelo claríssimo à «reconciliação nacional», através da solução do problema dos presos políticos e dos «desaparecidos».

Camp David falha de novo

A conferência ministerial egípcio-americano-israelita sobre a autonomia palestina terminou ao fim da tarde de ontem no Cairo, por uma constatação de fracasso, já que as três partes não conseguiram chegar a um acordo sobre qualquer um dos pontos da ordem do dia.

Num comunicado muito breve, Kamal Hassan Ali chefe da diplomacia egípcia, limitou-se a declarar que os três parceiros continuavam empenhados na realização dos acordos se Camp David, única solução para alcançar a paz no Médio Oriente.

«Ainda há um fosso a propósito das estruturas da autonomia palestina» entre Israel e o Egipto, disse. Em resposta a uma pergunta, o chefe da diplomacia egípcia acrescentou que existem «diferenças essenciais entre as posições das duas partes».

Os dois embaixadores americanos não fizeram qualquer comentário. As comissões técnicas foram convidadas pelas três partes a continuarem os seus trabalhos com o objectivo de ser conseguida uma declaração de princípios gerais.

Entretanto no Cairo o «comando» autor do atentado de 6 de Outubro contra o presidente Sadat foi oficialmente pronunciado por assassinio premed-



O presidente egípcio, Hosni Mubarak, com os seus interlocutores israelitas (Telefoto UPV/ANOP/DL)

tado, indica o libelo acusatório ontem publicado.

Os quatro elementos deste «comando» que responderão em 21 do corrente em tribunal militar, são o tenente Khaled El Islambuly, Abdel Hamid Abdel Salam Abdel Aal, Livreiro, Ataa Tael Hamida Rahil, engenheiro, Hassain Abbas Mohamed, oficial de reserva, voluntário nas forças

populares de defesa. Todos acusados incorrem na pena capital.

É a primeira vez desde o atentado que os nomes dos três cúmplices do tenente Khaled El Islambuly são revelados.

O libelo acusatório abrange igualmente mais 20 membros da organização «terrorista», acusados pelas autoridades de terem

procurado importar a revolução Khomeinista para o Egipto.

Entre estes figuram Abbud Latif El Zommar, oficial das forças armadas, apresentado pelos órgãos de informação egípcios como o «cérebro» da conjura Khomeinista, e Omar Ahmed Abdel Rahman, doutor em teologia e professor da Universidade de Assiut (Alto Egipto).

A crise

Reunião

Madrid (do nosso correspondente Jauregui) — Hoje é um dia crucial para a vida política em governamental, União do Ce (UCD), epicentro da tempestade sobre o país vizinho, vai proceder ao seu comité executivo. Da reunião várias decisões: a renúncia de Adolfo Suarez a todos os cargos afastamento da vida política; presidente e secretário-geral de Sahagun e Calvo Ortega, respectivamente reforço do papel do partido, cuja presidência pode

Tudo isto é consequência de e manobras de toda a ordem, mas horas. A enorme pressão grande parte da imprensa parece ter motivado o abandono política de um homem que foi poderia voltar a sê-lo. Mas Suarez no passado mês de Janeiro se demitiu do Governo, aparentemente nunca foram oficialmente explicadas uma «intenção» militar, para outra lição política aos seus dirigentes da «plataforma moderna segunda dimensão».

Adolfo Suarez renunciaria a rando evitar o que ele considera da UCD. A provável e simultânea dois dirigentes máximos do «tido, Rodriguez Sahagun e Casuaristas fiéis, faria com que direita que a ala moderada da consumasse.

Claro que esta segunda dimensão actualmente presidente de ho

Seis membros expulsos

MADRID (por Tito Drago) — São de seis elementos do Congresso agravou seriamente a crise interna. Todos os esforços de conciliação reunião do Comité Central, interminada quase ao alvorecer por se efectuar uma votação expulsão dos seis elementos, 24 contra, e oito brancos.

Um dos expulsos do CC é que até agora ocupou as funções para os assuntos internacionais anos de militância no partido, heróica pelo «maquis» da República. Azcarate era considerado um teórico do «eurocomunismo».

O secretário-geral, Santia derava que ou o partido im decidisse ou não conseguiria o no futuro. No final da reunião Carrillo acentuou que se havia decisão favorável a uma «Acrescentou que pessoalmente que ele, Carrillo, se vira obrigado ao seu próprio pai e o partido. Foi pelo partido. Agora também em detrimento dos seus amigos.

Carrillo afirmou ainda que aceitar a acção de uma corrente do partido, acusação que seis elementos expulsos, os uma convocatória para a realização, por instigação do Comunista do País Basco, R.

Quando convocou a conferência havia sido condenado por «virtude de ter inspirado e conde do PC Basco com a EIA, part esquerda, fundado pela organ basca ETA Político-Militar.

Terminado o plenário, Az embargada pela emoção afirmou a «lutar a partir da base» e ney dentro do partido fosse preciso tanto ele como os outros elementos aceitavam as posições a Congresso e cumpriam o estatuto do partido.

Ora os apelos às bases de tamente aquilo que mais contr crise. Ontem foi divulgado u

Vaga de p

O Partido Socialista O (PSOE), o Partido Comunista centena de organizações e populares, estão a organizar festação «pela paz, desarmar para o próximo domingo em

O PSOE deu a conhecer q

Crise dos partidos em Espanha

Crise crucial da UCD

correspondente Fer-
um dia de importância
em Espanha. O partido
Centro Democrático
peste que se abate
proceder a uma reunião
Da reunião podem sair
ncia do ex-presidente
cargos que ocupa e seu
tica; as demissões do
ral da UCD, Rodriguez
respectivamente, e o
del de Calvo Sotelo no
poderá ir ocupar.

cia de diversas tensões
dem, ocorridas nas últi-
pressão exercida por
a sobre Adolfo Suarez
abandono definitivo da
le foi um político e que
Suarez, o homem que
ro se demitia da presi-
entamente (os motivos
explicados) para evitar
parece disposto a dar
os adversários, os diri-
derada" ucedista: sua

aria assim à luta procu-
sidera a "direitização"
multânea demissão dos
do "aparelho" do par-
e Calvo Ortega, ambos
que essa viragem à
da UCD proclama se

a demissão de Suarez,
de honra da UCD, mas

mbros do Comité Central os do Partido Comunista

ago da IPS) - A expul-
Comité Central do PCE
se interna desse partido.
cilação fracassaram na
al, iniciada no dia 10 e
rocer do dia 12. Acabou
ção da qual resultou a
ões por 67 votos a favor,

CC é Manuel Azcarate,
as funções de secretário
cionais, com mais de 40
tido, e uma passagem
a Resistência francesa.
um dos mais brilhantes
smc».

antiago Carrillo, consi-
o impugna agora esta
ria evitar piores males
união plenária do CC,
havia chegado a uma
na "política coerente".
lmente há muitos anos
brigado a escolher entre
do. Fizera então a opção
sem optara pelo partido
amigos pessoais.

a que não era possível
corrente organizada den-
que formulou contra os
s, os quais assinaram
realização de uma con-
do dirigente do Partido
o, Roberto Lertxundi.

conferência, já Lertxundi
or «fraccionismo», em
concretizado a unificação
partido nacionalista de
organização separatista

ar.
o, Azcarate, com a voz
afirmou que continuará
regra que a sua acção
ccionista, pois - disse -
elementos agora expul-
s aprovadas no último
estipulado nos estatú-

es do partido são exac-
contribui para agravar a
do um documento in-

pacifismo chega a Espanha

a Operário Espanhol
ista (PCE) e quase um
s ecologistas, pacifistas
nizar uma grande mani-
ramento e liberdade»
em Madrid.

er que colocará duzen-

com grande influência na militância do partido, acontece, de novo, no meio do tilintar das espadas. Nas últimas horas houve boatos de toda a espécie no país inteiro. De acordo com o jornal **El País** desta manhã, a situação interna da UCD e também do Partido Comunista, juntamente com a convocação de uma grande manifestação antinuclear para domingo, efectuada pela esquerda, seriam dados que justificam a preocupação com que os militares poderão vir a fazer. Juntamente com estes dados está o próximo julgamento dos golpistas do passado dia 23 de Fevereiro e também a convocação de uma manifestação ultradireitista no dia 20 de Novembro, sexto aniversário da morte de Franco.

A tensão é extrema, e o desgoverno gerado pela situação da UCD repercute-se na administração e na rua. Todos esses dados teriam sido evidentemente sopesados por Adolfo Suarez na altura de encarar o seu afastamento, que parece ser definitivo da política activa.

Agora todas as possibilidades estão abertas. Fala-se de um iminente reajuste do gabinete, que responda aos novos esquemas conservadores que imperam no partido. Fala-se de convocar eleições antecipadas para a próxima Primavera. Fala-se, naturalmente, de inquietação nos quartéis, mas, muitas vezes, tais boatos são consequência de uma propaganda golpista propagada semelhante à que Portugal viveu não há muitos dias.

Mas a situação não é boa e ninguém é capaz de fazer um prognóstico concreto. Muito poderá depender do que acontecer hoje no comité executivo da UCD (que poderá, aliás, prolongar-se por dois dias) e de como as bases suaristas do partido partido governamental aceitarem o «abandono» do seu líder. A solução do «quebra-cabeças espanhol» parece próxima.

terno, assinado por 350 dirigentes sindicais de Madrid, que são também militantes do PCE, os quais requerem a convocação urgente de um congresso extraordinário do partido.

Esta tomada de posição junta-se a outras produzidas um pouco por todo o território do país, especialmente nos grandes centros urbanos, em apoio dos militantes agora expulsos.

A certa altura pensou-se que a conciliação era possível. Dois destacados dirigentes lutaram até ao fim pela conciliação: Marcelino Camacho, das Comisiones Obreras, e o vice-secretário-geral do PCE, Nicolas Sartorius.

Na noite de 11 para 12, os seis acusados apresentaram um documento no qual reconheciam certos erros e se comprometiam a respeitar os estatutos e o programa do partido. O clima criado por este documento foi tal que vários matutinos madrilenos chegaram a anunciar que se chavia chegado à conciliação. No documento afirmava-se que os militantes devem aceitar as resoluções do Congresso e os estatutos do partido («no âmbito dos quais cada um poderá defender as suas ideias próprias») e destacava-se a necessidade de criação de um clima de diálogo, transparência e debate público («de modo que as divergências não sejam delito mas sim factor de enriquecimento»).

Ao mesmo tempo reconhecia-se que a convocatória da conferência feita por Lertxundi era anti-estatutária, acrescentando-se, porém, que não houvera qualquer intenção de contrariar as directrizes do partido. Finalmente, os subscritores do documento assinavam a existência dentro do PCE de uma ampla corrente de opinião contrária à aplicação de sanções.

Santiago Carrillo comentou o documento, dizendo que os acusados não rectificaram nenhuma das suas posições, limitando-se antes a reafirmá-las. Os seis expulsos, por sua vez, entendem que não deve haver retractações, a bem da própria imagem do PCE. No entanto, declararam que se submeteriam à decisão do partido.

A expulsão de seis membros do Comité Central - entre os quais personalidades como Azcarate e Pilar Bravo - não resolve a crise no partido. Antes pelo contrário: já se anunciam pedidos de demissão e a onda de contestação alastra numa crise considerada das mais graves que o PCE até agora tem atravessado.

tos e cinquenta mil cartazes, distribuirá um milhão de panfletos e quinhentos mil autocolantes para convocar a manifestação, que, segundo se espera, terá a participação de 500 mil pessoas. Três mil pessoas do «serviço da paz» participam na organização, com quatro tendas de serviço sanitário, seis ambulâncias e numerosos médicos.

A aprovação ontem no Parlamento federal alemão do orçamento para 1982 constitui, segundo os observadores políticos de Bona uma das últimas iniciativas do governo chefiado pelo chanceler Helmut Schmidt.

Dispondo da maioria no Parlamento, a coligação dos socialistas democratas e liberais, fez passar, apesar da deserção de quatro deputados da ala esquerda do SPD, uma série de medidas de austeridade, designadamente a redução da assistência à infância e o aumento de impostos sobre o álcool e o tabaco. Em números, o orçamento de 214 mil milhões de marcos é 4,2% maior que o de 1981, mas os gastos com os serviços públicos serão reduzidos de 33,4 mil milhões de marcos para perto de 26,5 milhões.

Se, como se esperava, este orçamento de crise for aprovado, já a sua formulação levou a sérios debates na coligação governamental. Verificou-se uma verdadeira prova de força entre os dois parceiros, com os socialistas-democratas a pretenderem ceder às pressões sindicais que consideravam necessário um plano para a criação de empregos, e o ministro liberal da economia, Otto Lamsdorff, a ameaçar com a sua demissão, se o governo de Schmidt cedesse às reivindicações do mundo do trabalho.

Perante este duplo ataque, o chanceler alemão federal tenta ganhar tempo, esperando que a diminuição das taxas de juros se acelere até à próxima Primavera, o que poderia facilitar o relançamento dos investimentos e da economia. Um alto funcionário governamental, que pediu o anonimato, considerou mesmo que «o único objectivo deste governo é conseguir «passar» o Inverno, o qual será provavelmente o mais duro para a coligação desde a sua chegada ao poder em 1969».

Se no campo económico, por agora e contra importantes sectores do seu próprio partido, Helmut Schmidt conseguiu ultrapassar a crise, já no campo político, interno e externo, as dificuldades são bem maiores. A contestação da linha política seguida alastra no SPD, enquanto chanceler lança acusações «à falta de disciplina».

A ampliação do aeroporto de

Caíu o Governo dinamarquês

A queda do Governo minoritário social-democrata dinamarquês ontem ocorrida ficou a dever-se à falta de acordo entre os partidos com assento no Parlamento sobre o projecto do orçamento geral do Estado para 1982.

O executivo de Anker Joergensen pretendia incrementar a economia do país transferindo parte das verbas das pensões sociais para o designado «investimento activo» que abrangia o sector da agricultura, construção civil e a criação de 50 mil novos postos de trabalho por ano.

Os partidos centristas, social-liberal e cristão apoiantes do Governo, defendiam que o executivo deveria conseguir um investimento público através do interesse da economia privada e das taxas objectos de luxo, e não, transferindo as verbas conseguidas no OGE para outras áreas.

Arne Melchior, porta-voz dos democratas-cristãos afirmou que o seu partido concordava com o projecto do executivo, mas defendia que o reinvestimento deveria ser voluntário e não compulsivo como o Governo pretendia.

Perante a falta de acordo, os partidos da oposição apresentaram ontem uma moção de censura que acabou por ser aprovada

Francoforte motivou uma onda de contestação nos sociais democratas. O governo regional, dirigido por um elemento do SPD, esteve à beira de se demitir, abrindo deste modo mais um ponto de discussão, mais um contencioso, com o chanceler Schmidt. Para além destas questões pontuais, mas de extrema importância, dadas as preocupações da ala esquerda e juvenil do SPD, a mais dinâmica de todo o partido, em matéria ecológica, outra tem ameaçado a estabilidade dos socialistas-democratas alemães: a questão da instalação de euromísseis na RFA.

Helmut Schmidt tomou aqui posição de princípio extrema-

mente dura: se a decisão da NATO não for aprovada no Congresso de Abril de 1982, o chanceler alemão ameaça demetir-se.

Mais uma vez, segundo os observadores, os socialistas-democratas tentam ganhar tempo. A possibilidade de o Congresso se debruçar sobre esta questão assusta Schmidt, já que, e segundo tudo indica, em tal eventualidade resultaria uma maioria contra a instalação de euromísseis, que redundaria numa grave crise de liderança do SPD e do governo da RFA.

Por isso mesmo, o ex-chanceler Willy Brandt tem procurado afastar do Congresso de

Abril de 1982 o espectro da divisão, tentando que não haja discussão sobre essa matéria.

Aliás, a revista «Stern» considerava na sua edição de anteontem que as revelações de um jornalista americano sobre ligações de Brandt à CIA e à KGB fazem parte de um plano que visa desgastar a imagem do ex-chanceler, de forma a inviabilizar os seus esforços para manter a unidade futura do SPD.

Os beneficiados seriam os democratas-cristãos que em recente Congresso reforçaram a sua unidade em volta de Helmut Khol, um líder contestado, mas, necessário.

Extinto o cargo de secretário-geral do PAIGC

O cargo de secretário-geral adjunto do PAIGC foi extinto ontem em Bissau. No decurso dos trabalhos do congresso do partido, foi anunciado oficialmente.

«O posto já não é agora necessário, nem se justifica» até por não ter funções concretas, disse o porta-voz do congresso.

Mário Cabral classificou as funções do secretário-geral adjunto como um «cargo de honra».

«Já não se justifica, na estrutura nacional do PAIGC» - adiantou o porta-voz - «pois, se for necessário, o secretário-geral poderá ser ocasionalmente substituído por outros responsáveis subsequentes, se for caso disso, pois o colectivo do Comité Central, agora trabalha em colectivo» - informou.

O Congresso do PAIGC decidiu também criar uma Comissão Nacional de Verificação e Controlo, a nível do Comité Central do partido, com elementos nomeados pelo Comité Central, com a finalidade principal de «verificar a observância dos princípios do partido e a prática política dos militantes».

Os novos estatutos do PAIGC foram aprovados ontem à noite, procedendo hoje o congresso à discussão e aprovação do programa e, amanhã à eleição dos membros dos órgãos de direcção.

Na sessão de crítica e autocritica «o congresso discutirá hoje mais profundamente a questão

do futuro do ex-presidente Luís Cabral» revelou o porta-voz.

Expulsos

O presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, o antigo chefe de Estado guineense, Luís Cabral, serão expulsos do PAIGC, foi anunciado oficialmente em Bissau.

Foi igualmente revelado, que o mesmo sucederá a todos quanto fundaram o PAICV, partido criado em Cabo Verde após o golpe de Estado registado em Bissau em 14 de Novembro do ano passado, que depôs Luís Cabral.

Estas decisões constam de uma moção a ser aprovada durante o Congresso do PAIGC, a decorrer em Bissau.

EUA querem "ajudar"

Chade: saíram os líbios veio do Sudão Hissen Habre

O presidente do governo de transição do Chade, Goukuni Weddeye, acusou ontem o Sudão de intervir nos assuntos internos do seu país.

Numa conferência de imprensa em N'Djamena, capital do Chade, Goukuni disse que as autoridades sudanesas estavam a apoiar as forças de Hissen Habre, nos combates travados em Adre e Krida, na zona Leste do país.

O presidente chadiano afirmou que elementos das tropas sudanesas se infiltraram entre os adeptos de Hissen Habre e participaram nos combates.

Os confrontos foram desencadeados depois da retirada das tropas líbias daquelas zonas.

EUA interessados

Fontes oficiais norte-americanas, citadas pelo jornal «New York Times», disseram que a Administração Reagan poderia facultar apoio logístico à força africana de paz no Chade.

As mesmas fontes afirmaram que os Estados Unidos estão a

analisar o pedido da Nigéria no sentido de prestarem assistência no transporte dos cinco mil homens que compõem a força de paz que a OUA decidiu enviar para o Chade.

A Administração Reagan, de acordo com as fontes referidas pelo jornal norte-americano, mostra interesse em que o pedido oficial de ajuda partisse da própria OUA (Organização de Unidade Africana).

Os Estados Unidos aceitaram participar, em Paris, numa reunião de vários países para estudar as formas de «salvar» o Chade de um colapso económico total.

As fontes citadas por aquele jornal admitiram que, se a situação no Chade permanecesse estável, após a retirada das tropas líbias, os Estados Unidos poderiam reabrir a sua embaixada em N'Djamena, a qual foi encerrada, em 1980, quando se agravou a guerra civil entre as forças do presidente Goukuni e as do seu ex-ministro da Defesa, Hissen Habre, querido amigo do ex-

-presidente francês Valéry Giscard d'Estaing.

Paris calada

O Ministério francês dos Negócios Estrangeiros anunciou não ter recebido, entretanto, a confirmação oficial das notícias que assinalam o reacender dos combates no Chade, concretamente na parte oriental deste país africano, junto à fronteira com o Sudão.

Estamos à espera que nos confirmem se se está de facto a combater de novo no Chade e nos informem quais são as partes envolvidas, disse um porta-voz do Ministério.

Por seu turno, a agência noticiosa France Presse, em notícias providas da capital chadeana, referiu que forças de Habre, entradas no território vindas do Sudão, ocuparam o complexo militar de Adre.

A France Presse disse ainda que os homens do antigo ministro da Defesa tinham atacado localidades sob controlo do «Conselho Democrático Revolucionário», do ex-chefe da diplomacia chadeana.

Atentados na Irlanda

Foi hoje abatido um homem no Ulster por um soldado britânico, devido a ter forçado uma barreira numa estrada perto da fronteira com a República da Irlanda, soube-se de fonte policial.

Um dos soldados que se encontravam nessa barreira disparou um tiro contra um veículo que se recusou a parar. O condutor viria a morrer poucas centenas

de metros mais adiante, já do outro lado da fronteira.

Entretanto a Polícia anunciou que um reservista da Royal Ulster Constabulary ficou com as pernas arrancadas em consequência de ontem haver explodido um engenho no seu automóvel em Banbridge no Leste da província.

O veículo de Ronnie Pollock,

de 52 anos, foi pelos ares quando este se metia nele para se dirigir ao seu local de trabalho.

Entretanto em Londonderry (Nordeste do Ulster) um soldado britânico ficou levemente ferido na sequência da explosão de uma bomba num prédio abandonado a que passava busca, no bairro republicano de Bogside.

Nenhum destes atentados foi até agora reivindicado

exclusivo

A SITUAÇÃO
NO LÍBANO
(4)

Entrevista com Bechir Gemayel

“Esperamos que a Arábia Saudita nos ajude a reencontrar a paz”

Alberto B. Mariani

SIMPLES estudante em 1968, quando a frente da juventude Kataeb se opôs pela força a uma greve universitária decretada pela esquerda em apoio da resistência palestina, Bechir Gemayel deu muito que falar e, nos últimos tempos, está cada vez mais próximo de adquirir uma estrutura nacional responsável. «Verdadeira alma do Líbano» para alguns... «traidor» para outros... Bechir Gemayel continua a ser, em qualquer caso, o líder incontestado das Forças Libanesas que soube transformar as diferentes milícias do campo conservador num instrumento eficaz da sua política. Depois da eliminação das estruturas militares do PNL a 7 de Julho de 1980, as Forças Libanesas tornaram-se um aparelho unificado e homogêneo, mas a que preço? Para os detractores, houve excesso de cadáveres a recamar o caminho dessa hegemonia política e militar; para Bechir Gemayel, a eliminação das outras partes foi simplesmente o justo preço a pagar para enfrentar convenientemente os sírios e as forças palestino-progressistas. Lógica implacável ou realista? Como quer que seja, os que tinham predito, na sequência dessa operação, um corte da comunidade cristã com as teses falangistas, têm de mudar de opinião: à sua maneira, e a crise actual prova-o amplamente, Bechir Gemayel, tinha razão!

P.: Bechir Gemayel, apesar das conferências inter-árabes de Beiteddine e de Jeddah, o Líbano continua mergulhado na incerteza. Por outras palavras, apesar de todos os «bons propósitos» do passado, tudo deixa prever um endurecimento desse estado de «guerra larvar». Que diz a isso?

R.: A situação é como é, e essa crise dura há sete anos. Gerações inteiras foram arrancadas ao seu meio natural e marcadas para sempre por esse conflito. Vivemos momentos de optimismo e de desespero, mas no fim, as pessoas habituam-se a tudo: mesmo aos dramas! Neste momento, estamos muito mais confiantes, mais optimistas que habitualmente. De facto, esperamos que a Arábia Saudita possa ajudar-nos a reencontrar a nossa liberdade e a nossa segurança. É talvez essa a derradeira esperança do Líbano.

P.: Mas, se na sequência da intervenção diplomática saudita todas as partes derem mais ou menos mostras de respeitar o cessar-fogo, é claro que dum ponto de vista estritamente político, os problemas que causaram este drama, e nada indica que eles deixaram de existir, permanecem sempre em suspenso...

R.: Certamente. Os problemas continuam em suspenso e eu acrescentarei que são muito mais graves que antes. Todas as dissensões e todos os diferendos do mundo árabe e do Médio Oriente, em geral, vieram entroncar no problema libanês, mas é preciso estar-mos confiantes. O futuro nos dirá até que ponto os cristãos e os muçulmanos do Líbano terão sido capazes de desembaraçar o país dessa atmosfera para procurar finalmente um entendimento político.

P.: Você fala de um possível entendimento, mas esquece-se de que todas as partes libanesas, incluindo a sua, nada mais fazem que afirmar-se nas posições de sempre...

R.: Isso não é assim exactamente. Nem todas as partes mantêm as suas posições... O problema é outro. Existe um exército sírio prestes a ocupar o território libanês. Não há outras partes... não há partes libanesas em conflito entre si. Há uma Síria que tenta comer o Líbano e que não chega a digerir-lo. É o que há! Não há Movimento Nacional Libanês... não há personalidades libanesas que recusem o entendimento ou que não aceitem o diálogo. Há, muito simplesmente, as marionetas que são manipuladas, pagas e aterrorizadas pelos sírios para impedir qualquer projecto de acordo e qualquer projecto de

impeliram os sírios a intervir no Líbano. Lembre-se, toda a gente encorajou os sírios a vir aqui, e os Estados Unidos à cabeça, porque pensavam (outro erro fatal dos americanos) que só esse exército podia dominar a insolência palestina. Não fomos nós que os quisemos cá. Foi a Administração Nixon... foram as «andanças» de Kissinger que no-los impuseram... Encorajaram os sírios a imiscuirem-se nos nossos assuntos internos, quase nos obrigaram a aceitar a intervenção síria e aí está o que aconteceu. O Líbano é actualmente um país ocupado!

P.: E, no entanto, continua-se a falar de conflito religioso entre cristãos e muçulmanos, de querelas políticas entre a direita e a esquerda, de guerra civil entre os partidários da unidade do Líbano e os que desejariam a repartição do país. Como explica isso?

R.: É má informação. Gosta-se muito, de vez em quando, de acrescentar às inegáveis complexidades da realidade libanesa um pouco de confusão... A culpa é dos meios de comunicação de massas. A nossa sociedade é uma sociedade pluri-confessional: há sunitas, chiitas, drusos, alauitas, maronitas, melquitas, caldeus, etc. Os sunitas são muçulmanos... os chiitas são muçulmanos... etc. Aqui sempre houve querelas

lugar, reside na presença palestina armada no nosso território; em segundo lugar, nessa ocupação do Líbano pela Síria que está prestes a estimular todos os antagonismos. No interior de cada família, de cada partido, de cada comunidade, de cada grupo... eles encorajam todas as dissensões internas e todos os diferendos para poder tirar daí proveito e para manter o estado de ocupação.

P.: À parte os problemas que derivam da presença síria no seu território, Você continua a imputar a responsabilidade da crise libanesa à resistência palestina. Ora eu pergunto-me como se pode concluir que os libaneses são simplesmente vítimas dos palestinos, sem por outro lado se considerar que eles próprios foram vítimas dos israelitas, sendo o Estado Hebreu o epicentro da mais formidável agitação étnica, política e social que o Médio Oriente já conheceu?

R.: Escute, eu não quero recuar muito na história... Talvez amanhã os israelitas lhe digam que eles foram vítimas dos filisteus... Os filisteus dir-lhe-ão que foram vítimas de... nem eu sei de quem, etc. Nada disso para nós constitui razão. Para nós não constitui razão pagar facturas pelas quais não se é responsável. Em 1948, a Sociedade das Na-

nunca essa lógica!

P.: Não pensa que, ao recusar categoricamente toda a presença palestina em território libanês, pode defrontar-se ainda mais com as teses políticas do Movimento Nacional Libanês e não encontrar o entendimento que deseja?

R.: Não há Movimento Nacional... há apenas, como lhe disse, uma ocupação militar síria que se prepara para criar pequenos grupúsculos, exactamente como a Alemanha nazi criou Quisling ou Seyss-Inquart... Isso é que é o Movimento Nacional!

P.: E, contudo é esse mesmo Movimento Nacional que, no decurso das negociações actuais, lhe pede que faça prova de lealdade para com o mundo árabe, denunciando todo o conluio com Israel...

R.: Esse pseudo-movimento continua a levantar pretextos para não permitir a solução do problema. Eu penso que essa «conditio sine qua non» que eles invocam não passa de um pretexto barato... um pretexto que não corresponde nada à realidade e, a que nos recusamos. Não temos qualquer complexo, creia-me! Em 1940 e 1960, fomos igualmente massacrados como é o caso de hoje. Israel ainda não tinha nascido e Theodor Herzl não tinha ainda lançado o seu famoso

prio presidente Frangie o primeiro a abrir as portas aos cristãos em direcção a Israel... Os contactos com os israelitas foram começados por ele e foi ele, quando presidente da República, o primeiro a indicar o caminho aos cristãos.

P.: No plano político interno, os Kataeb opõem-se normalmente à reforma das instituições tal como a reclamam a esquerda, e preconizam uma laicização total do sistema. Que entende por isso?

R.: Quero explicar-lhe. Ou nós recorremos decididamente a um federalismo comunitário, ou eliminamos o confessionalismo. Mas não é possível estar, dum lado, pelo federalismo comunitário (como no pacto de 1943) e, exigir por outro lado, reformas institucionais que eliminariam certos aspectos desse confessionalismo e manteriam outros. Além do mais, a esquerda libanesa continua a explorar os sentimentos muçulmanos sem ser muçulmana. É preciso saber de facto que os principais dirigentes do movimento da esquerda não são muçulmanos: são todos cristãos. Tanto George Habache, Haoui, Hawat, etc., até os líderes comunistas são cristãos. Todos eles querem abolir certos aspectos do confessionalismo sem, entretanto, renunciarem a outros aspectos. Por exemplo, se se é cristão não se tem o direito de casar com uma muçulmana... se se é cristão não se beneficia das mesmas leis que regulamentam o estatuto pessoal no que respeita a direitos políticos, direitos civis e tudo o mais... Por isso dizemos: a solução deve ser total. Ou se trata da laicidade a fundo ou então de um federalismo comunitário.

P.: Não vê exactamente uma certa contradição entre a expressão do Pacto de 1943 e a defesa da coexistência inter-comunitária?

R.: Não vejo contradição pelo simples facto que «o princípio» é um princípio e, o Pacto de 1943 é o hábito, é a forma desse princípio... Nunca recusámos o princípio da coexistência entre cristãos e muçulmanos, mas não podemos aceitar a sua forma actual... Essa forma de coexistência só pode levar àquilo que viu com os seus olhos quando atravessou a linha de demarcação entre Beirute Oeste e Beirute Este... Ou seja, a luta fratricida!

P.: Bechir Gemayel, uma última pergunta. O que é para si a política?

R.: É uma «m...»! A política infelizmente, é o facto de o meu país me ter imposto as armas para me defender. Fomos chamados a desempenhar esse papel e essa responsabilidade quando estávamos na vida civil e nos forçaram a trazer uniforme. No dia em que o Líbano for livre, entregarei as armas e voltarei aos meus estudos de advogado... essa é a minha vocação!

Congresso de Basileia. Em 1940, não existia ainda projecto sionista. O que nos exigem não passa de pretexto... nada disso nos diz respeito. Que os árabes nos garantam a segurança e a liberdade, e o problema será resolvido.

P.: E que responde às acusações do ex-presidente Frangie, outrora seu aliado e agora seu adversário, sobre o seu «compromisso israelita»?

R.: Dir-lhe-ei que foi o pró-



entendimento entre libaneses.

P.: Será assim, mas no dia 12 de Maio de 1976, quem chamou os sírios? Não foi o seu pai, Pierre Gemayel, que depois de ter já efectuado uma viagem a Damasco em Dezembro de 1975, reclamou em Maio de 1976, a intervenção directa do exército sírio?

R.: Tudo isso é uma mistificação. Não fomos nós que chamámos os sírios. Foram os americanos e os israelitas que

entre chiitas e sunitas, entre chiitas e chiitas, entre cristãos e cristãos, etc, mas posso-lhe dizer que os conflitos de ordem confessional nunca foram importantes.

Em particular, relativamente ao drama que se vive no Líbano desde 1976, esses tipos de conflito, o conflito esquerda-direita, ou entre «unionistas» e «secessionistas», nunca existiram. A dimensão real do conflito reside noutro aspecto. Em primeiro

lugar, reside na presença palestina armada no nosso território; em segundo lugar, nessa ocupação do Líbano pela Síria que está prestes a estimular todos os antagonismos. No interior de cada família, de cada partido, de cada comunidade, de cada grupo... eles encorajam todas as dissensões internas e todos os diferendos para poder tirar daí proveito e para manter o estado de ocupação.

Terminal de contentores no Maputo

Mague concorre com 11 empresas estrangeiras

A empresa portuguesa Mague, de Alverca, foi uma das 11 concorrentes internacionais ao fornecimento de equipamento de movimentação destinado ao futuro terminal de contentores de Maputo.

A encomenda, que a Direcção Moçambicana dos Portos e Caminhos de Ferro fará no fim deste ano a uma das empresas que lhe apresentaram propostas, tem um valor entre oito e dez milhões de dólares (cerca de 520 milhões a 650 milhões de escudos).

A tratar deste e de outros assuntos, encontram-se em Maputo desde a semana passada o director da divisão de equipamentos de movimentação da Mague, João Pereira Gaio, e outro engenheiro da mesma firma.

A Mague estuda actualmente com a Direcção do Porto local o acondicionamento dos equipamentos portuários de origem portuguesa aqui existentes, de forma a pôr operacionais 27 guindastes e o terminal de açúcar.

Terceiro campo da actividade é o apoio que deverá dar à empresa local de metalomecânica Cometal-Momental para que complete uma encomenda de 20 guindastes portuários, a distribuir pelos portos de Nacala, Quelimane, Beira e Maputo.

O equipamento requerido para a movimentação de contentores no futuro terminal da capital moçambicana é do género do que a Mague já fabricou para o porto de Leixões e, também, para o de Lisboa.

Firma portuguesa presta assistência a seis grandes empresas angolanas

Seis grandes empresas angolanas, entre elas a siderurgia, estão a receber assistência técnica da firma portuguesa Serga-Orficon, especializada em organização administrativa e estudos económico-financeiros.

A actividade desta empresa portuguesa de serviços exerce-se especialmente na área de tutela dos Ministérios da Indústria e dos Transportes e tem abrangido domínios como os de organização, estudos de viabilidade económica e financeira, adequação ao Plano de Contas Nacionais, reorganização de serviços de comercialização e controlo, assim como assessoria especializada e eventual a outras empresas públicas e departamentos governamentais.

A Serga-Orficon tem permanentemente em Angola dois dos seus directores e vários técnicos especializados. Segundo informação da própria empresa, as entidades angolanas com quem colabora «têm garantido todas as condições para o bom desenvolvimento não só da actividade profissional como do bem-estar dos técnicos portugueses, proporcionando habitação mobilada e equipada condignamente, transporte e outras comodidades».

Cometna coopera em Moçambique

Material para caminhos-de-ferro, no valor de 5,6 milhões de dólares foi fornecido pela Cometna à República Popular de Moçambique enquanto se aguarda resposta a propostas oportunamente apresentadas para o fornecimento de peças de reserva a empresas de cerâmica assim como 10 unidades completas para a produção de tijolo e a instalar em aldeias comunais.

Estas propostas, no valor global de 2,6 milhões de dólares, foram precedidas da ida a Moçambique de dois técnicos de cerâmica e incluem, também, assistência técnica ao material vendido e formação profissional, tanto em Moçambique como em Portugal.

A cooperação entre a Companhia Metalúrgica Nacional - Cometna e a República Popular de Moçambique está, aliás, à beira de um grande salto qualitativo e quantitativo tendo a própria empresa solicitado autorização, há cerca de dois meses, para a abertura de um escritório comercial no Maputo que apoie as suas actividades crescentes.

A indústria de cimentos, com fornecimento de peças de equipamentos e peças de reserva, é outro campo onde está a abrir-se a cooperação existindo igualmente negociações para a venda às empresas Hidromoc e Petromoc de válvulas industriais de que a Cometna é a única fabricante portuguesa.

Finalmente foram enviadas propostas ao Conselho Executivo da cidade do Maputo para a transferência de tecnologia ajustada ao fabrico local de carros de lixo, com patente cedida pela Cometna.

A Guiné-Bissau é o pior país para viver e a Suécia o melhor

A Suécia é o país onde se vive melhor e a Guiné-Bissau aquele onde as condições de vida são piores, revela um estudo divulgado quarta-feira em Washington por um organismo privado de estudos do meio ambiente e da qualidade de vida. Publicado anualmente pela Fundação Americana do Ambiente, o «índice físico da qualidade de vida» baseia-se na mortalidade infantil, na esperança de vida e na alfabetização. Os factores económicos não são tidos em conta.

Com base numa escala que vai de 1 a 100, os países com mais elevado índice são - Suécia, 97, Dinamarca, Islândia, Japão, Holanda, e Noruega, 96, Canadá e Suíça, 95, Estados Unidos, Finlândia, França, Nova Zelândia, e Reino Unido, 94. No outro extremo da escala, figuram Guiné-Bissau, 12, Níger, 13, Mali, 15, Angola e Alto Volta, 16, Mauritânia 17. Afeganistão, República Centro Africana e Chade, 18, e Somália, 19.

Governo dividido

Salgueiro quer OGE de "salvação nacional"

• Para já, funcionários públicos pagam imposto profissional

«A montanha pariu um rato», assim comentou à ANOP o conhecido economista e colaborador do «DL» Mário Murteira, referindo-se à intervenção televisiva de João Salgueiro, a propósito do OGE. Com efeito, ao contrário do que se esperava pela expectativa criada pelos meios governamentais à volta desse acontecimento, o ministro das Finanças e do Plano limitou-se a reconhecer a gravidade da situação económica nacional (o que decerto é uma novidade nos Governos AD) e a enunciar algumas intenções relativas a medidas de austeridade. De concreto pouco disse além de que os funcionários públicos vão começar a pagar o imposto profissional a partir de um de Janeiro e que vão ser feitas economias de 10 milhões de contos com o funcionamento dos Ministérios. As importantes divergências existentes no seio do Executivo no que respeita ao OGE e à política económica a seguir explicam que as medidas drásticas que se aguardavam não tenham sido divulgadas por João Salgueiro (ver notícia noutra local desta edição).

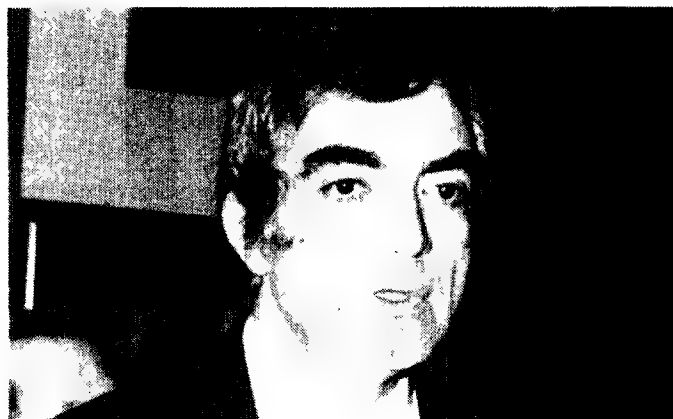
Na sua intervenção João Salgueiro começou por atribuir a crise económica que estamos a viver a razões ligadas ao contexto da crise que se vive a nível mundial e a razões de ordem interna. A propósito da situação internacional justificou-a quase exclusivamente com o aumento dos custos do petróleo. No que respeita às dificuldades internas referiu a nossa estrutura de produção e de gestão, e, conjuntamente, questões como a seca.

Para fazer face a esta situação que, segundo disse, nos faz cair numa dependência crescente em relação ao exterior, são necessárias medidas graduais que exigem o empenho activo dos trabalhadores, dos consumidores e das empresas. Essas medidas terão de ser «sérias e duras», mas, afirmou João Salgueiro, se tomadas agora, evitarão medidas mais drásticas no futuro.

Contudo, as medidas divulgadas por João Salgueiro não apresentam todo o carácter de «seriedade e dureza» que o ministro pretendia imprimir-lhes. Ele mesmo o disse, já perto do fim da sua intervenção, ao anunciar que o OGE deverá ter um carácter de «salvação nacional em alguns

aspectos», mas que esses aspectos estão ainda a ser discutidos no Conselho de Ministros, esperando o titular das Finanças que «esse carácter de salvação nacional venha a prevalecer». A série de medidas e de intenções anunciadas bastam no entanto para mostrar que Salgueiro quer pôr em prática uma política de grande austeridade, partindo do princípio de que «estamos a viver muito acima das nossas posses». Assim, para já, ficamos a saber que os funcionários públicos vão pagar imposto profissional a partir de Janeiro; que vão ser criados «alguns impostos sem grande incidência», sem se caminhar contudo para o «agravamento da fiscalidade» (pelo que se percebe não serão agravados os actuais impostos, mas serão criados mais alguns) e, que vão ser contidas as despesas da administração pública.

Neste último aspecto foi anunciada a extinção de todos os grupos de trabalho, comissões e conselhos, sendo reestabelecidos depois apenas os essenciais. Algumas direcções gerais e outros organismos que já não correspondem às necessidades serão igualmente extintos. Por outro



lado, vai ser também lançado um programa de aumentos de produtividade de 3% no âmbito de cada ministério, pretendendo-se assim economizar dez milhões de contos durante o próximo ano. Estas medidas justificou-as João Salgueiro pela necessidade de limitar o crescimento do défice orçamental que este ano atingirá 145 milhões de contos. O total da dívida pública, lembrou, chegará aos 600 milhões de contos.

Face a esta situação João Salgueiro defendeu o fortalecimento dos incentivos à iniciativa e ao investimento privado, à formação de poupanças e à sua canalização para investimentos produtivos. A política de investimentos para as empresas públicas foi contudo silenciada.

No que respeita à habitação e em contradição com todas as perspectivas de evolução do crédito que têm estado a surgir no encontro sobre crédito à habitação a decorrer no Esotil, e com as restrições ao crédito em vigor, afirmou que o Estado vai estimular a compra de habitação própria e vai vender aquelas de que é proprietário. João Salgueiro não

explicou contudo quem, e com que dinheiro, é que vai financiar esse projecto governamental.

Numa outra passagem do seu discurso, o ministro das Finanças deu a entender que poderão ser introduzidas diferenciações nos salários pagos pelas empresas, consoante os seus resultados económicos. Medidas desse tipo, que não especificou, deitarão provavelmente por terra todo o actual sistema de contratação colectiva e virão provocar grande preocupação nos meios sindicais.

Para já, a Frente Sindical da Administração Pública reagiu imediatamente às palavras do ministro concluindo que o Governo pretende atirar a solução da crise para cima dos trabalhadores da Administração Pública.

Da parte dos partidos da oposição registaram-se também já numerosas reacções que vão todas no sentido de condenação da política económica seguida pelo Governo e da denúncia da política eleitoralista do Governo de Sá Carneiro que consideram responsável por grande parte das dificuldades actuais.

O capital não tem pátria

Investimentos cruzam o Atlântico entre Paris e Nova Iorque

A chegada dum regime socialista a França, longe de travar o fluxo dos investimentos americanos neste país, paradoxalmente aumentou-os. Ao mesmo tempo os investimentos franceses nos Estados Unidos registam também um forte aumento.

O «boom» das colocações directas de capitais franceses em empresas ou projectos industriais nos Estados Unidos, e também em empresas comerciais ou no sector terciário, nomeadamente na hotelaria, inscreve-se num movimento em que estão empenhados os principais países industrializados e constitui um aspecto da competição mundial.

Os investimentos franceses, que em França não arrancam devido às incertezas que subsistem em matéria económica, e também devido à diminuição dos fundos próprios das empresas, são realizados além-Atlântico com fundos reunidos noutros países estrangeiros por filiais das sociedades em questão.

É o caso nomeadamente das duas maiores operações realizadas este ano por empresas francesas: a Sociedade Nacional ELF-Aquitaine, que assumiu o controlo da Texas Gulf, e os Cimentos Lafarge, que também controlam agora a General Portland.

Depois da Regie Renault, que comprara a American Motors e depois das operações efectuadas pela companhia francesa

dos petróleos, pela Generale Occidentale, Rhone Poulenc Poulenc, BSN-Gervais-Danone, Pernod-Ricard, o total dos investimentos franceses nos Estados Unidos, que em fins de 1980 se elevava a 2700 milhões de dólares, terá ultrapassado 4000 milhões no final do corrente ano.

Concorrência Inter-capitalista

Este número aproxima a França dos seus principais concorrentes como a Alemanha, a Grã-Bretanha, os Países Baixos, o Canadá, que, no fim do ano passado, contribuíram com a

cisco, e projectam-se outros em Miami, Los Angeles, Washington, Nova Orleães.

Os americanos, pelo seu lado, também prosseguem os seus esforços no sector hoteleiro em França: depois da cadeia Hilton, é a vez dos seus concorrentes Holiday Sun e Ramada, que aumentam sensivelmente os seus investimentos no território francês.

Trata-se apenas duma pequena parte das colocações directas efectuadas pelos americanos em França e cujo total ultrapassava 8000 milhões de dólares em fins de 1980. Ora, o aumento anual, de cerca de 500 milhões de dólares nos últimos

cento do custo, com a condição de que sejam criadoras de empregos, ou que se traduzam por contribuições de tecnologia em sectores de ponta.

Na «guerra» contra o desemprego, não se pode desperdiçar, realmente, qualquer meio de se criarem empregos, ou de melhorar o arsenal do equipamento para lutar com a concorrência mundial.

Quanto aos investidores americanos, o seu aumento de interesse pela França pode explicar-se, segundo os observadores, por duas razões principais: por um lado, a conjuntura para o próximo futuro anuncia-se má nos Estados Unidos, enquanto

A Ford investe em Bordéus

e os franceses constroem hotéis na América

maior parte dos 65 500 milhões de dólares de investimentos estrangeiros nos Estados Unidos.

Entre as colocações francesas, algumas são «leves» financeiramente, consistindo essencialmente de contribuições de engenharia, de gestão, de «know-how». São por exemplo as criações da cadeia de hotéis Meridien, filial da Air-France, que constituem autênticas montanhas da «arte de viver» francesa. Depois dos de Nova Iorque, Houston e Boston (que será inaugurado hoje), um quarto vai ser construído em São Fran-

cinco anos, deve ser em grande parte ultrapassado em 1981, com as operações já concluídas, como os 1000 milhões de francos suplementares investidos pela Ford em Bordéus, a implantação de Hewlett Packard em Lyon, etc.

Este aumento dos investimentos em França é acolhido favoravelmente pelos poderes públicos, na medida em que não leva a tomadas de controlo de sectores inteiros, ou de empresas importantes. O governo favorece até mesmo certas operações. Toma a seu cargo até 25 por

que em França prevê-se para o próximo ano um certo crescimento (de 2,5 a 3 por cento).

Por outro lado, podem esperar, nas actuais circunstâncias, condições melhores por parte dos poderes públicos.

A Câmara de Comércio Americana em França acaba, aliás, de sugerir uma maior maleabilidade nas autorizações de investimento, e exonerações fiscais para os funcionários superiores enviados pelas sociedades investidoras.

CLEMENT BRAISE, da AFP

DESPORTO

RFA: um país virado para o Desporto (2)

Experimente o leitor, leigo ou dado a essas coisas das letras: apanhe-se em Frankfurt, dê corda aos sapatos e vá ao 23 da Grosse Hirschgraben. Mesmo para um sujeito de larga cultura, o olhar espantado fica quase em fita: a pequena viagem por três andares da casa onde nasceu Goethe, vai esmagar, perturbar, implicar uma pequena reciclagem de tudo o que leu, ouviu e imaginou do rapazinho nascido a 28 de Agosto de 1749 que, no Outono de 1775 aceitou o convite do duque Carlos Augusto para se fixar em Weimar, a cidadezinha (hoje na RDA) onde o Benfica já morou, quando em lena defrontou o Carl Zeiss, naquela vez em que viajámos a partir do lusco-fusco e, quando o Manuel Barbosa (da «Mercury») joga tudo resolvido, com o hotel de porta aberta para a comitiva dirigida pelo saudoso Borges Coutinho, eis que esbarrámos com um vidro pelo nariz: é que, perdoo-se a lembrança, mal viram descer do autocarro, seguidinhos como se fossem sobreviventes de um combate, ensonados e cansados pela viagem, Romeu Correia, Amadeu José de Freitas, Vasco Santos e o Couto Santos, antecedenno uma coluna que nem quiseram espreitar, os empregados da recepção não estiveram com meias medidas. Porta na cara: esperavam o Benfica e aparecia uma legião de romeiros...

E foi, realmente, um trabalho dos diabos para, lá nessa Weimar linda como muitos amores, se convencerem que era mesmo o Benfica que chegava, rodeado (embora) por jornalistas que não praticavam futebol, mas eram brilhantes com a pena e a palavra.



Guido Kratschiner



Harald Schmidt



Birgit Friedmann



Ora bem: desculpe este lapso de curva, aí está Goethe e as suas recordações, numa casa amorosa de cinco andares, o poeta fascinante que a mãe Ajas criou para os mais altos voos e, em fatias, ofereceu ao Mundo coisas maravilhosas como «Werther» e «Fausto», escritas quando viajava pela Suíça, por França, por Itália, até quando nos «anos de aprendizagem» funcionava como ministro de Estado do tal cidadão de Weimar que tinha dinheiro como terra.

Goethe é, assim (a modos que) um Camões germânico. Não perca, leitor: em Frankfurt, a casa do mais divulgado poeta alemão, se tiver cuidado em não saltar sobre alguns carcomidos degraus, é um esplendor para o olhar. É o reflexo vivo da vida de uma família burguesa de classe acomodada: uma biblioteca com cem mil volumes e um fabuloso arquivo de manuscritos, quatro centenas de pinturas e desenhos, pianola, tear, o pequeno jardim e a robusta árvore que aqueceu um homem que ficou na história, foram ponte de passagem até um jantar na soberba torre de Frankfurt, girando sobre a cidade, relva e luzes confundindo-se, os prados a perderem-se de vista.

Atletismo; 752 mil praticantes

Adiante. Pegámos o comboio, estamos em Darmstadt, a Federação de Atletismo da RFA abre-nos as portas. Heinrich Henze, o secretário-geral está no 20-A da Rheinstrasse de braços abertos. Renate Forster vai traduzindo:

— Quinze associações de regiões, com oito mil clubes-membros, constituem esta Federação de Atletismo. Praticantes? Queríamos mais: «apenas» temos 752 mil...

O cliente-jornalista abre a boca de espanto. Regista que 200 mil filhos da RFA estão preparados para uma triagem até à alta competição, até aos níveis desportivos mais qualificados. Isto, enquanto o «Desporto para todos» se alarga aos milhões, com «carreiras» nas cidades, com circuitos de manutenção que chegam (simultaneamente) a ter em acção seis mil participantes!

Contra o cronómetro

«Herr» Henze fala de está-

gios para estrangeiros, da crescente escola que nasce em Mogúncia, de cursos com a colaboração do Governo Federal. Debruça-se, depois, sobre a alta competição:

— Temos dois mil atletas em associações regionais com possibilidades de subida até ao grupo de excepção: e, em plano de juniores, 400 praticantes que podem, muito em breve, juntar-se aos 600 seniores que estão sob nosso controlo periódico, com vista aos mais altos voos.

H. H. fala de Harald Schmid: 48,5 nos 400 barreiras (máximo europeu) de muitos jovens em rodagem que, sob a direcção do campeão, andam lá em baixo, na pista, aperfeiçoando o estilo, lutando contra o inimigo que mora na palma de uma mão. Mas, o cronómetro é inexorável: é preciso tentar de novo, repetir, voltar atrás e começar outra vez. Noventa por cento de transpiração e dez por cento de inspiração fazem a fama e escrevem o nome para o amanhã.

Nível global: o desejo

Presentemente, a Alemanha Federal pode gabar-se de, quando se fala de atletismo, estar nomeada entre as oito maiores potências mundiais o que, para um país varido de fio a pavio pela metralha e pela fome, é obra para se tirar o chapéu e ficar de pé, em silêncio e respeito.

— Em homens, dentro de condições normais, estamos no melhor quarteto, de potências (acrescenta Heinrich Henze). Há muita liberdade para cada atleta, dentro de um esquema de treino adequado, fazer a sua preparação: interessa-nos mais o nível global que apenas o desportar, por vezes efêmero em demasia, de uma unidade acima de toda a concorrência.

Não influenciámos carreiras: queremos dedicações e vontades. Aqui, na Federação de Atletismo, temos uma meta definida: a longa distância, sempre mais além, um risco que vencido, logo obriga ao nascimento de outro. E, realmente, o século em que vivemos não se compadece com um objectivo conquistado e, logo, o repouso dos heróis.

A aposta

Diferentes sistemas políticos são colocados em confronto: na RFA cada atleta pode viajar onde desejar. E o desporto é, sem dúvida, o estímulo para conhecimento de

novas latitudes, outras gentes. Heinrich Henze diz:

Os Jogos de Munique não foram nenhuma meta: foram, como direi?, uma hipótese de teste. A Federação de Atletismo nasceu em 1896 mas refundada em 1949, depois de uma guerra que todos sabem ter sido o maior massacre da História, implicou, a partir de há dez/doze anos, uma busca de talentos, uma promoção de valores que possa servir de íman para praticantes mais jovens. Lembra-se o que aconteceu em Espanha, quando Manuel Santana apareceu nos «courts» de ténis? Logo surgiu o Orantes, logo vieram outros moços cheios de sonhos e de hipóteses, como passáros que desejavam a fortuna e a glória. Aqui, na RFA, onde a carreira do atleta nunca se encaminha para um campo profissional mas, pelo contrário, lhe oferece promoção social e hipótese de estudo com horizontes rasgados, o ideal é (realmente) o do aperfeiçoamento individual mas, acima dele, sobreposto, o da quantidade de cidadãos em cena, no estádio como no pavilhão, nos campos como nos ginásios. Foi uma aposta: não queremos perder essa crença de, antes de findar a década, estarmos na vanguarda.

Dinheiros, apoios

Los Angeles, 84: Jogos Olímpicos. O todo-poderoso da Federação de Atletismo da República Federal da Alemanha abre-se:

— Começámos já a planificar a nossa representação e, no fim deste ano, formaremos um bloco grande de atletas considerados «sob o olhar». Será neles que vamos investir em pleno. Os exames definitivos serão em Atenas (1982) e em Helsínquia (1983), nos campeonatos europeus.

Falamos de Portugal, da vinda até nós de mestres e exemplos. Na RFA estamos totalmente receptivos a todas as sugestões que vierem da vossa Direcção-Geral dos Desportos ou do Instituto Nacional de Desportos.

O secretário-geral da «Deutscher Leichtathletik-Verband» não precisou (se quer) de consultar cábulas. Falou de nossa terra com um conhecimento que faz inveja aos meus companheiros da

América do Sul, recordando o apoio do Governo da RFA a tudo que signifique actualização com a Educação Física e envolva Portugal.

— Para um total e efectivo auxílio a todos os países que nos solicitam, era necessário um crédito governamental da ordem dos seis milhões de marcos, em cada ano. O governo concede quatro milhões: o resto vem de meios próprios.

E explica:

— Gastamos três milhões na promoção do atletismo qualificado, 200 mil no escalão etário juvenil e 800 mil no apoio a outros países, especialmente do «Terceiro Mundo».

Tentamos, especialmente, que seja proveitosa a ajuda técnica, que desencaide ou aperfeiçoe vocações.

A pergunta: que é isso de «meios próprios»?

Darmstadt, muito tranquila, cidadezinha-satélite-dormitório

da grande Frankfurt estendendo-se, espreguiça-se, numa nesga de terreno. Heinrich Henze vem até à galeria e mostra-nos:

— Vêm estes cartazes na parede? Repararam nas insígnias que lhes ofertámos? Sabem quanto rende o nosso contrato permanente para a transmissão-TV dos principais eventos atléticos?

Desdobra um mapa: cartazes ofertados por uma companhia cervejeira, 300 mil marcos de receita na venda de emblemas com o DLV douado que indica ser praticante de atletismo quem transporta o símbolo na lapela, 400 mil marcos de bilheteira nos campeonatos e provas dominicais mais outro tanto de direitos pela captação-TV.

(Embrulhei-me na capa do artifício, do utópico. E fiquei pensando quando é que a RTP a que vamos tendo direito dará um ar de graça e, para o José Galvão como para um futuro colega de mesmo gabarito, oferecerá a possibilidade de ir por aí fora, do Algarve ao Minho, dos Açores até ao Funchal, colocar em celulóide vivo as pequenas proezas dos Farias e dos Oliveiras, dos Lopes e dos Mamedes. Mesmo com prejuízo de uma das quaisquer séries onde se aprende a balear com arte e jeito, como quem palma a preceito).

«Tartan»

Outra vez Darmstadt: uma

pista de «tartan» custa quanto?

Em Portugal, nesta minha terra, existem três: a do Jamor (obra cufista, quase às moscas, inabitada três longas quartas partes do ano), a de Alvalade (rebentando pelas costuras, fruto de uma aventura não totalmente acontecida) e a da Luz que (queiram ou não acreditar, nasceu do diletantismo de um banqueiro espicaçado nos seus réditos: Jorge de Brito). E, na RFA, neste 81 a fechar-se?

— Temos entre 500 e 600. Pavilhões cobertos com «tartan» para a alta competição, e apenas de atletismo possuímos quatro: em Dortmund, em Dusseldorf, em Munique e em Estugarda. Claro que temos outros, duas centenas deles, mas com polivalente valor: tanto servem para o atletismo como podem enquadrar basquetebol ou atletismo, ginástica ou boxe.

Incremento oficial

Nos clubes regionais como nos das grandes cidades da RFA, o ingresso está aberto a quem quer que seja: importa é distinguir quem chega somente para manter a forma, para se distrair ou, em outro pólo, mostra aptidões para saltos até ao infinito. «Herr» H.H. fala, também, de clubes universitários, da entrada (aos 14 anos) para um nível federal em que os «talentos» começam a ser separados da multidão e o seu desempenho é ajudado com melhores mestres e cuidados com superior apetrechamento para o progresso.

— Os que podem subir, logicamente que recebem um bom impulso: pode ir até uma ajuda nos estudos, como na procura de uma profissão que permita tempo livre para o treino, horas para frequência de cursos e para constantes exames médicos, que são profundamente preponderantes na ficha do atleta e, ao primeiro sinal contrário, vão obrigá-lo a debruçar-se exclusivamente para uma prática diletante em lugar de o manter no percurso para a alta competição.

Quando estão no rumo mais credenciado, claro que os menos favorecidos familiarmente recebem uma pequena ajuda financeira: mas, mesmo assim, apenas se contemplam os que

moram longe do lugar de treino, porque não desejamos qualquer habitação a proventos que somente acarretam vícios e desvios do campo desportivo. Nunca extrairmos um atleta promissor à sua profissão ou ao seu estudo: queremos (e sempre temos conseguido) combinar profissão, estudo e treino. Uma única concessão: interromper os estudos por um ano mas, mesmo nesse caso, exclusivamente quando o praticante estiver na alta competição e tiver sido chamado para representar a Alemanha Federal em Jogos Olímpicos.

Concluir:

— Os atletas de nível mais saliente, de primeiríssima água, cumprem doze sessões de treino semanal. E, até hoje, nenhum acabou pedindo auxílio para sobreviver, depois de ter «existido» como campeão ou seu satélite. Aí está (talvez) uma razão para o alicerce deste desporto que, na RFA, é nosso pequeno orgulho.

Darmstadt fica para trás: vamos a caminho de Bona. Outras facetas do desporto na RFA irão ficar na retina. Porém, as proezas de Guido Kratschmer como de Birgit Friedmann, de Dietmar Mogenburg (que já pulou 2 e 37 em altura, num treino onde duzentos colegas foram testemunhas) ou desse já quase lendário Harald Schmid (48,05 nas 400 barreiras) fazem meditar. Amigos: acham que os campeões nascem por geração espontânea ou que, como acontece em todas as coordenadas mais evoluídas, é recolhido na peneira da esperança e tem o caminho atapetado até chegar a tratar por tu as grandes marcas, os tempos deslumbrantes que são produto de toda uma planificação que somente lateja e vive em círculos onde Portugal é parente pobre?



Neves de Sousa
enviado especial

DESPORTO

Europeu hoquista

Portugal-Espanha: sorte ou azar a 13!

Essen, RFA, 13 (Especial para o «DL», por Orlando Dias Agudo) — Hoje, dia 13 e sexta-feira, será que a sorte tocará a turma portuguesa ainda com algumas aspirações de obter o título europeu em hóquei patinado?

O ensaio geral foi péssimo: marca fraquíssima (3-0) perante os «bombos da festa» do torneio, os pobres suíços que têm tantos jogos como desaires. A única nota positiva residiu na subida de Leste ao 2.º lugar entre os goleadores: 12 (tantos como feitos pelo espanhol Centell) contra mais um do italiano Marzella. Para baixo está outro português: Fernando Pereira tem sete remates vitoriosos.

Mas, se a nossa preparação para o grande embate ibérico foi de mau semblante, também a dos nossos directos adversários não deixou os responsáveis tranquilos, optimistas: Trullols, o guarda-redes espanhol, sofreu uma comção cerebral porque foi atingido pelo «stik» do germânico que fez o gol da sua turma e, à hora a que telefonamos esta crónica, continua no hospital de Essen, com possibilidades quase nulas de defrontar o «cinco» de Rendeiro-Livramento, no jogo que terá como árbitro Lorenzo Vin, um italiano que está na corda bamba, pois era contra-indicado um apitador de país directamente interessado no título, o que deixa no ar todo um vasto mundo de suspeições.

Já agora, digamos que será um germânico (Frigge) o juiz do Itália-Espanha de amanhã e que se encontra em Essen o colega Gabriel Alves que fará esta noite o trabalho de reportagem para a RTP.

Entretanto, em bastidores, sucedem-se reuniões: aprovada uma proposta italiana contra o antijogo, a Espanha coloca reticências e fica de pensar se deve (ou não) comparecer em Barcelos, para o Mundial-82. Quer dizer que os espanhóis estão frontalmente em oposição à nova regra que especifica que uma equipa não pode, durante mais de cinco segundos, reter o esférico atrás da linha a toda a largura do rinque que fica nas imediações da sua baliza. Portugal, Espanha e Suíça estiveram em oposição: oito países bateram este triunvirato.

Enfim: está a chegar a hora. É provável que Portugal apresente uma formação diferente do trivial: possível (isso, sim) é dar à multidão de emigrantes que, certamente, vão encher este desolador pavilhão de Essen, uma compensação bonita para o apoio que sempre prodigalizaram à engeitada selecção do hóquei luso.

Resultados da 6.ª jornada do europeu: Suíça - Inglaterra, 0-4; Bélgica - França, 3-10; RFA - Espanha, 1-3; e Suíça - Portugal, 0-3.

Cristiano, Leste e Fernando Pereira, marcaram os golos da vitória portuguesa numa partida difícil, em que o árbitro belga Armand Caron mostrou o cartão amarelo a Fernando Pereira, Cristiano e ao suíço Marcante.

Portugal: Ramalhe, Fernando Pereira, José Carlos, Cristiano, Leste Gomes da Costa e Vitor Rosado.

Suíça: Bellenbach, Cordonier, Scharen, Marcante, Taroni e Armati.

	J	V	E	D	G	P
Espanha	5	5	-	-	28	410
Portugal	6	5	-	1	34	610
Itália	5	5	-	-	27	910
Holanda	5	2	1	2	16-12	5
RFA	6	2	1	3	22-21	5
França	6	2	-	4	21-36	4
Bélgica	6	2	-	4	13-22	4
Inglaterra	6	2	-	4	10-30	4
Suíça	7	-	-	7	10-31	0

Hoje: Bélgica - Holanda (15h30 em Lisboa), Inglaterra - França, 16h30), RFA - Itália (19h30) e Portugal - Espanha (às 20 e 30) transmitido directamente pela RTP.

Última hora

Portugal joga hoje com a Espanha, sob protesto oficial. O facto deve-se à nomeação do árbitro italiano para dirigir o encontro, quando a Itália é interessada directamente no resultado do confronto ibérico.

Korchnoi: lance selado

A 15.ª partida do mundial de xadrez, entre o campeão Anatoly Karpov e o pretendente Viktor Korchnoi, foi adiada ao 40.º lance e os especialistas vaticinaram que terminará empatada. Korchnoi, que jogou com as brancas, selou o 41.º lance. Karpov vence por 5-2, bastando-lhe mais uma vitória para conquistar o título mundial.

Os lances desta partida, entre Korchnoi (brancas) e Karpov (pretas): 1. C4, C-F6; 2. C-C3, E5; 3. C-F3, C-C6; 4. G3, B-B4; 5. C-D5, B-C5; 6. B-G2, D6; 7. 0-0, 0-0; 8. E3, B-G4; 9. H3, BXF3; 10. BXF3, CXD5; 11. CXD5, C-E5; 12. B3, D-D7; 13. B-G2, C6; 14. BXC6, CXD5; 15. B-B2, D5; 16. BXE5, CXE5; 17. D4, B-D6; 18. DXE5, BXE5; 19. T-C1, D4 20. T-C5, B-F6; 21. T-D5, D-C7; 22. EXD4, TA-D8; 23. C-C1, D-B6; 24. TXD8, TXD8; 25. D5, G6; 26. B-F3, R-G7; 27. T-E1, T-D7; 28. D-F4, T-E7; 29. TXE7, BXE7; 30. R-G2, A5; 31. H4, H5; 32. B-E2, B-C5; 33. B-C4, D-F6; 34. D-D2, B6; 35. A4, D-E5; 36. D-D3, D-F6; 37. D-D2, D-E5; 38. B-E2, D-E4; 39. B-F3, D-E5; 40. B-D1, D-E4; 41. Lance selado.

Futebol e hóquei: Governo criticado

Os deputados socialistas Jorge Sampaio e Manuel Alegre apresentaram um requerimento ao Governo sobre a preparação e apoio às equipas nacionais de futebol e hóquei em patins. O requerimento recorda que o Governo atribuiu uma verba de 20 mil contos para a preparação da selecção nacional de futebol, tendo em vista uma eventual qualificação para a fase final do campeonato do mundo. Afirma que «o fracasso da equipa portuguesa frustrou as legítimas expectativas da opinião pública, sem que, dos critérios de selecção e preparação, ninguém tenha pedido

contas a ninguém». Considera, por outro lado, «a ridícula verba» atribuída à selecção nacional de hóquei em patins para disputar em Essen, (Alemanha Federal), o campeonato da Europa. Recorda que «o hóquei em patins é uma modalidade de grande tradição, que tem proporcionado a Portugal alguns dos seus mais significativos êxitos desportivos».

O requerimento repete notícias, segundo as quais «os elementos da equipa nacional de hóquei não dispõem de meios de transporte do hotel para o recinto onde se disputam os jogos, nem do dinheiro

necessário a uma alimentação adequada». Pergunta ao Governo «como se explica a dualidade de critérios na atribuição de verbas a representações desportivas nacionais».

Indaga, também, como se explica que «ninguém peça contas a ninguém sobre o escandaloso fracasso da selecção nacional de futebol». Por último, interroga o Governo sobre as razões por que não tomou «as medidas necessárias a assegurar as melhores condições possíveis à participação da selecção portuguesa de hóquei em patins no campeonato da Europa».

MICROSEPIO

Lauda volta

Niki Lauda, antigo duplo campeão do mundo de condutores, confirmou oficialmente o seu regresso à competição: correrá pela «McLaren» e terá como companheiro de equipa o irlandês John Watson.

Ciclismo:

«super prestígio»

Três vezes vencedor da Volta a França em bicicleta, Bernard Hinault recebeu pela 3.ª vez consecutiva, o troféu «Super-Prestígio Internacional» que premeia o melhor corredor do ano. Bernard Hinault conseguiu este novo êxito com a sua vitória na Volta a França (naturalmente) mas também no Paris-Roubaix, no «Amstel Gold Race», no «Critérium Internacional» e no Critério «Dauphine». Com 325 pontos, venceu nitidamente o belga Roger De Vlaeminck, que continua a ser um dos homens mais regulares da temporada, tendo obtido na prova Paris-Bruxelas o êxito que merecia ter tido na Primavera, quando se classificou em 2.º lugar na Milão-São Remo, no «Paris-Roubaix», no «Amstel Gold Race» e no «Gand Wevelgen». Em 3.º lugar figura o holandês Jan Raas, que terminou melhor o ano de 1981 do que tinha começado: depois de ter interrompido a temporada devido a uma queda no Paris-Roubaix veio a classificar-se em 1.º lugar na Blois-Chaville.

Tiro aos pratos: mundial

O soviético Tomazi Innaishuili tornou-se campeão mundial de tiro aos pratos da especialidade de «skeet», ao somar 198 pontos em 200 possíveis, no decorrer do torneio mundial em Tucuman (Argentina). O italiano Celso Giardini obteve o 2.º lugar, logo seguido dos franceses Bruno Rosseti e Ellie Penot.



Cristina Abreu: outra atleta que troca o Sporting pelo Benfica

Olímpico «desleal»

por causa de uma flor

O secretário-geral do Comité Olímpico venezuelano (Fermin Perez) foi suspenso do seu cargo por deslealdade. Perez defendeu a inclusão da atleta venezuelana Flor Isava no seio do Comité Executivo do Comité Olímpico Internacional durante o recente congresso do COI em Baden-Baden (RFA), fazendo-o em prejuízo de outros dirigentes do Comité Venezuelano, que vai instaurar um inquérito ao procedimento de Perez para tentar esclarecer as supostas irregularidades cometidas por aquele dirigente.

«Chicotada» basquetebolística

Luís Santarino treinador da equipa de basquetebol do Queluz, foi substituído no seu cargo pelo antigo «internacional» benfiquista José Alberto. Na base das divergências entre Santarino e Queluz está a impossibilidade da colectividade satisfazer as condições de trabalho requeridas pelo técnico demissionário.

Barcelona contra indisciplina

Os jogadores do Barcelona que sejam advertidos nos jogos fora de casa com o cartão amarelo ou expulsos devido ao cartão vermelho serão multados pelo clube. A decisão foi tomada pelo técnico da equipa (Udo Lattek) e a multa será igual ao prémio estipulado para os casos de vitória ou empate. Com esta medida, Lattek pretende acabar com a série de cartões mostrados aos seus jogadores ao longo do actual campeonato de Espanha e que tem redundado em prejuízo para a equipa. A multa não será aplicada caso seja notório um excessivo rigor do árbitro ou quando a exibição do cartão amarelo ou vermelho decorra da legítima defesa das cores do clube.

Porto quer 10 mil contos de Oliveira

Alegando que Oliveira rescindiu unilateralmente contrato fora do prazo legal, a direcção do FC Porto pretende accionar o jogador sportinguista, exigindo 10 mil contos de indemnização. O assunto já foi entregue a advogados das partes em litígio.

Belenenses: será hoje?

Expira esta tarde o prazo dado por Artur Jorge e o seu adjunto Nelo, ao Belenenses: se não forem liquidadas as verbas em atraso (fundamentalmente de «luvas» a técnicos e jogadores) amanhã já não haverá treinador no Restelo.

Torreense sem técnico

Júlio Amador por carência de condições para trabalhar, deixou o comando técnico do Torreense.

Moçambicano na Luz

Artur, médio de ataque que alinhou na selecção de Moçambique, está a treinar na Luz.

Portimonense na onda

O Portimonense vai deslocar-se de 19 a 26 do corrente à Nigéria, para disputar três jogos de carácter particular, dois dos quais com o Ranger International (líder do campeonato local). A deslocação do Portimonense está ainda dependente de um acordo com o Silves, seu adversário na próxima eliminatória da Taça de Portugal, dia 22.

Entretanto, o Benfica suspendeu a realização de um jogo particular que tinha previsto com o Portimonense, integrado nos festejos de São Martinho, a decorrer naquela cidade. Por outro lado, e por iniciativa do Portimonense, realiza-se no domingo, o «1.º Torneio de S. Martinho», com as equipas dos Silves, Esperança de Lagos, Amador de Lagos e do clube organizador, na categoria de iniciados.

Mundial-86

A organização do Mundial-86 de futebol na Colômbia, gerou polémica no Parlamento colombiano (Bogotá). Um grupo de representantes, encabeçado pelo liberal Ramiro Andrade, opôs-se à aprovação de um projecto de lei no sentido de se eleger um comité responsável pela organização do torneio.

Segundo disse Andrade, a Colômbia não possui as infra-estruturas necessárias para a realização do evento e a sua criação está fora dos recursos financeiros do país. O líder liberal acrescenta que a iniciativa de realizar o Mundial-86 no país é absurda e irrealista.

Em contrapartida, outra facção parlamentar, chefiada por Fonseca de Ramirez, defende intransigentemente a realização do torneio na Colômbia, argumentando razões de progresso social, económico e desportivo para o país.

assim vai o

TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O 5.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO DE 18. NOVEMBRO.81

A Comarca de Arganil, x11 111 1xx 11x1; Rádio Totobola, 111 111 1xx 121; Diário de Coimbra, 11 111 1x2 1x1; Diário de Lisboa, x11 1x1 1x2 1x1; Ecos do Cacia, 211 111 x21 1x1; Folha do Domingo, 111 111 xxx 112x; Jornal da Beira, x11 111 1x2 x221; Litoral, 111 111 122 1x1; O Norte Desportivo, 111 1x1 112 111; Notícias de Évora, 111 111 11x 1xx1; Notícias de Felgueiras, 11x 111 1x2 1x21; Rádio Alentejo, 11x 111 1x2 1xx1; RDP/Secção

Desportiva, x1x 111 x12 xx11; Jornal a Voz das Beiras, 111 11x 11x 1121; RDP/Centro-Diário Desportivo, 111 111 1x1 11x1; Voz de Lamego, 11x 111 x12 1211; RDP/Grafonola Ideal, 112 11x 1x2 x121; Rádio Renascença/Secção Desportiva, 111 1xx 2x1 1111; Rádio Renascença/Música e Não Só, xx1 211 x11 x221; Alvo Desportivo, 111 111 121 x12x; Estúdio 64, 111 xx1 xx2 11xx; Jornal de Gaia, 211 1x1 x22 xx21; Jornal da Graça, 112 1xx 1x2 2xx1.

Jornal de Notícias, x11 111 11x xx21; Manchete Desportiva, 211 111 1x2 2x21; Penalti, 111 111 12x 11x1; Quadrante Norte, 111 111 1xx 1211; Rádio Alvo, 11x 1xx 21x x112; Rádio Placard, x1x 111 121 x211; Repórter do Dia, 212 x11 112 12x2; Resenha Desportiva, x1x 111 111 x112; A Voz dos ridículos, 111 111 121 x111; A Voz do Ave, x11 111 11x1 121; O Porto, 12x 121 1x2 x1x.

	R	L	S	U	M						
	1	X	2				1	1	2	1	
1. PORTUGAL - ESCÓCIA	21	9	4				7	3	-		
2. IRLANDA N. - ISRAEL	33	0	1				11	1	1		
3. FRANÇA - HOLANDA	23	8	3				8	3	1		
4. U.R.S.S. - P. GALES	30	3	1				10	1	1		
5. INGLATERRA - HUNGRIA	26	7	1				8	3	1		
6. ITÁLIA - GRÉCIA	29	5	0				10	2	1		
7. MARROCOS - CAMARÕES	24	8	2				8	3	1		
8. COVENTRY - IPSWICH	11	16	7				4	6	2		
9. NOTTS CO - LIVERPOOL	8	10	16				3	3	6		
10. EVERTON - NOTTINGHAM	17	15	2				6	5	1		
11. BIRMINGHAM - TOTENHAM	15	11	8				5	4	3		
12. ESTUGARDA - BAYERN	13	9	12				7	3	4		
13. FRANKFURT - BREMEN	27	4	3				10	1	1		

a) - Nos termos do Artº 149.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente anexo.

1. "CHAVE" LOGICA 2005 :
111 111 112 111

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

O monólogo do Salgueiro

«Uma cidade como a nossa» deu o bafo, com a emissão do quarto episódio. Não quero acreditar e tão cedo não vou acreditar.

Suspenderei aqui as minhas objecções (que são grandes e muitas) a este género de distração. Considero que numa televisão consciente dentro de uma sociedade decente é possível, é desejável, é inevitável outra forma de divertimento que tem a ver com a cultura, com o recreio inteligente, com a ficção criadora de impulsos de humanização. Mas também acho que a demasiada submissão a produções estrangeiras originou necessidades cuja satisfação de preferência deve passar pela criatividade nacional.

«Uma cidade» vinha nessa linha em que já conhecemos o «Zé Gato». A sua continuação devia ser incentivada e não travada. Apenas quatro emissões bastaram para lhe granjear enorme popularidade.

Luís Filipe Costa revelou-se como um director consciente e o ritmo que imprimiu a muitas cenas provou que temos ali um realizador sem subserviências a modelos estrangeiros, desentolito e sobretudo com estofo para ir mais longe. O capital de qualidade nele empatado, se a suspensão se mantiver, cairá no desperdício. Paradoxalmente quando tanto se fala no incentivo do divertimento interno.

Júlio César ganhou o seu lugar desde o primeiro minuto. Sabe de televisão como gente grande. Digamos que ele é a grande revelação desta série. Ele, só por si, justificaria a continuação da história.

Rui Mendes não se fixou tanto na retina do espectador. Não está em causa a sua qualidade de actor, que todos reconhecem. Só que o caracterizaram mal. Faltam-lhe os tiques, os jeitos, um conjunto de dados exteriores que revelam a verdade, a realidade de uma maneira de ser.

Há ainda a banda sonora, os diálogos sem colesterol, os apontamentos sociais, enfim, toda uma escola em que «uma cidade» se estava a transformar.

...E, curiosamente, esta série portuguesa, na sua simplicidade de processos, era mais violenta, mais imprópria para televisão do que as americanas nossas conhecidas. Nesse aspecto, quando recomeçar, «Uma cidade» terá de rever certos pormenores.

Esperemos que recomece.

Salvação - de quem?

Não havia grande expectativa face à pré-dica de João Salgueiro. A própria RTP não fez grande publicidade. Talvez por ser «tempo de Governo». Mas... a quem pertence todo o restante tempo da televisão?

O monólogo do Salgueiro, de facto, nada trouxe de novo. Quer dizer: nada trouxe de esperança. O que ele queria dizer, na realidade, era isto: «A situação económica está berra e quem vai pagar as favas é a população». Pensar é fácil, dizer é difícil. Lá vêm os rodeios, as perifrases, as ameaças veladas, o punhal na bainha transparente.

Quando afirma que é preciso produzir mais e reivindicar menos, percebe-se à léguas que tal linguagem encobre um aviso aos trabalhadores, mostra-lhes que, para além do último furo aberto no Governo, pretende obrigá-los a abrir outros. Receita velha...

«Estamos - diz ele - a ganhar para além das nossas posses»... Nossas de quem, ó João? Querres uma aposta de que tu não gastas para além das tuas posses? O que devias dizer era o seguinte: «Alguns portugueses estão a gastar acima das posses dos outros portugueses». Esses é que têm de baixar a bolinha. Mas nesses nem se toca, né?

Quando insinuaram que João Salgueiro viria dizer tudo, mentiram. A verdade é esta: depois da austeridade importada pelo FMI em 1977-78-79, a AD desencadeou um terrível vendável de demagogia eleitoralista, expresso no «slogan» da mudança. As eleições foram ganhas pela AD à custa de um processo de destuição económica. Os resultados estão à vista: a carteira insuportável, a desprotecção à lavoura e aos pequenos industriais e comerciantes, os golpes no «direito à habitação», o corte nos créditos, etc., etc. Agora, e só agora, a AD vem dizer que a austeridade é indispensável, agora que já ganhou

as eleições e tem o Governo no papo...

As suas investidas contra o sector público, as suas loas ao investimento privado como forma de criar empregos, não são de admitir nem mesmo num economista ao serviço do capitalismo. Qualquer um desses sabe que, em épocas de recessão, o investimento privado se encolhe e que é o Estado quem deve tomar a iniciativa. Iniciativa em favor de quem é a questão que se coloca. Dado que em Portugal os sectores básicos de produção se encontram nacionalizados, o seu reforço e desenvolvimento iriam fortalecer o motor de arranque da economia ao serviço da população.

João Salgueiro fala em «salvação nacional». Aqui temos a chave do projecto. A população vai ser gravemente ferida nos sectores da saúde, da assistência, dos transportes, da educação, da habitação, do ensino. Cai a ameaça de pesados sacrifícios. «Salvação nacional», em bocas como a de João Salgueiro, significa que a salvação não será para a nação - mas para alguns. Alguns querem salvar-se depois de tudo terem feito para nos perderem.

Esses não serão salvos.

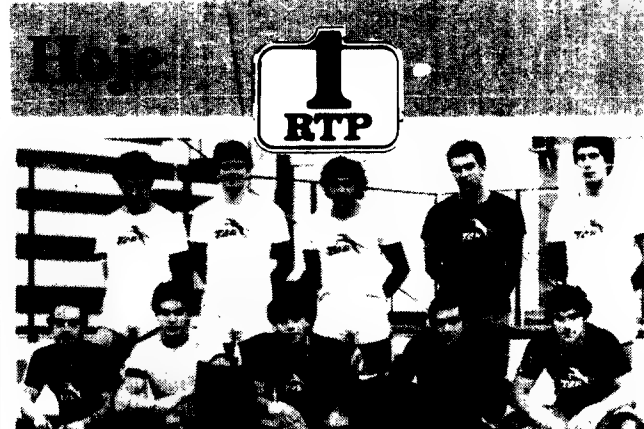
Mário Castrim

P.S. - O telejornal silenciou, continua a silenciar, a atribuição a José Saramago do Prémio da Cidade, pelo seu livro «Levantado do chão». Se alguns pensaram que tais processos haviam sido banidos da Televisão desiludam-se. Aí nisto, a RTP de Valadão poderá dizer da RTP de Proença: «Esta é a televisão que me herda!» Como se prova. M.C.



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV DO FORNO, T.A. AO ROSSIO, 1-371001-2



Os nossos hoqueistas que estão em Essen, e que esta noite poderemos ver através da RTP-1, numa transmissão directa, no jogo contra a Espanha

Das 15.00 às 15.45, serão transmitidas, via Eurovisão, imagens relativas à missão do vaivém espacial Columbia.

- 18.07 Sumário**
18.10 Tempo dos Mais Novos
18.45 País, País
19.10 A Magia das Bonecas - bonecas brinquedos.
19.45 «Olhai os Lírios do Campo» - 22.º episódio.
20.20 O Tempo
20.25 Campeonato da Europa de Hóquei em Patins
22.05 Telejornal - as notícias do País e do estrangeiro.
22.35 Noves Fora Nada
23.40 24 Horas - últimas notícias.



- 18.45 País, País**
19.10 «Sítio do Picapau Amarelo»
19.40 O Homem e a Terra
20.05 Jélio e Efolto
20.30 Informação/2
21.00 Grandes Maestros
22.00 Animação/2
22.30 Pare, Escute e Olhe - leitura de fragmentos de uma «Carta de Lisboa a um seu amigo» de Luís de Camões, por Lagoa Henriques.



Na rubrica Grandes Maestros, na RTP-2, é esta noite evocado o maestro e compositor francês Pierre Boulez

Amanhã



10.35: Tempo dos Mais Novos; **11.30:** Animação; **12.00:** «Loja de Antiguidades»; **12.30:** Documentário; **13.00:** Inventário Musical; **13.30:** Novos Horizontes; **14.00:** Sumário; **14.05:** 100 Grandes Quadros; **14.20:** Baralha, Parte e Paga; **14.35:** Lúculos e Bróculos; **15.00:** Hoje Há Visitas; **16.00:** Cosmos; **17.00:** Porque Hoje é Sábado; **19.00:** Viva a Música; **19.30:** Outras Maneiras; **19.55:** O Tempo; **20.00:** Aqui e Agora; **21.30:** Sabadabado; **22.30:** «Dallas».

19.05: Mumi; **19.30:** Topo Norte; **20.00:** Ecran; **20.30:** O maior cartaz cinema «Duelo no Deserto».

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!



Hóquei em Patins, Portugal-Espanha (20.05)

O maestro Pierre Boulez (21.00)



Além de um programa a escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Cintra convida Eugénio a organizar o posto médico da fábrica e a assumir ali o cargo de médico permanente. Simão e Dora encontram-se, fazem novas juras de amor e ela diz-lhe que nada afectará as suas relações futuras. Eugénio, depois de pedir a Cintra que o deixe pensar durante 3 dias na proposta, conversa com Eunice, a quem chama snob e pretensiosa, retirando-se de seguida. Olívia desiste de esperar por Eugénio, enquanto Ernesto procura Madalena no hotel dizendo-lhe que sentiu saudades suas. Eugénio vai ao quarto de Olívia, onde a encontra ainda acordada. O pai, entretanto, quando está a trabalhar, sente-se mal e é socorrido pela mulher.

ASSISTENCIA TECNICA GRUDING

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Caração, 11 Cruz Quebrada - Tel. 2112871

SEMANA DO ESCRITOR PORTUGUÊS

Na INTERLIVRO
de 9 a 14 de Novembro

Sessões de autógrafos *

2.ª feira dia 9

Casimiro de Brito • Dinis Machado
José Gomes Ferreira • Manuel Geraldo
Urbano Tavares Rodrigues
Almeida Faria

3.ª feira dia 10

Baptista Bastos • Mário Zambujal
Rogério Paulo • Romeu Correia

4.ª feira dia 11

Alice Vieira • Joaquim Pessoa
José Duarte • Wanda Ramos

5.ª feira dia 12

Luís Francisco Rebelo • Modesto Navarro
Orlando da Costa • Pedro Alvim
José Saramago

6.ª feira dia 13

Garcia Barreto • Leandro Martins
Manuela Cândia Reis • Teresa Horta
Antunes da Silva

(* Sempre depois das 18 horas)

Sábado dia 14 além destes escritores
estarão também presentes

Fernando Lopes Graça e Ondina Braga
Debate - «O escritor e o livro»



INTERLIVRO

Ponto de encontro
dos autores com o público
Rua Pedro Nunes, 9-A
1000 Lisboa

FILMES CASTELLO LOPES

65

apresenta

HANNA SCHYGULLA

no novo sucesso de

R.W. FASSBINDER



As lágrimas amargas
de Petra von Kant
(Die bitteren Tränen der Petra von Kant)

MARGIT CARSTENSEN • IRM HERMANN
EVA MATTES

Argum. R.W. FASSBINDER Fotogr. MICHAEL BALLHAUS
Não acons. a men. de 18 anos - COLORIDO

O difícil mundo
do amor entre mulheres!

FILME
DE
QUALIDADE

3.ª

SEMANA

quadrado

roteiro cultural

Teatro

O Teatro Experimental de Cascais faz hoje 17 anos, sendo, a seguir ao Teatro Estúdio de Lisboa, a Companhia de Teatro Independente mais antiga, razão por que esta noite homenageará o agrupamento de Luzia Maria Martins, antes de subir o pano para mais uma representação de «Onde Vaz Luís?», em cena no Teatro do Picadeiro do Monte Estoril.

O novo espectáculo do TEC, uma tragi-revista que tem obtido grande êxito de público e de crítica, tem texto de Jaime Gralheiro, encenação de Carlos Avilez, música de Luís Pedro da Fonseca, coreografia de Agueda Sena, cenários de António Casimiro, máscaras de Carlos Barros, figurinos de Helena Reis e é apresentado todas as noites às 21.45 (excepto às segundas-feiras) salvo aos domingos, que é às 17 horas.

O «Ciclo de Teatro do Trabalhador», iniciativa do Inatel de âmbito nacional que se prolongará até ao próximo dia 29, com a participação de uma centena de grupos cénicos amadores, movimentando mais de 1800 pessoas entre

actores e técnicos nos 250 espectáculos que se efectuarão em todos os distritos do continente e nas regiões autónomas, leva a efeito 23 representações no distrito de Lisboa, das quais 8 no Teatro da Trindade, realizando-se a primeira esta noite, às 21.30, com a representação da peça «Moços e Velhos», de Rangel de Lima, pelo Grupo Cénico do CCD da Nacional. No domingo, às 16 horas, «Esteiros», Grupo de Teatro de Amadores da Sociedade Euterpe Alhandrense, apresentará «O Dia Seguinte», de Luís Francisco Rebelo.

O «Teatro do Semeador», de Portalegre, vai dar uma série de espectáculos com a peça «A Mosqueta», de Ruzante. Com sessões às 15 e às 21.30, vai estar amanhã em Arez e Amieira do Tejo; domingo em Alpalhão e Tolosa; dia 21, em Salavessa e Montalvão; dia 22, em Arneiro de Nisa.

Cinema

«O Cinema à Sexta-Feira» um ciclo organizado pelo TNT, prossegue hoje na salinha da Praça José Fontana com a exibição, às 21.45, do clássico



Com mais uma representação de «Onde Vaz Luís?», o Teatro Experimental de Cascais completa hoje 17 anos de vida

de Marcel Carné «Os Trovadores Malditos».

Um Ciclo de Cinema Português, está a decorrer na Casa do Povo de Vila Franca de Xira. Hoje, em estreia, será exibido «Velhos são os Trapos», de Monique Rutler (às 21.30); amanhã e domingo (às 15.30), passam, respectivamente, «Nós por cá todos bem», de Fernando Lopes e «Horas de Maria», de António Macedo.

O Cine-Clube de Torres Vedras está a comemorar 25 anos de vida. Amanhã na Biblioteca Municipal da novel cidade estremeira, realiza-se às 16 horas um colóquio onde se falará no passado, no presente e no futuro daquele que é um dos cineclubes mais antigos de Portugal.

Música

O Grupo Coral do Grupo Desportivo do Banco de Portugal comemora hoje o seu décimo aniversário com um concerto que terá lugar na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, às 21.30.

Na Academia de Música e

Belas Artes Luísa Todi em Setúbal realiza-se amanhã, às 17 horas, um concerto de canto e piano. Os solistas Margarida Schack e Fernando Azevedo interpretarão obras de Brahms, Marcos Nobre, Koellreutter e Mahler.

Exposições

Até 6 de Dezembro, a cidade de Setúbal contará com a exposição «Cinco Séculos do Azulejo em Portugal», presente no Pavilhão Distrital (Parque das Escolas - Av. Luísa Todi). Será visitável todos os dias, das 14 às 19 horas. A apresentação da referida exposição organizada pelo Museu Nacional do Azulejo, deve-se ao Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal que obteve para o efeito a colaboração da DEPA e da Câmara Municipal de Setúbal.

Entretanto, no âmbito da exposição, pelas 17.30, uma palestra intitulada «Setúbal e a evolução do azulejo em Portugal», proferida pelo dr. Rafael Salinas Calado, director do Museu Nacional do Azulejo.

1.º MÊS DE ÊXITO

TEATRO IBÉRICO

Retábulo do
Amor
profano

NO TEATRO ABERTO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 18
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
NÃO PERCA ESTE MARAVILHOSO
ESPECTÁCULO

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	58\$25	63\$25
ALEMANHA FED (marco)	28\$55	29\$65
AUSTRIA (xelim)	4\$00	4\$20
BELGICA (franco)	1\$538	1\$738
BRASIL (cruzeiro)	\$315	\$565
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	52\$80	54\$80
(notas de 5 a 1000)	53\$30	55\$30
DINAMARCA (coroa)	8\$85	9\$25
ESPAÑA (peseta)	\$629	\$729
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	62\$85	64\$85
(notas de 5 a 1000)	63\$35	63\$35
FINLÂNDIA (marka)	14\$55	15\$15
FRANÇA (franco)	11\$20	11\$90
HOLANDA (florim)	26\$00	27\$00
INGLATERRA (libra)	119\$60	123\$60
IRLÂNDIA (libra)	101\$50	105\$50
ITALIA (lira)	\$049	\$059
JAPÃO (iene)	\$253	\$288
NORUEGA (coroa)	10\$80	11\$30
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10
SUIÇA (franco)	35\$65	36\$75
VENEZUELA (bolivar)	13\$00	14\$00

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem - juvenil; 17.00: Postigo; 18.45: RDP-regiões; 19.00: Turismo dos anos 80; 20.00: Enquanto os outros vêem TV; 20.20: Relato do jogo de hóquei em patins, Espanha-Portugal; 21.00: Programa da noite; 21.30: Alfa e ómega; 02.00: Madrugada na RDP-Sul; 05.30: Programa rural da RDP-Sul. Grandes blocos informativos: 13.00, 19.30 e 23.30.

15.15: Música de compositores novecentistas; 16.17: Uma obra concertante de Brahms; 16.50: Momento de poesia; 17.00: As palavras dos músicos; 17.30: Música de João Sebastião Bach; 18.05: As cores e as formas; 18.35: Música de Martinu; 19.00: Semanário musical; 20.10: Música de Carissimi; 21.00: Cancioneiro popular português; 21.30: Intercâmbio; 23.00: Concerto n.º 1, em ré maior, op. 6, para violino e orquestra, de Paganini; 23.30: Música do século XX; 00.30: Nocturnos, de Chopin; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 16.45: Os meus segredos de cozinha; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca; 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Tempo de desporto; 23.08: 24 * hora. Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: Discos LAR; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Grande círculo; 23.10: Informação desportiva; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30 «Flashes» noticiosos de hora a hora

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 278

HORIZONTAIS:

- 1 Em maior quantidade. Valor escrito.
- 2 Basta. Artigo indefinido. Rio de França.
- 3 Dar dote a. Quanto basta. Prata.
- 4 De cobre, zinco ou bronze. Resíduo de tabaco, em pó (Brás). Rádio (s.q.).
- 5 Sadias. Cimilha.
- 6 Érbio (s.q.). Greda branca. Pessoa estúpida (fig.).
- 7 Camareira. Frívolas.
- 8 Surripiam (pop.). Cobalto (s.q.).
- 9 Limpa metais. Grito de aplauso, de vitória.
- 10 Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Artigo (fig.). Bário (s.q.).
- 11 Verbais. Planos

VERTICAIS:

- 1 Desilusão.
- 2 Dividir em toros. Lavrar.
- 3 Pequenos barcos de recreio. Delicada.
- 4 Preposição e artigo. Remai para trás.
- 5 Cidade da antiga Caldeia. Urdís.
- 6 Antes do meio-dia. Acreditada.
- 7 Pronome relativo. Existir.
- 8 Parte interna e superior das coxas. Magnete natural.
- 9 Autores. Preposição e artigo (pl.).
- 10 Ligar. Fim.
- 11 Logrado. Campeão.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 137

HORIZONTAIS:

- 1 Estacionas. Pândega
- 2 Prendes. Leal.
- 3 Entrega. Cara grande.
- 4 Antes de Cristo. Rã (pop.)
- 5 Velharia (fig.) Farrapo.
- 6 Ratas. Preposição e artigo. Sentidas Condolências.
- 7 Rezes
- 8 Mastiga sem engolir. Cantigas.
- 9 Clima. Misturo.
- 10 Tornar raro. Manuscrito
- 11 Vazias. O maior dos poetas portugueses, autor de «Os Lusíadas»

VERTICAIS:

- 1 Comer. Amargo.
- 2 Acometer. Actínio (s.q.)
- 3 Freguesia do concelho de Penafiel. Em o. Cura.
- 4 Calúnia. Acreditadas.
- 5 Anéis.
- 6 Donzela de Orleães
- 7 Pesquisaram.
- 8 Ânsia. Rataria.
- 9 Escarneria. Tremor de terra.
- 10 Mãe de Rômulo e Remo. «Post scriptum» Queime
- 11 Para barlavento Ocidente

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 277

HORIZONTAIS:

- 1 MIGALHAS. Ac.
- 2 Elos. Arredo
- 3 Coral. Rã. Ir.
- 4 Rs. Vespas
- 5 Co. Mim. Aia.
- 6 Testaremos
- 7 An. Acató.
- 8 Maria. Eras
- 9 Aforram
- 10 Erro. Nadava
- 11 Mão. Mames

VERTICAIS:

- 1 Meco. TAMBÉM.
- 2 Ilo. Cena. Rã.
- 3 Gorros. Raro.
- 4 Asas. Taitó.
- 5 Mação
- 6 Ha. Vira. Rn
- 7 Arremeteram
- 8 Senhoras. Morada
- 9 E. PAO. Aram
- 10 Adiais. Save
- 11 Corsa. Mas

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 136

HORIZONTAIS:

- 1 Sanar. Sopas.
- 2 Adora. Adega.
- 3 To. Ari. As.
- 4 Agem. Leões.
- 5 Amara. Or
- 6 Remo. Az.
- 7 Arau. Calim.
- 8 Lia. Nuas. Ri.
- 9 Arcai. Redor.
- 10 Amar. Lãs
- 11 Arses. Morar

VERTICAIS:

- 1 Sapa. Calara
- 2 Ad. Ga. Air.
- 3 Notem. Raças.
- 4 Aromara. Ame.
- 5 Rã. Reunias.
- 6 Alam
- 7 Sare. Ocar.
- 8 Odiou. Aselo.
- 9 Pe. Ar. Dar.
- 10 Agãs. Airosa.
- 11 Sãs. Izmir

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
- Int. men. 13 a.
O TERRAÇO
c/ Ugo Tognazi

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.

A FRONTEIRA U. S. A.
Um filme de Christopher Leitch
Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

A TESTEMUNHA
Um filme de Jean-Pierre Mocky
Às 13.30, 15.30, 17.30 e 19.30
- Últimas

MCVICAR, O PERSEGUIDO

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
O êxito continua! 16.ª semana só em Lisboa

Um filme alegre e divertido!
A TURMA DOS REPETENTES
Às 15.30 e 18.30 - Int. men. 13 a.
SEXO À VENDA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta
CONDORMAN
Um filme de Charles Jarrott
Technicolor
5.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.

Uma sublime mensagem... um libelo
contra a guerra!
VAMOS VOLTAR A VIVER
Um filme de Larry Kent

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

A DAMA DAS CAMELIAS
c/ Gilo Goldsmith e Fernando Rey
Um filme de Mamo Bolognini
Às 24 - M. 18 a.

A QUADRILHA DE REFÊNS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.

DEGRADAÇÃO DE UMA MULHER CASADA
Pornográfico - Hardcore
Às 24 - N. ac. men. 18 a.

A INVASÃO DOS VIOLADORES

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.

O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
Às 24 - N. ac. men. 13 a.

OS CONQUISTADORES DO OESTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

O MISTÉRIO DO CRIME
c/ Ashok Kumar e Sanjeev Kumar
Um filme de R. Jhalani

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. m/18 anos

EU TE AMO
c/ Sônia Braga
A grande revelação do Festival de Cannes de 1981

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30 - Int. men. 18 a.

O EXTERMINADOR
Um filme de James Glickenhaus
Eastmancolor
Às 14, 16.30 e 19 - Últimas

A FRONTEIRA USA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30.
Int. a menores de 13 anos

Uma alegre crítica à vida americana
AMÉRICA DIVERTIDA
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

ATLANTIC CITY
c/ Burt Lancaster e Susan Sarandon
2.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.

MALEVIL, O DIA ZERO
Um filme de Christian de Chalonge
Amanhã às 24 - N. ac. men. 18 a.

AS MOTOS DIABÓLICAS

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
c/ Jackie Chan, Yuen Hsiao Tien e Wang Chiang
Um filme de Yuen Wod Ping

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15, 18, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.

EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Filme de qualidade
3.ª Semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
5.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/ Sônia Braga e Paulo Pereira
Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Estreia às 21.30 - Int. men. 18 a.

A artes marciais em toda a sua violência
O DRAGÃO INVENÇIVEL
Às 15.15 e 18.15 - Despedida
RALLY INFERNAL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

Um choque sensual! Um grande suspense!
ENCONTRO FATAL



Burt Lancaster e Susan Sarandon numa cena do filme Atlantic City, Grande Prémio do Festival de Veneza — Leão d'Ouro Em exibição no Estúdio 444

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.

AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Realização de R. W. Fassbinder

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
(In. a men. 18 anos)

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Real. Daniel Duval

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

MISTÉRIO D'OVERWALD
Realização de M. Antonioni
Filme de qualidade

SALA 4

Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 18 a.

26 DIAS NA VIDA DE DOSTOYEVSKY
Realização de Alexandr Zarji

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 21.30 - Int. men. 18 a.

Um filme de rara violência e suspense
O EXTERMINADOR
Projectado no mais moderno sistema
Dolby Stereo
Às 15, 17 e 19

A TURMA DOS REPETENTES

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.

Uma sublime mensagem... um libelo
contra a guerra!
VAMOS VOLTAR A VIVER

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland e Kate Nelligan
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- Int. men. 13 a.

007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
8.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15

Inter. men. de 13 anos

Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
8.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

A FILHA DO MINERO
28.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.

O BURACO DA AGULHA
Domingo às 11.15
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.

A MAIS BELA HISTÓRIA DE AMOR (SUZANNE)
- Int. men. 13 a.
3.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 10.30, 13, 15.30, 19.30, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a.

Uma espada forjada por um Deus somente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Colorido

NÃO AC. M/18 anos
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Um filme de Bob Rafelson
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.

Jma epopeia sem paralelo na história do cinema
ARMADILHA INTERNACIONAL
c/ Roger Moore e Lee Marvin
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

O filme de maior «suspense» de John Carpenter
O NOVEIRO
2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Condorman», às 21.30 (6 anos)

ALFA 3 - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)

POLITEAMA - «Ardamilha Internacional», às 21.15 (13 anos)

CITY CINE - «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «O Sexo Masoquista», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLIMPIA - «Desfloreções», sessões permanentes (18 anos)

2000 - «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)

RESTELO - «O Comando dos Tigres Negros», às 21.30 (13 anos)

EUROPA - «Charlie Chan e a Maldição da Rainha», às 21.30 (13 anos)

LUMIA - «Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)

ROYAL - «Os Sobreviventes do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)

CINEARTE - «Quarto de Aluguer», às 21.30 (18 anos)

PROMOTORA - «Ao Encontro da Guerra e do Amor», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível» - «Apocalipse Now», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - «Academia» - «A Caça», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - «Cineestúdio» - «Da Vida das Marionetas», às 21.30 (13 anos)

COSTA DA CAPARICA - «Sicline» - «A Turma dos Repetentes», às 21.45 (18 anos)

SETUBAL - «Júpiter» - «A Estíngue», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium» - «Das Nove às Cinco», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «O Magnífico Agente Secreto», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - «Oeiras-Cine» - «Sahara Cross», às 21.15 (13 anos)

PARADE - «Royal-Cine» - «Assalto em Telavive», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Casino» - «Condorman», às 17.00 e 21.15 (6 anos)

CASCAIS - «Impala» - «Amor e Balas», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - «Nós Não Somos Anjos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V» - «Decameron Proibido», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Cine Plaza» - «McVicar, o Perseguido», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Lido» - «007 Missão Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Cine Estúdio» - «La Boum, a Primeira Festa», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - «Estúdio Flores» - «O Espião Mais Perigoso do Mundo», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - «Cine Chaby» - «A Grande Jogada», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - «Carlos Manuel» - «O Mecânico», às 21.30 (18 anos)

SACAVÉM - «S. José» - «A Batalha das Ardenas», às 21.30 (13 anos)

MOSCÁVIDE - «Stop» - «Regresso dos Heróis», às 21.30 (18 anos)

MAFRA - «Cine-Teatro» - «Brancas Montanhas da Morte», às 21.30 (13 anos)

Porto

BATALHA - «Vingança de uma Mulher», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «O Filho do Dragão», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Excalibur», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Crônica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.45 (18 anos)

S. JOÃO - «Gente Vulgar», às 21.30 (18 anos)

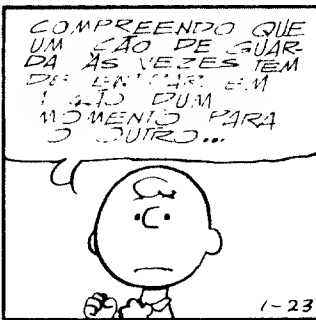
VALE FORMOSO - «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones 20954/5

PORTE
PAGO

MARES DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
 3.39 4,4 m 9.22 0,6 m
 16.03 4,4 m 21.41 0,7 m
 Dia 14
 4.25 4,4 m 10.08 0,7 m
 16.52 4,2 m 22.26 0,9 m

TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	9°
PORTO	11°
P. DOURADAS	12°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	16°
ÉVORA	17°
SINES	16°
BEJA	16°
SAGRES	21°
FARO	20°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	21°

últimas

ASSALTOS A ESTABELECIMENTOS DE ENSINO continuam a provocar problemas difíceis de sanar. Esta noite foi a vez da Escola Secundária de São João do Estoril, onde entraram por meio de arrombamento visando o laboratório. Furtaram o microscópio e outros instrumentos didáticos, causando um prejuízo ainda não determinado. Também a escola primária, número 38, situada na Rua José Bateira, em Lisboa, foi alvo do interesse de indivíduos que se apossaram de vários e múltiplos objectos ainda não inventariados.

DOIS PESCADORES MORTOS NA FAUNA quando esta noite se dedicavam à pesca de enguias, na barragem de Crestuma no sítio de Lever em Gondomar. O pequeno barco a motor em que se transportavam teria batido num dos pilares e afundado rapidamente. Dos seus três ocupantes, todos irmãos, apenas se salvou Manuel da Gama Veler, de 20 anos, morrendo António da Gama, de 28 anos, casado, pai de cinco filhos, e o mais novo da família. Adão com apenas 14 anos.

ESPECIALISTA DE «ESTIÇÃO», designação de furtos cometidos pelo puxão dado às malas de mão e fios de ouro que as pessoas trazem consigo, foi agora apresentado ao juiz de Instrução Criminal com indicição suficiente para lhe manter a prisão. À quinta foi de vez; pois nas quatro outras apresentações foi mandado em paz por falta de provas. Actuava na área do Alto de S. João em Lisboa.

FILATELIA

Enorme variedade em séries novas de todos os países e de todos os temas
NOVIDADES MUNDIAIS
 SERVIÇO DE ASSINATURAS
 SERVIMOS TUDO QUALQUER PAÍS OU TEMA
EXECUTAMOS MANCOLISTAS

C. SANTANA

AV. DA LIBERDADE, 157-1.º
 (Metro: Avenida)
 1200 LISBOA - T. 561539

fim de ano
URSS

MOSCOVO e TALLIN
 29/12 - 05/1
 incluindo

Pensão Completa
 Visitas turísticas e de carácter económico/social
Ceia Fim de Ano
 PREÇO: 32.500 esc.
 Preço especial para grupo min 5 pax
 preço pp. 31.000\$00
 inf. e inscrições na:

VIAGENS E TURISMO LDA
 R. do Crucifixo n.º 33
 1100 Lisboa Telef. 328856-360302

Intentona "Tempo"/"Diabo"

O alvo era (e é) a CGTP

Quando um período de forte contestação ao actual Governo se vai desenhando pelo País, com próximas manifestações de protesto nas ruas na mais estrita ordem democrática, começam os jornais afectos à direita e à extrema-direita («O Dia», «O Tempo», «O Diabo») a «cozinhar» o que vulgarmente se designa por «manobras de diversão».

Acontece, nesta ordem de ideias, uma intentona de direita que, inventada pela esquerda segundo «O Diabo» e «O Tempo», se concretizaria no passado dia 11 do corrente, data em que foi proclamada a independência de Angola.

Três pessoas seriam eliminadas fisicamente: o general Costa Gomes, antigo presidente da República e CEMGFA; o prof. Henrique de Barros, ex-presidente da Assembleia da República e o ex-membro do Conselho da Revolução e ex-alto comissário em Angola, almirante Rosa Coutinho.

Face às informações daqueles jornais, o Governo AD decidiu que aquelas três per-

sonalidades no dia marcado para a «intentona» desfrutariam de protecção policial. Assim, e segundo relata o semanário «O Jornal», assistiu-se a medidas que não passaram despercebidas. Textualmente: «A festa do aniversário de Angola esteve pejada de polícias à paisana, ficando alguns agachados, atrás de Rosa Coutinho e do antigo primeiro-ministro, general Vasco Gonçalves».

De acordo ainda com «O Jornal», que desmonta o que nasceu das campanhas de desorientação de «O Diabo» e «O Tempo», sucedeu que «quer o general Costa Gomes, quer o prof. Henrique de Barros» confirmaram que, efectivamente, «agentes da PSP lhes comunicaram que tinham ordem de vigiar as suas residências».

Que o Governo procure proteger cidadãos ameaçados de eliminação física, entende-se e merece aplauso. Mas o que não se entende é que uma fonte governamental informe «O Jornal» que Costa Gomes, Henrique de Barros e Rosa Coutinho seriam eliminados

«pelo PCP e as FP-25 (...)» para dar abertura a uma campanha nacional lançada pela esquerda, nomeadamente pela Intersindical.

E é precisamente neste ponto que alguma luz se faz: o que está em causa é nada mais, nada menos do que a Intersindical. Interessa à direita (ou aos jornais que lhe são afectos, como «O Tempo», «O Dia», «O Diabo») lançar suspeitas de actos de terror sobre a CGTP-IN, uma vez que as acções de rua de oposição ao Governo não poderão dispensar o seu poder mobilizador junto dos trabalhadores.

Posto isto, chegamos facilmente a uma conclusão: a «intentona» de 11 de Novembro não tinha como alvo Rosa Coutinho, Costa Gomes e Henrique de Barros. A sua «pontaria» era e é outra: tentar destruir, pela calúnia, pela dúvida e pelo medo, a contestação democrática que a Intersindical se propõe levar às ruas juntamente com outras forças democráticas. O resto é uma novela policial que fatiga os leitores fiéis da Constituição de Abril...

O regresso de Barbieri

Continuação da pág. 1

ditador Salazar. Tenente miliciano na GNR, atingiu na PIDE, na qual prestava serviços desde 1948, a alta função de subdirector-geral. A sua participação na organização da cidade de Badajoz está largamente demonstrada. Foi um dos cérebros da operação. Foi um dos organizadores do crime. Um dos responsáveis do assassinio do general Humberto Delgado, essa vergonha, essa página negra da nossa História Contemporânea.

Um deputado, Manuel Alegre, soube levantar a voz do protesto antifascista na Assembleia da República. A acta da sessão registará a indignação e a veemência das suas palavras: «É uma ofensa, um insulto e um crime a presença de Barbieri Cardoso em Portugal.» Com esta condenação se solidarizaram representantes de todos os

partidos com assento na Assembleia da República. Ressaltando o estatuto de independência do Poder Judicial, os deputados da AD condenaram este «regresso» escandaloso, este insulto à Democracia, esta prova de insensibilidade perante um responsável de crimes de morte, este agravo à História, esta afronta à Abril.

Não aceitamos, porque é repugnante no plano moral e cívico, o fado corrido do septuagenário doente, Agostinho Barbieri tem setenta e quatro anos. E é muito possível que não goze da melhor saúde e que os ares de Madrid e sobretudo de Paris tenham deixado de lhe ser propícios. Mas, nem é o homem que está em causa. É a função que exerceu, a trama que urdiu, o crime que organizou e mandou executar.

Porque Humberto Delgado e Arajarir Moreira de Campos

foram atraídos ao encontro de Badajoz e foram friamente assassinados. E porque não podemos aceitar que só um criminoso, um violento vocacionado para o crime, tenha, excedendo-se, cometido o duplo assassinio e desaparecido nas névoas do pós-25 de Abril, do território de Moçambique.

A história da fuga de Rosa Casaco, a liberdade condicional de Lopes Ramos, o turismo europeu de Barbieri Cardoso, inserem-se numa teia que é obscura e que é tenebrosa.

Não discutimos a Justiça. Discutimos a prática política de uma Democracia.

Pensamos na legenda que a História inscreverá sobre este escândalo: o da justiça que não foi feita, o do «regresso» que foi consentido, o da liberdade de movimentos que nos insulta, nos vexe, nos envergonha.

Deontologia também
os preocupa seriamenteArquitectos discutem
património

«Património cultural, em si, a nosso ver, não existe» — este o ponto de vista defendido numa das comunicações que hoje ocupará uma das secções do Congresso dos Arquitectos, que decorre em Lisboa até ao próximo domingo.

«O que existe, sim, são patrimónios culturais consoante as classes que os defendem» — prossegue Mário Caneva Moutinho, arquitecto. A questão põe-se, para o autor desta comunicação, quando procede a uma análise comparada das casas dos emigrantes e do nosso património cultural.

O debate a que procedem os arquitectos portugueses, neste 2.º Congresso, por iniciativa da sua Associação, alargar-se-á assim aos vários domínios que dizem respeito a todos nós, populações. Hoje, por exemplo, os trabalhos restringem-se ao Ordenamento do Território nos seus dois aspectos da «Acção do Estado» e do «Património».

O programa da tarde inclui uma visita à Escola de Belas-Artes de Lisboa e a uma exposição de Cassiano Branco na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Amanhã, os arquitectos reunidos em Lisboa entrarão em novos domínios: a «Habitação e Equipamento» e «Formação e responsabilidade».

O problema do Ordenamento do Território chegou ontem, em plenário, a ser posto de uma forma bastante curiosa: trata-se de um direito de todos nós, portugueses, a par do que se refere à saúde, ao ensino, etc.

Põem-se, também, questões deontológicas aos arquitectos. A tal ponto que ontem foi aprovada uma moção, no referido plenário, no sentido de que um grupo pre-

pare um projecto de código deontológico. A sua concretização passaria pelas exigências da população, ao contrário da indiferença da sociedade que chegou a ser referida. Mas também o Estado deveria definir perfeitamente a quem cabe a responsabilidade dos projectos.

Todos estes problemas se põem com maior acuidade em algumas autarquias do interior. Aí, acentuam-se as carências de recursos perante maiores volumes de trabalho e sem possibilidade, na maior parte dos casos, de assistência por parte de bons técnicos.

A propósito foi aprovada uma moção no sentido de que os arquitectos e as suas escolas deveriam estudar as condições para se colocarem ao serviço das autarquias de menores recursos, particularmente em áreas críticas, como é o caso do património e das urbanizações.

Voltemos, à citada comunicação, em que o património cultural é relacionado com as casas dos emigrantes (ou arquitectura do emigrante? — pergunta-se o autor). O que está errado nas casas que vemos um pouco por todo o País, nas suas cores berrantes, nos seus volumes aparentemente desproporcionados?

O arquitecto Moutinho fez um inquérito junto das populações. No campo e entre as classes trabalhadoras a opinião era favorável quanto àquela arquitectura. «Estas apreendem as casas dos emigrantes como um bem para a colectividade, não esquecendo de fazer um paralelo com a arquitectura tradicional, definida como uma arquitectura da miséria, do desconforto e da insatisfação do direito habitar» — conclui.

Granada "desarmadilhada"
numa escola

A PSP de Lisboa, através da sua Brigada de Minas e Armadilhas, foi ontem convocada para a Direcção-Geral de Turismo, Tribunal da Boa-Hora e Escola Secundária Luís António Verney, onde telefonemas anónimos indicavam a existência de

engenhos explosivos. No entanto, passadas as «convenientes vistorias», nada de anormal foi detectado. Já na Escola Secundária de Carcavelos foi encontrada uma granada de mão defensiva que acabou por ser despoletada.

OGE sem consenso

Continuação da pág. 1

Este ano, João Salgueiro pretende bloquear os aumentos da Função Pública, prevendo contudo a subida dos vencimentos dos militares que está contemplada na verba de 48 milhões de contos a atribuir às Forças Armadas.

O próprio João Salgueiro, ao intervir ontem perante as câmaras da Televisão a propósito do OGE (ver notícia na página de economia) admitiu implicitamente as dificuldades que esta a enfrentar. Salgueiro disse que o OGE apresentará um carácter de salvação nacional em alguns aspectos que estão ainda a ser discutidos.

dos no Conselho de Ministros. E foi aqui que afloraram as divisões no interior do gabinete. Salgueiro disse textualmente: «Quero crer que esse carácter de salvação nacional vai prevalecer».

Outro elemento bastante elucidativo dessas divergências é o facto de, ao contrário do previsto, o plenário do Conselho de Ministros não ter conseguido assentar ontem na forma definitiva do OGE. O comunicado final da reunião limita-se a informar que a análise da proposta de lei do Orçamento e as grandes opções do plano para 1982 prosseguirá hoje, na especialidade.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1981

NO 80º ANIVERSÁRIO DO FUNDADOR DA ÓPERA CÓMICA DE BERLIM

O TEATRO MUSICAL DE WALTER FELSENSTEIN (1901-1975)



Thomas Hartmann (Oberon) e Hannelore Bey (Titania) em «Um novo sonho de uma noite de Verão», de Georg Katzer, com coreografia de Tom Schilling (1981)

«Só será representado o que puder ser representado» -- disse Walter Felsenstein ao receber das mãos do major Dymsthit, responsável pelo pelouro da cultura da Administração Militar soviética, a licença para abertura da Ópera Cómica. Assim nascia, em 1947, o colectivo que iria revolucionar o género músico-teatral e atrair à sua esfera de influência sucessivas gerações de artistas que não se conformavam com as concepções e os métodos da rotina vigente (e ainda hoje predominante) na maior parte dos teatros europeus sobretudo adstritos à ópera, opereta e bailado. A designação de «Komische Oper» escolhida por Felsenstein já acentuava a intenção reformadora do seu projecto, tomada como era da «Opéra Comique» francesa, que -- hoje já não é bem assim -- a instituição que se constituiu em oposição à conservadora Grand Opéra. A teoria e práticas consagradas pelo grande encedor na expressão Musiktheater apareciam logo claramente enunciadas no folheto distribuído aos espectadores que, no meio de uma cidade ainda em ruínas, acorreram à estreia de O Morcego de Johann Strauss -- espectáculo inaugural do que vinha a ser o primeiro teatro reconstruído em Berlim depois da guerra. Felsenstein sublinha aí o igual peso de ambas as partes da palavra Musik-Theater;

«Música que não nasce do que se apresenta não tem nada a ver com teatro e uma representação que não se identifique com a música de uma forma precisa e artisticamente válida antes deveria renunciar à música. O processo dramático gera a situação em que a música se torna indispensável e o canto se torna a única forma de expressão possível do actor. O canto como interlúdio ou só como produto sonoro de uma voz é uma degradação do teatro e o acompanhamento instrumental mais ou menos arbitrário de um acontecimento cénico inteiramente autónomo um abuso de música valiosa.»

O projecto de Felsenstein é, pois, o de reintegrar a ópera no domínio

global do teatro, entendido como uma arte criadora e não meramente reprodutiva, na qual a música e o canto sejam utilizados e reconhecidos na sua função dramática. Nesta perspectiva, os problemas estéticos e técnicos da encenação são absolutamente secundários em relação aos do actor, que ocupa a posição central e que «não pode actuar como instrumento, figurino ou intérprete de uma música pré-existente mas como um realizador criativo». Não se trata de cantar por ter uma bela voz e ter aprendido a cantar, mas porque tem de se cantar na situação dramática em que se evoluciona. Há que fazer crer emocionalmente que não se dispõe senão do canto como meio de expressão e substituir o patetismo sonoro pelo «patetismo de espírito»:

«Na cena o canto não é possível sem uma certa dose de patetismo. O que é preciso é substituir o patetismo sonoro por aquilo a que chamo «patético do espírito». O canto é um meio de expressão reforçado em que a tensão é independente do valor dinâmico, ou seja, pode residir no silêncio.»

A distinção entre «cantar bem» e «representar bem» não faz sentido para Felsenstein:

«...Cantar bem significa representar correctamente boa música; e representar bem no palco de ópera significa cantar não só com a voz, mas com todos os meios de expressão de que o homem dispõe. Creio que este é o problema central. A meu ver, o canto no palco de ópera é lícito tão-só na medida em que, não como meio de proporcionar prazer ao público mas como afirmação humana, dá expressão à vontade do compositor»...

A verdadeira fidelidade à partitura

O actor em cena não pode pensar um só momento em si próprio. Só o seu papel e o que este tem para declarar devem preocupá-lo. Por isso, compete ao actor reagir exclusivamente aos outros actores e não

Continua na pág. IV

GEORGES BRASSENS • anarquista de coração

A morte era uma personagem familiar do universo de Georges Brassens. Ela era a «ceifeira» vigilante que levanta *plus haut qu'il n'est décent son suaire*. O poeta escreveu sobre ela algumas das suas mais belas canções:

«Malgré la bise qui mord
La pauvre vieille de somme
S'en va couper du bois mort
Pour chauffer Bonhomme
Qu'elle aime et qui va mourir
De mort naturelle.»

A morte não tinha, em Brassens, o aspecto pomposo que habitualmente se lhe atribui. Muitas vezes ele a descreveu com simplicidade. Até ao fim mostrou-se discreto perante ela. Sabendo-se condenado foi morrer na sua terra natal de Sète. Como um velho leão. Como o pobre Martin da canção *faisant vite, en se cachant et s'y étendre sans rien dire. Pour ne pas déranger les gens*. A morte dos outros perturbava muito Brassens. Ele não se habituava às pessoas *qui avait fichu le camp*. No início dos anos 70 houve tantos mortos no seu mundo pessoal que decidiu ignorar o facto. Resta-nos fazer a

mesma conspiração de silêncio. E continuar o nosso próprio caminho com as personagens in- temporais de Brassens, personagens que se lhe assemelhavam e que, ao lado das pragas tonitruantes, têm um grande pudor e uma viva humanidade.

Georges Brassens nasceu na canção. O pai sabia reconstituir instintivamente uma melodia e ele próprio, aos cinco anos tinha dentro de si a canção francesa de tradição e as canções de profissão. Quando em 1952, após muitas dificuldades, aparece na casa de Patadou e nos Trois-Baudets, os vários aspectos da sua personalidade já estão presentes: o anarquista (*Les braves gens n'aiment pas que l'on suive une autre route qu'eux*), o poeta com uma grande liberdade de linguagem (*Elles leus aurait même coupé les choses. Par bonheur, ils n'en avaient pas*), o terno (*J'me suis fait tout petit devant une poupée*) o homem que mostra a sua solidariedade entre os felizes e os infelizes (*Elle est à toi, cette chanson, toi, l'Auvergnat qui sans façon m'a donné quatre bouts de bois quand dans ma vie il faisait froid*). Fundamentalmente ele será

sempre o mesmo. Apesar das feridas, das fissuras. Mesmo se, com o tempo, ele tomar uma certa distância em relação às suas ideias, às suas convicções.

Durante trinta anos Brassens passeia-se indolentemente, um pouco perdido num século que não é o seu, preferindo um mundo paralelo ao mundo real, encontrando sempre um paliativo para os acontecimentos do planeta e remédios para as angústias pessoais. Procurando constantemente emoções musicais, ouvindo os outros em si próprio, imaginando uma nova linha melódica, criando assim alegrias, uma espécie de festas. Livre, ou melhor, independente no sentido em que ninguém lhe pede contas, em que nem mesmo é obrigado a cantar. Mas não solitário porque precisa dos outros, principalmente dos amigos:

«Des bateaux j'en ai pris beaucoup
Mais le seul qui ait tenu le coup
Qui n'est jamais viré de bord
Mais viré de bord
Naviguait en père pénard
Sur la grand mare des canards
Et s'aplatit les copains d'abord
Les copains d'abord.

Os miseráveis e os proprietários

Primeiro no Olympia, depois no Bobino, onde voltou regularmente nos últimos catorze anos, durante três meses, onde encontra sempre a cadeira vazia, o piano fechado, o copo de água e o contrabaixo Pierre Nicolas. Pierre Brassens lança tranquilamente as suas canções críticas, trágicas ou licenciosas. As palavras justas, coloridas, pacientemente ligadas umas às outras, trazendo consigo emoções autênticas, captando o sorriso de um estranho, o acolhimento dado a *celui qui a mal tourné*, reconstituindo todo um mundo de gente modesta, um camponês gasto pela vida, um triste coveiro, um bom homem e uma *jolie fleur dans une peau de vache*, e também a mulher com quem teve uma hora de felicidade. A voz rouca deslocava-se dificilmente ao longo das oitavas. O poeta sente prazer em promover os piores castigos aos representantes da ordem e a violação ao juiz do *Gorille*, diverte-se a mofar dos miseráveis e dos proprietários, recusa maliciosamente entrar nas *Trompettes de*

la renommée. As canções escritas com palavras perfumadas com um velho calão herdado a um tempo de Paul Léautaud e de François Villon têm por vezes um ar de fábula.



Homem simples e sincero, Brassens escondia, sob o seu ar modesto, melodias fabricadas como por um ourives, de uma precisão e de um rigor invulgaes. Era um dos grandes descendentes da tradição popular francesa. Musicou brilhantemente Villon (*la Ballade des dames du temps jadis*), Hugo (*Gastibelza*), Francis Jammes (*la Prière*), Aragon (*Il n'y a pas d'amour heureux*).

Amador apaixonado da canção, que ouvia quase diariamente com um ecletismo que ia de Charles Trenet a Bourvil, passando por Fred Astaire, Gershwin e Claude François, Georges Brassens também sabia encorajar, ajudar, os jovens a quem confiava a primeira parte dos seus espectáculos. Foi assim que, em meados dos anos 60, Barbara pôde começar verdadeiramente a sua aventura e que em 1972 Maxime Le Forestier iniciou a sua.

Há muito que Brassens já entrara numa espécie de Panteão da canção francesa. Não era contestado por ninguém. Faz parte da memória da França.

Claude Fléouter
Le Monde

Agenda

Sete Ponto Sete

Cinema

O MISTÉRIO DE OBERWALD de Michelangelo Antonioni (Itália-1980)

Antonioni na vanguarda técnica (o vídeo) utiliza o novo material para decompor uma ficção clássica, romântica, trágica. No limiar da morte de um cinema. Nenhuma razão para desespero.

Cinemas City Cine
(14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h)
e Quarteto-sala 3
(14, 16.30, 19 e 21.45 h)
(não acons. men. 13 anos)

VESTIDA PARA MATAR de Brian de Palma (USA-1980)

Um dos grandes filmes do ano, agora numa sala periférica. Se o teitor mora na Portela convém não perder a oportunidade: Brian de Palma trabalha o cinema com a ironia e a eficácia dos mestres.

Cine Portela-Estúdio Anusha
(16.15 e 21.45 h)
(não acons. men. 18 anos)

O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES de Bob Rafelson (USA-1981)

O desejo como acelerador de morte, destruição, chama devoradora no seio do deserto a que chamam paz. Jack Nicholson continua secreto, Jessica Lange revela-se uma atriz fabulosa, a não deixar de seguir atentamente. Bob Rafelson utiliza-a e corrói-a como efêmera star, fugaz cometa num écran que apela e nos resiste.

Cinemas Alfa 3
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e

23.45 h)
e Tivoli
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA de Steven Spielberg (USA-1981)

A grande aventura reencontrada, no estilo devastador dos Lucasfilmes. Um ponto de onde se não volta nem parte. Tudo se consome e consoma nas duas horas de lúdico prazer.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

A ABSOLVIÇÃO de Ulu Grosbard (USA-1981)

Os actores como centro de um filme. Robert de Niro e, sobretudo, Robert Duvall seguram um argumento subtil com a força dos grandes senhores do écran. Grosbard, no aparente eclipse da realização, dá-lhes espaço e tempo para tanto.

Cinema S. Jorge 3
(14, 16.30, 19 e 21.15 h)
(interdito a men. 13 anos)

EXCALIBUR de John Boorman (USA-1980)

Mais decorativo que belo, mais visionário que intenso, *Excalibur* é quase um grande filme mas fica pelo filme *quase*. Não sem uma certa frustração.

Cinemas Monumental
(15.15, 18.15 e 21.30 h)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)



Jack Nicholson e Jessica Lange em «O carteiro toca sempre duas vezes»

CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO de Daniel Duval (França-1979)

A narrativa autobiográfica de Jeanne Cordelier, pelo *trottoir* e pelas casas de passe, abordada com uma certa precaução por Daniel Duval. O melhor do filme ainda são as transgressões a essa narrativa: o personagem do proxeneta (Daniel Duval, também actor) e Maria Schneider, a indesejável prostituta.

Cinema Quarteto-sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

007-MISSÃO ULTRA SECRETA de John Glen (GB-1980)

James Bond reanima-se pelo burlesco. Decididamente é um caminho bem mais interessante que o cinismo sobranceiro dos filmes precedentes da série. O mito recicla-se.

Cinemas ABCine-sala B
(14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 h)
e S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h)
(interdito a men. 13 anos)

O TERRAÇO de Ettore Scola (Itália-1979)

Scola envolto numa espécie de coisa. O seu humor, autocrítico, autocomplacente, funciona apenas pela inércia da máquina do cinema italiano e dos actores, sua peça decisiva.

Cinema ABCine-sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24 h)
(interdito a men. 13 anos)

EU TE AMO de Arnaldo Jabor (Brasil-1980)

Não há nada de mais repelente que querer-se vender cenas de cama, ousadas e usadas, sob confusos mantos de intelectualismo. Os filmes do Olimpia, ao menos, não enganam ninguém: expõem e vendem, sem complexos, sexo a metro para *voyeurs* de segunda.

Cinemas Condes
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
e Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

AS ESTRELAS

O Mistério de Oberwald	★★★★
Vestida Para Matar	★★★★
O Carteiro Toca sempre duas vezes	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
A absolvição	★★★★
Excalibur	★★★
Crónica da mais velha profissão do mundo	★★★
007 — Missão ultra-secreta	★★★
O terraço	★★★
Eu te amo	●

A «CHAVE»

★★★★	— Excepcional
★★★	— Bom
★★	— Interessante
★	— Desinteressante
●	— A evitar

Crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Os anos de Luz” de Alain Tanner

Quando este texto sair a público já *Os anos de luz* não estará em exibição em Lisboa. Estreado numa sessão desusadamente fértil em estreias, sofrendo a concorrência de algumas das *locomotivas* do ano (como *Os aventureiros da arca perdida* ou *Excalibur*), este filme fez uma rápida e ignorada semana no Apolo 70 e o esquecimento parece ser o seu imediato destino.

Se a função da crítica fosse, meramente, a de acompanhar as estreias em cima da hora, escrevendo em tempo útil (isto é, enquanto o filme está em exibição em Lisboa, tempo útil, portanto, para o comércio), o crítico seria apenas uma espécie de publicitário encartado, cuja tarefa não ultrapassaria a de um avaliador em relação aos produtos que a distribuição/exibição lança no mercado. Embora a questão do «tempo útil» não seja de menospre-

zar (sobretudo quando, como é o caso, a crítica se exerce num jornal diário), penso que há filmes que não podem passar em claro, tal a singularidade de que se revestem. Até porque, sabe-se, a crítica não tem influência a nível do público urbano e a futura programação de *Os anos de luz* (em sessões especiais, de cineclubes ou mesmo numa necessária reposição comercial) pode ser afectada pela intervenção que aqui se faz. Não há nada pior para um filme do que ele não ser visto. Tanner (mais que nunca?) não merece tal sorte.

É curioso que os milhares de pessoas que foram ver nascer *Jonas* tenham, agora, abandonado o seu futuro. Apesar de, com toda a probabilidade, involuntário, tal abandono tem a sua precisa correspondência no filme. *Jonas* era o encerrar de um tempo (os filhos de Maio,

do esquerdismo, de Marx e da Coca-Cola, na década da grande desilusão — os anos 70); *Os anos de luz* é tão só um recomeço, num futuro que podia ser um passado ou um presente, mas um início. Tanner filma na Irlanda (onde o campo, o céu, a montanha têm um pulsar de coisa antiga, nunca vista, primeira), os seus personagens quase que emudecem. Recomeço. Tal como um «retiro». *Os anos de luz* forja, no silêncio, a aprendizagem, a iniciação.

Que ensina *Os anos de luz*? Ou, ainda, o que aprende *Jonas*? Pouca coisa, apenas o essencial: tudo o que vale a pena tem a dimensão de um instante de plenitude, transfiguração: todos os mitos, utopias, têm o seu ponto de bloqueio.

Tanner relativiza os sonhos, quase só filma o labor, o trabalho (tanto quanto me lembro é a primeira vez que o trabalho é o centro de um seu filme). Trabalho inútil, no imediato, mero esforço insano de obter um momento de glória interior, o brilho enorme ou o voo das águias. Trabalho que não alcançará os seus objectivos plenos mas que algo deixa, em herança: a certeza de que vale a pena tentar o fogo sagrado, pelo simples prazer de tentar («é preciso imaginar Sísifo alegre», cito, de memória, Camus); os objectos, pequenos companheiros de um quotidiano, que é bom aprender a olhar e a sentir: o espaço da casa, um lugar onde se pode estar, voltar, morrer; duzentos metros de reconhecível território onde se investiu a memória, ternura, esforço, prazer.

À primeira vista, na linha simplista de uma análise ideológica que os anos 70 vieram esfalar, dir-se-ia que *Os anos de luz* faz apelo a muitos dos valores retrógrados de uma sociedade rural, pré-burguesa. Julgo, porém, mais ajustado dizer-

se que o que este filme executa é uma acção de fixação numa *marginem* que não é acrítica, antes é uma *marginem* que se situa sempre depois. Depois dos tempos em que agirmos era mais importante que eu agir, em que pensar-se era mais premente que pensar. Claro que *Os anos de luz* se fixa no indivíduo, não em termos de retorno mas de devir.

A nossa idade é uma terra sem sóis, radicalmente sem paraísos. A meta que parecia próxima, óbvia, definida, emburruhou-se em surpresas e traumas, desilusões. É bom que, hoje, se pense, sobretudo, em princípio, em começo. *Os anos de luz* não tem nenhum farol a propor, qualquer verdade a debater. É apenas um instante em que se gera qualquer outra coisa. O ventre da baleia de onde *Jonas* sairá para prosseguir a nossa viagem de incerto destino, mas já sem mágoa, sem tristeza.

FICHA:

Título original: Light years away.

Realização: Alain Tanner (França-Suíça — 1981).

Argumento: A. Tanner, baseado na novela «La voir sauvage» de Daniel Odier.

Fotografia: Jean-François Robin.

Cenários: John Lucas.

Música: Arie Dzierlatka.

Montagem: Brigitte Sousselier.

Interpretação: Trevor Howard (Yoshka Poliakovoff), Mick Ford (Jonas), Bernice Stagers (Betty), Henri Virlojeux (o advogado), Odile Schmidt (a dançarina), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.

Estreado no Apolo 70 (30/10/81).

Duração: 105 minutos.



Mick Ford e Trevor Howard no filme de Tanner que Lisboa ignorou

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO ÀS 17.30

CONCERTO PELA ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

MAESTRO — MANUEL PERES NEWTON
SOLISTA — JOSÉ OLIVEIRA LOPES

PROGRAMA

TRÊS PEÇAS DE ORQUESTRA DE «A DANAÇÃO DE FAUSTO» BERLIOZ

— MARCHA HÚNGARA
— DANÇA DAS SÍLFIDES
— MINUETO DOS FOGOS FÁTUOS

ROMANCE DE D. FERNANDO/ARMANDO JOSÉ FERNANDES

«MADAMINA, IL CATALOGO», DA ÓPERA «D. JOÃO» MOZART

«DEH VIENI ALLA FINESTRA», DA ÓPERA «D. JOÃO» MOZART

«NON PIÙ ANDRÀ!», DA ÓPERA «AS BODAS DE FÍGARO» MOZART

SINFONIA N.º 5, EM MI BEMOL MAIOR, Op. 82 SIBELIUS



TELLES, ANTÓNIO DA CUNHA
— produtor
— realizador

António Cohen da Cunha Telles nasceu a 26 de Fevereiro de 1935, no Funchal. Frequentou o curso de Medicina na Universidade de Lisboa e, de 1956 a 61, vive em Paris onde frequentou o IDHEC de onde saiu, em 1961, com um diploma em realização. Uma vez regressado a Portugal, dirige o jornal de actualidades «Imagens de Portugal», está à frente dos serviços de cinema da Direcção-Geral do Ensino Primário, orienta cursos na Mocidade Portuguesa. Em 1962 inicia a sua actividade como produtor, estando na base do arranque do «cinema novo» e de quase uma geração de cineastas (António de Macedo, Paulo Rocha, Fernando Lopes, Faria de Almeida), actividade que o levaria à ruína financeira, seis anos depois.

Em 1969 começa uma carreira de realizador. Funda, entretanto, uma distribuidora («Animatógrafo») que seria responsável por uma quase revolução no tipo de cinema visto em Portugal na primeira metade dos anos 70 (Bertolucci, Oshima, Tanner, Eisenstein, Sanjines, Littin, Glauber Rocha, Vigo, Morrissey, Gilles Carle, Karmitz, foram alguns dos realizadores que entraram em contacto com o público português através dessa distribuidora).

No final dos anos 70, empalidecida a actividade do «Animatógrafo» (mercê de conjunturas de mercado radicalmente desfavoráveis), encontramos Cunha Telles em lugares de poder, ao nível do Estado: administração do Instituto Português de Cinema, administração da Tóbis Portuguesa.

Filmografia: 1. Como produtor: **Vacances portuguesas** de Pierre Kast, co-prod. JAD Films-Paris e Clara de Ovar (1962); **Os caminhos do sol** CM de Carlos Vilardebó e Augusto Cabrita (1963); **PXO** CM de Pierre Kast e Jacques Doniol-Valcroze (1962); **Os verdes anos** de Paulo Rocha (1962); **Le pas de trois** de Alain Bornet, co-prod. JAD Films-Paris (1963); **Belarmino** de Fernando Lopes (1963); **O Crime de Aldeia Velha** de Manuel Guimarães, co-prod. Tóbis Portuguesa (1964); **La peau douce** de François Truffaut, co-prod. Films du Carrosse, SEDIF (1964); **Le grain sable** de Pierre Kast, co-prod. George Glass, Franco-London Film-Paris, Eichberg-Munich, Eurointercontinental-Roma (1964); **As ilhas encantadas** de Carlos Vilardebó (1964); **O trigo e o joio** de Manuel Guimarães, co-prod. Artistas e Técnicos Associados, Manuel Guimarães, Tóbis Portuguesa (1965); **Domingo à tarde** de António de Macedo



Belarmino de Fernando Lopes, uma produção de Cunha Telles

(1965); **Catembe** de Faria de Almeida, co-prod. F. Almeida (1965); **Mudar de vida** de Paulo Rocha (1966); inicia **Sete balas para Selma** de António Macedo (1967) que acabaria por ser produzido pela Imperial Filmes; **Alta velocidade** CM de António Macedo (1967); **O Fado** CM de A. Macedo (1968); **Sever do Vouga...** uma experiência MM de Paulo Rocha, para a Shell Portuguesa (1972).

2. Como realizador: **O cerco** (1969); **Meus amigos** (1963); **Continuar a viver** (1975).

Cunha Telles trata-se, sem dúvida, de uma das mais polémicas personalidades do pequeno mundo do cinema em Portugal.

Mas qualquer que seja a nossa opinião

estética ou ética da sua actividade, uma coisa é certa: ela marcou, indelevelmente, a trajetória destes últimos vinte anos de cinema português. Como produtor ele sonhou uma produção contínua, tentou a co-produção, promoveu a divulgação da primeira vaga do «cinema novo» em festivais. Acabaria falido mas com um capital de concretização inestimável. Como realizador relançaria a esperança com **O cerco** e, se as duas restantes longas-metragens que assinou não deixaram rasto, por esse filme inquieto, oportuno, um tanto oportunista, mas vivo, o seu nome merece citação. Como distribuidor a ele se deve um cinema alternativo nos ecrãs portugueses, uma política que os outros, depois, também começaram, paralelamente, a adoptar, mas que teve, no «Animatógrafo» um pioneiro.

PERDIDO POR CEM...
— longa-metragem
— 16 (35) mm/p.b.

Realização, argumento e montagem: António-Pero Vasconcelos. **Fotografia:** João Rocha. **Canção** («Menina e Moça»): Paulo Gil e António-Pedro Vasconcelos (cantada por Paulo de Carvalho). **Som:** Ruy d'Almeida e Mello. **Coordenação sonora e misturas:** Alexandre Gonçalves. **Interpretação:** José Cunha, Marta Leitão, Nuno Martins, Ana Maria Lucas, Rosa Lobato Faria, António Machado, António Rama, Albano Pereira, Carmizé, Nuno Pereira, Carlos Ferreira, Patrícia Vasconcelos, etc. **Produção:** Centro Português de Cinema. **Chefe de produção:** Paulo Gil. **Distribuição em Portugal:** Animatógrafo. **Classificação de censura:** Grupo D-18 anos. **Duração:** 105 minutos. **Rodagem:** 1972. **Estreia:** 9 de Abril de 1973 (Satélite, Lisboa).

Primeira longa-metragem de António-

Pedro Vasconcelos, **Perdido por cem...** é a fusão de um imaginário cinéfilo (de Nick Ray a Godard) com um certo desencanto português.

Narrado na primeira pessoa, confessional e nervoso, inquieto, dolente, triste até ao desespero sufocante e ao fecho em morte, este filme, nem sempre muito hábil, agarra o espectador através dessa funda verdade que lhe nasce dos poros. Mesmo quando o que sobretudo passa é a súbita irrupção de um imaginário estrangeiro (é o caso da sequência final, fatalista como um filme negro, fatal como uma guerra colonial que nos instalava a violência ao pé da porta).

Fernando Lopes disse «que o filme do António é o imenso adeus aos nossos verdes anos» e, nesse trocadilho feliz, resumia o que de mais denso **Perdido por cem...** possui: as ilusões perdidas de um quotidiano, banhadas à luz da mais intensa das memórias cinéfilas.

A.P. Vasconcelos escondia fantasmas e obsessões e era apenas um filme.



DERRAPAGEM
— longa-metragem
— 35 mm/p.b.

Realização: Constantino Esteves. **Argumento:** Júlio de Sousa Martins. **Fotografia:** João Moreira. **Música:** Jorge Machado. **Canções:** Nóbrega e Sousa, João Vasconcelos, Francisco Nicholson, Aníbal Nazaré. **Montagem:** Fernando Santos. **Interpretação:** Tony de Matos, Io Apolloni, Maria Adelina, Julieta Castelo, Anabela, Helena Isabel, Delfina Cruz, Nicolau Breynier, Óscar Acúrcio, Carlos José Teixeira, Rudolf Neves, Lili Neves, etc. **Produção:** Tony de Matos. **Direcção de produção:** Fernando Caldeira. **Distribuição em Portugal:** Talma Filmes. Du-

ração: 119 minutos. **Rodagem:** 1973. **Estreia:** 27 de Fevereiro de 1974.

Cronologicamente, **Derrapagem** é o último filme do nacional-cançonetismo cinematográfico, vaga de películas rodadas em torno de vedetas da cançoneta (iniciada, em 1963, com **O miúdo da Bica** com Fernando Farinha, realização de Constantino Esteves, um «crónico» deste género) e que o 25 de Abril de 1974 iria liquidar em absoluto.

Um honesto mecânico de automóveis que sobe na vida e a sua fútil mulher servem de entrecho a este filme nulo, com canções e boas intenções e uma moral cavernícola como lição.

A reter: A estreia, canhestra, de Io Apolloni, a despedida, enfim, de Tony de Matos, destas coisas do cinema.



«JOANA» em Lisboa

COM

«UMA HISTÓRIA NA PONTA DO NARIZ»

Criação do Grupo Soc. Portuguesa de Autores

Av. Duque de Loulé, 31 — Lisboa Sábados e Domingos às 16 horas

Subs. Sec.

Telefone: 2840711

CINARIMA 81
E FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO
ESPINHO DE 18 A 22/11

O TEATRO MUSICAL DE WALTER FELSE



Continuação da pág. I

ao chefe de orquestra. E preciso que a representação sugira a espontaneidade das reacções das personagens em vez de se limitar ao débito de algo memorizado. O cantor tem de mostrar ao público e a si próprio que as leis musicais (ritmo, métrica, harmonia, tempo, dinâmica) não são prescritas pelo maestro, nem pela partitura mas exigidas pelas situações e pelos sentimentos da pessoa representada. Nisto consiste afinal a verdadeira «fidelidade» à partitura.

«Todas as funções técnicas ligadas à representação cantada, tais como respiração, entoação, estrutura rítmica, não existem à margem da configuração do papel (nem por isso se opõem à espontaneidade da expressão), antes constituem parte integrante dação física emocionalmente condicionada.»

Há cantores e cantores

A primeira tarefa do encenador é informar o actor:

«Conheço as personagens; sei quais são as actividades delas e como elas se comportam quando não estão em cena, nas situações que não foram escritas; sondei-lhes os antecedentes e a vida íntima. Tenho de pôr ao corrente de tudo isso os cantores e os meus colaboradores.»

Depois, nos ensaios com o pianista-repetidor, com a orquestra, novamente com o piano, culminando no ensaio geral, trata-se de dar vida às personagens, de acordo com o princípio de que «tudo o que é visível é música na mesma medida em que tudo o que é audível se transforma em acção». Simplesmente, não é fácil, mesmo à custa de muito trabalho, conseguir a anulação efectiva do dualismo cantor-representação. Para a encenação de Moscovo da *Carmen* em 1969, Felsenstein trabalhou com Ema Sarkissian, durante um mês inteiro, só a «Habanera»... Mas, se a experiência com Sarkissian foi marcada por um mútuo entusiasmo, noutros casos estaria ab initio votada ao fracasso:

«Há cantores mundialmente célebres dentro e fora da Europa que dispõem de uma magnífica matéria-prima assim como de uma técnica vocal altamente desenvolvida; cantores a quem são garantidas lotações esgotadas e

que dispõem da necessária publicidade graças aos «best-seller» das gravações — mas que eu jamais poderia aceitar no sentido de um canto responsável e válido face ao compositor, face ao autor.»

Concepção elaborada em colectivo

Com isto Felsenstein não pretende sobrestimar as funções do encenador, bem pelo contrário, pois é ele mesmo quem afirma que «o exercício profissional da encenação não faz sentido quando se efectua ditatorial ou solisticamente e não num verdadeiro colectivo». Neste colectivo intervêm em plano de igualdade o encenador, o cantor e o maestro. Cabe-lhes edificar em conjunto a concepção do espectáculo:

«Lá se esta concepção vem do encenador ou do maestro ou — como eu desajaria — também do cantor é indiferente; o importante é apenas que uma concepção (e isto nem sempre é levado em atenção mesmo nos melhores exemplos do actual teatro musical — inclusive na «Komische Oper») seja não só aceite como elaborada em conjunto e que até ao momento da realização se torne património comum de todos e por todos seja assumida.»

O problema do ensino

A viabilidade do Musiktheater depende, porém, segundo Felsenstein, de uma coordenação de esforços ainda mais lata. Os problemas começam na fase de aprendizagem do canto, dentro ou fora dos Conservatórios. O ensino tradicional descarta a dramaturgia vocal, ou seja, descarta o que dá fundamento ao canto, abstrai da acção dramática que se contém na situação, na personagem, na obra. A perfeição técnica vocal converte-se num fim em si. A parte que compete a cada um é tomada em separado de tudo o mais. Mas o que se impõe é estimular o jovem estudante à descoberta de todas as relações, inclusive com a componente instrumental; mostrar-lhe a necessidade de estudar e conhecer todo o contexto isto é, partitura; levá-lo a compreender a razão de ser de cada frase musical; ensinar-lhe, enfim, o que é que sig-

nifica «acção» e em que é que consiste, para ele, realizá-la em cena. O desfazimento do ensino faz recair todo este trabalho nos teatros de ópera que passaram a adoptar os métodos de Felsenstein. Daí a exigência de longos períodos de preparação das obras:

«Enquanto os institutos pedagógicos existentes e os professores particulares não levarem um número suficiente de estudantes dotados a unificar os seus meios vocais e cénicos mais sensivelmente do que até agora, enquanto os palcos de ópera não criarem cursos especiais com professores especializados, a qualidade interpretativa actual pouco irá alterar-se em prazo previsível, pois que do tempo máximo disponível para ensaios a maior parte continuará a ser aplicada a ensino elementar e só uma pequena parte a um trabalho criador.»

Qualquer obra é sempre desconhecida

Embora o actor-cantor seja e permaneça a figura central, Felsenstein esclarece que a responsabilidade da direcção artística de uma companhia de verã está nas mãos de um maestro ligado ao teatro ou de um encenador altamente musical. Em ambos e só em ambos reside a força dirigente.

Partindo do pressuposto de que «ambos estão presos à sua casa e à sua companhia e não constantemente em viagem, só há um critério para tornar possível a sua colaboração produtiva: o conhecimento da obra (...). Nenhum deles pode permitir-se julgar que conhece suficientemente a obra e desistir de uma análise conjunta por já a ter dirigido ou encenado. Dado que, numa obra-prima, é impossível conhecer completamente e até ao último pormenor as intenções do compositor, a oportunidade de a conhecer — segundo o grau de maturidade e a experiência do intérprete — é sempre nova e compensadora.»

Referindo-se à sua célebre encenação de *A Flauta Mágica* na Komische Oper em 1954 e à surpresa que para ele próprio então constituiu a obra-prima de Mozart, escreve Felsenstein:

«Descobrimos uma nova peça, uma peça nunca antes executada e que manifestamente só um homem tinha compreendido: o que para ela escrevera a música.

Decidi então nunca mais voltar a acreditar no que se acha nos livros, nunca mais aceitar a ideia que eu próprio de antemão fizesse de uma obra, e começar sempre do princípio, isto é, abordar um texto e uma música como se eles nunca tivessem sido interpretados nem compreendidos. Chamo a isto tomar à letra. E é ainda a música que, antes de mais, é preciso tomar à letra.»

«A Flauta Mágica» e «Carmen»

Pode-se afirmar que *A Flauta Mágica* de Bergman, realizada em 1975, não teria sido possível sem a prévia «démarche» da encenação da Ópera Cómica de Berlim, cuja dramaturgia Gotz Friedrich, discípulo de Felsenstein, analisou em pormenor numa obra publicada na sequência da estreia. Embora o filme de Bergman constitua, por sua vez, uma redescoberta, são numerosos os pontos de contacto com a concepção de Felsenstein. Dizia este, por exemplo, a respeito da Rainha da Noite:

«Em *A Flauta Mágica* tomar a música à letra conduz-nos inevitavelmente a reconhecer a ária da Rainha da Noite como a de uma simuladora: esta mulher não ama a filha; calunia Sarastro; quer

utilizar Tamino como instrumento...»

Outro caso exemplar de redescoberta de uma obra arquiconhecida, deformada pela rotina é o da *Carmen*:

«Li a novela de Merimée e fiquei espantado de encontrar aí uma *Carmen* completamente diferente da da ópera. Depois, soube por acaso que o papel fora criado em Paris por Celestine Galli-Marié, uma actriz célebre, que, pelo seu desempenho — Mignon era uma das suas interpretações mais brilhantes — devia estar muito próxima da imagem que Merimée nos dá da personagem: uma rapariga graciosa, caprichosa, jovem, de inocência selvagem. Mas, de Viena a Milão é sempre o contrato ou a prima-dona quem canta o papel. Como há poucos papéis interessantes para os contratos, a chamada cigareira-vamp constitui uma tentação irresistível. Ora, quando se examina a partitura, verifica-se que o único trecho escrito numa tessitura baixa é a partida de cartas e que é precedido de quatro p e da indicação «quase falado». Assim, Bizet queria precisamente impedir que este trecho fosse cantado...»

Sabe-se que os recitativos (da *Carmen*), tal como são cantados hoje em dia em todas as cenas líricas, só foram introduzidos na ópera depois da morte de Bizet, O que fora proposto a Bizet, era um libreto com texto falado e trechos cantados. Procurei a versão original. Só há uma razão que explica o facto de ela nunca ser tocada; os cantores de ópera não querem ou não podem dizer os diálogos. Para fazer da *Carmen* uma «ópera culinária» era forçoso eliminar os diálogos. Eis o que daí resultou, não só o texto foi falsificado ao ponto de já não se poder falar de drama, como até a própria partitura se transformou ao ponto de se tornar irreconhecível. Quando se dá a *Carmen* sob esta forma, como é o caso no mundo inteiro, a música só erroneamente pode ser executada e cantada. Em 1948 Klemperer e eu não pensávamos noutra coisa senão em representar a *Carmen* como Bizet a compusera. Muita gente ficou chocada. Mas o êxito confirmou que o original podia impor-se. Executámos a *Carmen* mais de cento e sessenta vezes na Komische Oper.»

O cenógrafo

O carácter colectivo, orgânico, do Musiktheater, de Felsenstein exige também a estreita colaboração, desde o início, entre encenador e o cenógrafo.

«Considero falso e mesmo grotesco o método, particularmente caro aos franceses, de encarregar pintores de nomeada dos «décors» de teatro. O mais que pode resultar daí é uma exposição de quadros. O cenógrafo deve ter talento de pintor — primeiro de pintor, creio eu, e só depois de arquitecto — mas deverá consagrar-se totalmente à cena se quiser pôr à prova e dominar as suas leis.»

O parecer do cenógrafo é indispensável a Felsenstein para o arranque de uma encenação:

«Quando era jovem, eu fazia ao contrário: o cenógrafo tinha de seguir as instruções que eu lhe comunicava, relativas a um conjunto cénico preciso. Hoje, depois de tantos anos de experiência, sei que isso é um princípio falso. As bases encontram-se na obra, na partitura, e libertam-se por si próprias à medida que a cenografia se desenvolve. Resultam do processo de elucidação.»

O Coro

A ideia de Musiktheater estende-se, afinal, a todos os vectores da

representação. Também o trabalho com o corpo coral do teatro ganhou com Felsenstein uma nova dimensão. Insurge-se ele contra os produtores teatrais, que, por mero comodismo, descaram a preparação dos membros do coro, sob o pretexto de que seriam menos dotados para representar. Aplicada ao coro, a sua metodologia conduz ao tratamento de cada elemento como individualidade cénica, tão ciente do seu papel como o cantor solista e recebendo para tanto o necessário apoio do encenador desde a fase da discussão da concepção global à fase de ensaios com piano e ao acerto com a orquestra. «Entradas» e «saídas» para o coro, enquanto tal, foi coisa que desapareceu da cena da Ópera Cómica de Berlim.

A dança

Outra componente que Felsenstein não deixava que fosse marginalizada era, evidentemente, a dança. O seu Musiktheater pretendia ser também Tanztheater, transferido para este plano o mesmo grau de exigência em matéria de coerência da linguagem músico-teatral. Nesse sentido apoiou activamente as reformas introduzidas por Palluca no ensino da dança em Dresden e estimulou a produção coreográfica da Komische Oper, cuja direcção foi entregue a Tom Schilling, que ainda há bem pouco tempo fez estreiar mais um notável bailado: o «Novo Sonho de Uma Noite de Verão» sobre partitura original de um compositor já familiarizado com as tradições da casa, Georg Katzer. Ainda figura no cartaz outro êxito do mesmo compositor, saído como aquele de uma estreita ligação ao colectivo da Ópera Cómica: Das

Siegfried Mattus, autor de *O último tiro* (encenada na «Komische Oper» em 1967) e organizador de uma série de concertos comentados no «foyer» do teatro onde se renovam a discussão e reflexão em torno da problemática da música contemporânea dentro e fora da RDA. A propósito, cite-se mais uma vez Felsenstein:

«Os compositores do nosso tempo (...) têm a sua existência material assegurada sem se verem obrigados a colocar-se na dependência de um teatro de ópera. Tal é a origem do erro de pensar, que ao teatro só compete fazer representar o que eles lhe oferecem. Consideram a recusa de uma obra como incompreensão ou desinteresse. Esquecem que é indispensável o contacto com os intérpretes logo desde o começo da obra. Para reagir contra essa tendência, contratámos, por exemplo, Siegfried Mattus para trabalhar na Ópera Cómica a título permanente.»

«A minha única exigência»

A que exigências devem satisfazer o assunto de uma ópera contemporânea? A esta questão, particularmente debatida nas condições sócio-culturais específicas de um país socialista, Felsenstein responde assim:

«O assunto tem de ser musical-vel. Quando alguém diz, por exemplo:

Que querem que eu faça de uma peça política na ópera? — eu tenho de responder: todas as peças são políticas, não há peça alguma que não seja política. (...) Mas eu posso inventar para uma



«O Cavaleiro Barba-Azul» d Offenbach na célebre encenaç

Land Bum-Bum, ópera em que libreto e música se adequaram reciprocamente ao longo do processo de composição e em função da eficácia e da coerência globais de uma concepção partilhada desde o início pelo encenador — neste caso Joachim Herz, aliás sucessor de Felsenstein na direcção da «Komische Oper» (de 1976 a 1980).

Ligar os compositores à companhia

Exemplo de colaboração estreita e continuada a este nível é também

situação, para uma discussão política transcendente, uma acção que aborde esse assunto em termos suficientemente poéticos. Esta é a minha única exigência: a poesia.»

Presença do século XX

As obras deste século encenadas por Felsenstein para a «Komische Oper» foram, por ordem cronológica, as seguintes: Carl Orff, *A esparta* (1948), Arthur Kusterer, *Que quereis* (1949), Richard Strauss, *A mulher silenciosa* (1959), Leos Janacek, *A Raposinha Matreira*

FELSENSTEIN

(1954), Leos Javacek, **A Raposinha Matreira** (1956), Benjamin Britten, **Sonho de uma noite de Verão** (1961), Sergei Prokofiev, **O Amor das três laranjas** (1968), Jerry Bock, **O violino no telhado** (1971) e Zoltan Kodaly, **A aventura de Hary János** (1973). Durante a sua direcção, o século XX foi representado ainda por várias outras produções, nomeadamente a cargo de Joachim Herz, que trabalhou com Felsenstein ao longo de 22 anos: Joseph Haas, **As bodas de 1913** (1953), Richard Mohaupt, **A estalagem de Pinsk** (1956), Benjamin Britten, **Albert Herring** (1957), Giacomo Puccini, **Turandot** (1958), Robert Kurka, **O bravo soldado Schweik** (1960), Hans Werner Henze, **O pequeno Lord** (1968), Leos Janacek, **Katia Kabanow** (1972), Alban Berg **Lulu** (1975).

Quanto a esta última, que seguia naturalmente a versão então existente (sem o terceiro acto), foi retirada do cartaz três anos mais tarde, ao ser anunciada a recuperação da partitura completa por Friedrich Cerha. A nova versão, numa encenação também inteiramente nova, subiu à cena em Janeiro de 1980.

Mencionem-se ainda, entre as obras de autores contemporâneos entretanto representados na Komische Oper, **The Rake's Progress** de Stravinsky, **Ascensão e queda da cidade de Mahagonny** de Brecht/Neil, e mais recentemente, **Peter Grimes**, de Britten.

Duas encenações de Felsenstein permanecem no cartaz com lotações esgotadas desde a sua estreia há respectivamente dezassete e dez anos: **O cavaleiro Barba Azul** de Offenbach, que constitui sem dúvida um dos pontos culminantes do teatro do nosso tempo, e **O violino no telhado**, por sua vez um dos pontos

nada menos do que nos **Mestres Cantores** — o primeiro Wagner representado na Komische Oper (encenação de Kupfer).

Público participativo

O grau de adesão do público — do público que não é o dos «gourmets» dos festivais europeus (para os quais Felsenstein se recusava a encenar) — constitui uma das componentes da filosofia da ópera Cómica. Não se trata de uma adesão entendida em termos de popularidade fácil ou de «demagogia».

Bem pelo contrário: trata-se de abolir, como dizia Felsenstein a parir de invisível que separa o palco e a plateia depois da subida do pano. Trata-se de criar uma relação de representação e contra-representação, isto é, estimular os espectadores a participar e não apenas a «assistir».

O programa de Felsenstein atrai um novo público e suscita uma nova atitude do público.

Seguir Felsenstein

Da lição de Felsenstein têm aproveitado os encenadores das gerações subsequentes.

Referi alguns da RDA, incluindo Götz Friedrich, que se fixou na RFA e parece ter sido agora indigitado para a direcção da Ópera de Berlim Ocidental, sucedendo a Siegfried Palm. Há, evidentemente, muitos outros, espalhados pelos numerosos teatros leste-alemães. Mas a influência de Felsenstein e a praxis da Komische Oper irradiaram para outros países europeus, como a já citada RFA, a França, a Inglaterra ou a Itália e, evidentemente, os países socialistas. Num depoimento de 1976, Giorgio Strehler acentuava «o ponto de referência fundamental» que Felsenstein representou para os encenadores da geração dele (Strehler). E está ainda presente na memória dos telespectadores portugueses a transmissão da **Lulu** da Ópera de Paris, com encenação de Patrice Chéreau e direcção de Boulez, sendo o intendente Rolf Liebermann. Pierre Ponelle, que tem assinado nomeadamente produções de Mozart também transmitidas pela RTP, é outro caso de ascendência felsensteiniana.

O público tradicional da ópera, em Lisboa, teve diversas oportunidades de tomar contacto com experiências estrangeiras que se inscrevem nesta mesma corrente. O exemplo mais antigo será porventura o da companhia inglesa que, por iniciativa da Fundação Gulbenkian, representou **Sonho de uma noite de Verão** e **Gloriana** de Britten no S. Carlos (1964). Seguiram-se as companhias que, já com João de Freitas Branco, trouxeram **A Coroação de Popeia** e **The Turn of the Screw** (inglesa), **Katia Kabanow** (RFA — Frankfurt) **Os diábolos de Loudon** (polaca) e, mais tarde, com João Pais, **Xerxes** e **O Rapto no Serralho** (RDA — Leipzig) estas últimas em encenações de Joachim Herz (exemplos típicos da praxis felsensteiniana).

Simplemente, seguir Felsenstein não é «importá-lo» de fora. É fazer **Musiktheater** a sério entre nós. Com uma estrutura produtiva nossa e com o nosso público. Numa palavra: em português.

Mário Vieira de Carvalho

Notas

As citações inseridas no texto são extraídas de Walter Felsenstein, **Schriften zum Musiktheater**, Henschelverlag Kunst und Gesellschaft, Berlin, 1976. Reünem-se nesta colectânea discursos, notas, entrevistas, declarações, de 1947 a 1975, ano da morte do autor.

Outras fontes para a elaboração deste artigo: **Theater in der DDR**, n.º 8 1976; Walter Felsenstein/Joachim Herz **Musiktheater**, Leipzig, 1976; Dieter Kranz, **Gesprache**, Berlin, 1977; **L'Arc**, n.º 27 — **L'Opera** — Paris, 1966.

Violência e Rádiatelevisão Portuguesa

« — Pela programação da R.T.P. sabemos se vamos ou não ter muito trabalho nos serviços de urgência dos Hospitais Psiquiátricos».

Quem o afirma é o Dr. Luz e Silva, médico psiquiatra do Hospital Júlio de Matos, em entrevista à A. Luís de Sousa sobre a violência na Televisão Portuguesa.

Ao longo de uma hora de conversa sobre o tema, poderá dizer-se que para Luz e Silva — a programação televisiva é um agente de destruição do futuro, pelo incitamento à violência, pelo combate da violência pela violência. Segue-se a entrevista na íntegra.

Pergunta — Qual o papel da R.T.P. no combate à violência?

Resposta — Parece-me perfeitamente nulo na medida em que a programação obedece a parâmetros com outras intenções, parâmetros políticos, sócio-económicos, de classe, que nada têm a ver com o combate à violência no aspecto humano. A R.T.P. apresenta séries estrangeiras variadas em que a violência está na ordem do dia... Chamo violência à concretização duma agressividade que será inata à espécie humana. E essa concretização está patente nas séries transmitidas, mormente as policiais.

Pergunta — Por esta ordem de ideias considera que não estão salvaguardados os princípios elementares de combate ao alastramento da violência social...

Resposta — Não! Pelo contrário, são até lisonjeados. A agressividade é legítima e faz do património genético de todas as espécies animais, portanto do homem. É um meio de defesa que no meio animal funciona como método para aquisição de alimentos. No homem a aquisição da violência penso ser de origem cultural...

Pergunta — Situar aqui, então, a importância da R.T.P.?

Resposta — Sim, porque ela mesma é resultante do fenómeno cultural da espécie humana. Mas no caso concreto português ela é normalmente apologetica da violência, o que no seu significado se antagoniza com a cultura, na verdadeira acepção desta. Não duvido que toda a objectividade da programação actual seja canalizada para fins futuros, para uma agressividade generalizada.

Pergunta — Especificamente, o filme policial...

Resposta — O filme policial habitualmente exibido é estrangeiro, de origem predominantemente anglo-saxónica, que põe a violência como dado primário, quando um filme policial não é nem deve ser a apologia da violência e inclusivamente poderá ser a apologia da inteligência, na resolução de uma problemática determinada, o que no presente não é o caso.

Por vezes não se distingue muito bem o papel do homem — agente da ordem e do homem — delinquente.

Pergunta — Mas a passagem no écran de uma descrição completa de um acto criminoso, da sua elaboração à execução...

Resposta — É grave! É grave, porque habitua o espectador à violência, mormente a criança que é directamente a mais atingida. Estudos americanos feitos sobre a receptividade por parte da criança a filmes deste tipo dizem que ela depende do contexto em que o menor recebe a violência, ou seja, se for previamente informada do que vai ver, elucidada ao pormenor, ela reage indiferentemente a toda a violência que testemunhou. Mas se é informada de que aquilo que vai ver é a realidade e portanto se passou algures então a reacção é de perturbação, de choque. O problema que se nos põe é de como recebe regularmente a criança esta violência. Aí talvez possamos dizer que é no meio termo destes dois casos, o que na prática, não deixa de ser violento na mesma.

Pergunta — Então a criança adquirirá este elemento...

Resposta — Que mais tarde ou não poderá pôr em prática. Há que distinguir duas questões: uma, é que a agressividade é inata ao ser vivo, outra, é que a violência é adquirida ao longo do curso de vida de um ser. Portanto é aqui que os esforços se devem fazer, e não no primeiro caso obviamente. Repare que, por exemplo, no reino animal existem dados que nos mostram que a prevenção contra a violência é inata ao ser vivo. Existem rituais próprios que assim nos levam a pensar. Num combate entre dois lobos, quando um reconhece a sua derrota, põe-se imediatamente de pernas para o ar e entrega as jugulares ao seu opositor. Este, em vez do golpe de misericórdia, afasta-se pura e simplesmente. Isto está provado nesta espécie como em todas as outras. Daí eu dizer que o homem possui este elemento preventivo dada a sua variedade de identidades com o reino animal.

Pergunta — Acha que essa prevenção natural contra a violência existe ainda hoje, nomeadamente em Portugal?

Resposta — Sim, sim! Acho que é até a característica principal do povo português...

Pergunta — Virá daí o facto de sermos conhecidos como um povo de costumes brandos?

Resposta — Há até quem o chame de covarde, mas não concordo de maneira nenhuma. Quer o seu passado, quer o seu presente justificam o contrário. Repare, por exemplo, os 48 anos de fascismo em que um regime violento por si se encontrava dissociado do povo, portanto este não era mola de apoio... Mas a violência existia, evidentemente, embora não idêntica ao que se passou na mesma época numa Itália, numa Bulgária ou numa Alemanha, não porque os governantes a tanto não ambicionassem, mas por esta característica inata em nós de anti-violência. Claro que não é esta a explicação única, bem entendido.

Pergunta — A violência veiculada através da Televisão poderá então ameaçar esta característica do povo português e dar origem a uma nova fase?

Resposta — Creio que fundamentalmente esta característica

é difícil de apagar, o que não quer dizer que não esteja a ser corroída. Mas entre a Televisão e o povo português acho existir um divórcio, é que aquela não tem nada a ver com este e portanto a generalidade do nosso povo não entenderá a mensagem que lhe querem incutir, porque ao écran não corresponde a sua imagem.

Pergunta — Uma vez que a violência, como disse, é na sua maior parte, transmitida através de filmes estrangeiros, acha que utilizando o cinema português, com actores portugueses, o panorama se alteraria?

Resposta — Eu acho que dentro da cinematografia há uma linguagem universal e essa faz parte do cinema mudo e não do sonoro, faz parte de Charlie Chaplin, quem não o entende?

Com as características naturais de um povo é difícil jogar. Além do mais, e duma forma geral, as séries de autores portugueses inspiram-se na mesma fonte, mantendo-se portanto o problema de fundo, sem possibilidades de alterações substanciais.

Pergunta — Voltando ao tema inicial. Dos filmes emitidos, aquando da abordagem policial, ao apresentar-se o meio corrupto, a juventude aparece como elemento preponderante nessa montagem. Quer comentar?

Resposta — É habitual, porque há uns anos para cá a sociedade descobriu que a juventude é um excelente agente comercial. Veja-se sobretudo a identificação juventude/droga, que é feita actualmente porque interesses económicos por de trás, porque existe um marketing próprio, porque é um negócio. É esta abordagem que não se faz nestes filmes. É o não desmascaramento de uma situação grave como esta que é condenável.

Pergunta — Concretamente na sua vida profissional já lidou com casos de pessoas directamente afectadas por este tipo de filmes?

Resposta — Sim, sim. Por um filme de terror emitido num sábado à noite, um jovem teve uma descompensação bastante brusca, entrou em estado de choque incontrolável. Tratava-se de um caso bastante grave. Por problemas próprios, o filme desencadeou-lhe uma série de reacções que o levaram a esta situação. Aliás, nós sabemos normalmente pela programação exibida se vamos ou não ter muito trabalho nos serviços de urgência dos Hospitais Psiquiátricos. Já calculamos se vai ou não ser uma noite até às tantas e quase sempre adivinhámos, aparecem-nos pessoas às duas, três, quatro, cinco horas da madrugada directamente relacionadas com o filme que viram.

Pergunta — Certamente já contactou com delinquentes. Detectou algum elemento de ligação com a violência televisiva?

Resposta — Nós, psiquiatras, somos obrigados a fazer exames, ou seja, relatórios médico-legais sobre indivíduos que estão a aguardar julgamento de crimes variados. Sabemos que a Televisão deu um contributo, não sabemos se foi o programa A, B ou C. Julgamos que actua de maneira indirecta e que será mais um factor a desencadear o crime. Será uma das partículas da sociedade, para além de outras, que podem favorecer o crime.

Pergunta — Há sociedades que parecem estar já habituadas ao crime, exemplo dos Estados Unidos da América, entre outras. Caminharemos em Portugal no mesmo sentido?

Resposta — Penso que o processo já se iniciou, exactamente com a guerra colonial em que a habituação ao crime era já patente. Terá sido neste período que se verificou uma onda crescente de assaltos à mão-armada em plena rua, a casas particulares e a instituições bancárias. De então para cá tem-se assistido a um aumento preocupante.

Pergunta — Há quem afirme que é aos 17-18 anos que o ser humano opta pelo combate à violência, da mesma forma que a pode encerrar de braços abertos. O crime ou a delinquência serão aliciantes nesta idade?

Resposta — Penso que é uma afirmação artificial. Pelo contrário, acho que o ser humano está esboçado dos 5 aos 7 anos, a menos que haja choques brutais. A sua personalidade está formada neste período. O adulto futuro tem aqui o seu esboço, porém não se trata de uma auto-estrada e existem vicissitudes que podem provocar contradições.

Pergunta — A criança do presente, homem de amanhã, está então ameaçada pelas estruturas da actual sociedade?

Resposta — Considero que sim, mesmo seriamente ameaçada.

Pergunta — Portanto poderemos prever um aumento da violência?

Resposta — Exacto, a menos que se faça frente às causas que estão na origem do problema. E neste caso o mais importante é o esforço que há a fazer em não esconder a verdade dos acontecimentos, abolindo a demagogia e utilizando uma honestidade absoluta nos métodos a aplicar para combater a violência. Duvido que, de momento, haja preocupação em fazer isso.

A. Luís de Sousa

Publicidade Sete Ponto Sete



TEATRO DO MUNDO NA ESTUFA FRIA
Hoje e amanhã últimas sessões às 21.15

terramoto no chile

PUB

ADOQUE 6.º MÊS!
TEL. 87 44 76

PAGA AS FAVAS

POR MOTIVO DE APRESSARMOS A ESTREIA DO NOVO ESPECTÁCULO INFANTIL «O TEATRINHO»

AGORA SÓ

SEXTAS 21,30	SÁBADOS 20,30 e 22,45	DOMINGOS 16 e 21,30
-----------------	--------------------------	------------------------

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro

teatro de Cornucopia

NÃO SE PAGA NÃO SE PAGA!
de Dano Fo

9.º MÊS
Últimas Representações
Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

TEATRO DA TRINDADE-INATEL

APRESENTA
Espectáculos integrados no «Ciclo do Teatro do Trabalhador»

HOJE ÀS 21.30 HORAS

MOÇOS E VELHOS

de Rangel de Lima
pelo

Grupo Cénico do CCD da Nacional

Domíngó, 15 de Novembro
às 16 horas

O DIA SEGUINTE

de Luís Francisco Rebelo
pelo

«Esteiros» — Grupo da Sociedade Euterpe Alhandrense

Os sócios do Inatel, dos Ccads., Cpts, Teridade e jovens menores de 18 anos beneficiam de desconto.

COMUNA
teatro de pesquisa

DIARIAMENTE ÀS 21.45 H
DOMÍNGO SÓ ÀS 17 H
2.ª-FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos só até 15 de novembro

SERENA GUERRILHA

fontes rocha
joão mota

SÓ ATÉ DOMÍNGO

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE
OU CEE NO CAFÉ-TEATRO

POUPE COMBUSTÍVEL

Sempre que possível utilize os transportes públicos.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

FILMES OCCIDENTE

Ele não é melhor que a polícia.
Mas faz o que ela não pode!

O EXTERMINADOR

Regressou do Vietnam para fazer justiça por sua conta!

O EXTERMINADOR

THE EXTERMINATOR



VIOLÊNCIA! SUSPENSE!

CHRISTOPHER GEORGE
SAMANTHA EGGAR · ROBERT GINTY

argumento e realização JAMES GLICKENHAUS
fotografia ROBERT BALDWIN · música JOE RENZETTI
produção MARK BUNTZMAN

PANAVISION EASTMANCOLOR

EDEN ESTREIA HOJE ÀS 21.30H **ROMA**

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

DISTRIBUIDORES REUNIDOS



uma epopeia sem paralelo na história do cinema.

LEE MARVIN e ROGER MOORE

ARMADILHA INTERNACIONAL

com BARBARA PARKINS · IAN HOLM · RENE KOLLEHOFF
Realização de PETER HUNT COLORIDO PANAVISION®

3.ª SEMANA VOX e POLITEAMA

Angústia Desespero Solidão

54 45 45 centro SOS voz amiga

uma voz amiga estará contigo

Grupo de Campolide — Academia Almadense Tel.: 2752175

Brevemente «A EXCEPCÃO E A REGRA» de B. Brecht

Enc. de Peter Schreoth e Petere Kleinst

Sub SEC /CMA Gulbenkian

FILME DE QUALIDADE

A EXTRAORDINÁRIA OBRA DE MICHELANGELO ANTONIONI



O MISTÉRIO DE OBERWALD

THE MYSTERY OF OBERWALD

com MONICA VITTI
PAOLO BONACELLI · FRANCO BRANCIAROLI
LUIGI DIBERTI · ELISABETTA POZZI

★
UM MARCO NA HISTÓRIA DO CINEMA

EASTMANCOLOR · Não aconselhável a menores de 13 anos

3.ª SEMANA **quartelo** **City**

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

Alix e a aventura

• «Alix, o Intrépido», de Jacques Martin
• Coleção Alix, n.º 1, Edições 70

Ler as aventuras de Alix, é seguir os passos de uma longa caminhada, sob o sol, de dois rapazes sedentos de vida e amor. É uma saga aventureira e liberta, recheada de imagens e sensações, no âmago de um mundo simultaneamente duro e belo, fascinante e desencorajador, prenhe de terrores e de esperanças loucas.

Através da narrativa elaborada por Jacques Martin, é ao interior do universo do próprio autor que somos conduzidos.

Hergé lia Dumas e Edgar-Pierre Jacobs devorava Wells. Enquanto isso, Martin descobria «Salambô» de Flaubert, «o esplendor das palavras polidas e trabalhadas de novo sem cessar, até brilharem como estrelas» (François Rivière).

Na leitura desta obra, o autor, ainda muito novo, sentiu germinar um vírus curiosamente vivaz, que lhe abre, os olhos, aviva o espírito e desperta nele os sentidos para uma vida total.

«Faltava narrar o que ele sentia, criar...», sintetiza Rivière.

A aventura de Alix, criança solitária e perdida, não é mais do que a primeira etapa da longa marcha do herói, vivida a Oriente, num ambiente vazio e

de luz violenta. Mas já o movimento brutal de um exército em marcha penetra neste silêncio.

«A criança sai brutalmente dos limbos, sugere ainda F. Rivière, sem um olhar para esta infância que adivinhámos dura, inquieta, quase desesperada, tão longe da sua terra natal, que ele procura».

O primeiro companheiro é Toraya, presença amiga no âmago do deserto humano que o rodeia. Só mais tarde, já em plena civilização, o herói se cruza com o personagem que desempenhara no seu destino um papel primordial: Arbacès, ou «a tentação da perversão».

É o arquétipo do felino cruel e demoníaco, helenicamente requintado para melhor seduzir e corromper. «Perfumado e coberto de jóias», exerce tanto fascínio, quanto insufla à narrativa uma vitalidade impressionante.

Em toda a aventura, é ele a figura de primeiro plano. Essa sedução que exerce, associada ao espaço que ocupa, conferem-lhe o primeiro lugar aos olhos do leitor. O seu perfil e comportamento alimentam os sonhos de todos os que apesar de estarem ao lado de Alix, adivinham o que este sente em relação ao seu rival.

Uma singular relação se estabelece entre os dois personagens. A coragem e as qualidades

morais de Alix irritam e decepcionam Arbacès, ao mesmo tempo que produzem nele uma particular sedução.

Antes de se transformar na sombra negra do herói, será o seu salvador de um destino assaz cruel. Encontram-se pela primeira vez em Trebizonda. Toraya está a mais e, assim o decide o grego, terá que sucumbir.

Em Rodas, a situação altera-se. O deus do Sol surge à entrada do porto e o jovem perde-se na contemplação da enorme efígie de bronze. A situação constitui uma espécie de advertência para Alix, perante a vertigem da tentação. Perspicaz, o grego avalia e julga o nosso herói.

O grafismo «ligeiramente crispado» (F. R.) e o laconismo do texto (ainda herdeiro, na sua relação com a imagem, de concepções clássicas) tornam difícil uma aproximação à obra.

Simultaneamente, Jacques Martin instaura uma simetria maniqueísta na narrativa. De um lado, Alix e César lutando pela instauração do direito e da ordem. Do outro, Arbacès, homem de mão a soldo de Pompeu. A luta ganha contornos, com Alix e Toraya contribuindo para a desmontagem da conspiração urdida contra o imperador.

«Mas a neve tudo purifica, absorvendo no seu grande silêncio os rumores perniciosos. A neve



Alix, Toraya e Arbacès: um círculo precário

cobre os Alpes nos confins da Gália, enquanto Alix se separa do seu protector «oficial», Júlio César, remata Rivière.

Na cuidada edição portuguesa de Alix, um só reparo: a solução encontrada de textos em corpos diferentes, prejudica o equilíbrio

gráfico e visual, quando poderia ter-se resolvido o problema por outros meios, como de resto acontece no segundo álbum da série.

Ficamos à espera dos restantes títulos da excelente obra de Jacques Martin, reveladores não

só da evolução formal e temática do autor, mas ainda preciosos auxiliares de estudo e compreensão da história da antiguidade, e magníficos frescos do viver quotidiano dos povos daquela época.

Carlos Pessoa

O gene altruísta

Nascida em 1975 depois da publicação de «Sociobiologia, the New Synthesis» anunciou-se como uma nova e radical ciência. O livro, da autoria do entomologista de Harvard Edward O. Wilson, a que se seguiram em 1978 «On the Human Nature» e este ano, em colaboração com Charles Lumsden, «Genes, Mind e Culture», lançou uma enorme discussão no seio da comunidade científica e fora dela.

Baseando as suas teorias nos primeiros estudos efectuados sobre sociedades de insectos, E. Wilson considera que todo o comportamento social tem por base a biologia e que, por consequência, todo o comportamento social é adaptado, isto é, sujeito a uma selecção natural. Wilson escreveu que «no sentido darwiniano o organismo não vive para ele mesmo. A sua função primeira não é produzir outros organismos, reproduz os genes e serve de seu suporte temporário. Cada organismo engendrado pela reprodução sexual é um subconjunto único accidental de todos os genes que constituem a espécie. A selecção natural é o processo pelo qual certos genes obtêm para a geração seguinte uma representação superior à doutros genes localizados na mesma posição cromossómica». Esta seria a «moralidade do gene», segundo o mesmo autor. A sociobiologia não pode ser considerada uma teoria nova, porque ao reunir contribuições da etologia, da genética, da ecologia, entre outras, apenas fez uma coisa: elaborou um quadro geral da evolução com evidentes ressonâncias que se colhem, principalmente no chamado «darwinismo social». Do princípio estudado, a evolução dos comportamentos, tira Wilson o fundo da sua

tese: trata-se de explicar por princípios biológicos todas as formas de comportamento social, todas a estruturação social, tanto das sociedades humanas como animais. Tudo obedece à lei da selecção natural reafirmam os sociobiólogos e, então porque não considerar que os genes também estão sujeitos a esta lei?

Richard Dawkins afirma: «Nós somos máquinas destinadas a assegurar a sobrevivência dos genes, robots cegamente programados para transportar e preservar as moléculas egoístas chamadas genes». Ou altruístas, como diz Wilson. Esse altruísmo «parental» justifica-se desta maneira. Um qualquer indivíduo pode aceitar sacrificar-se, se a sua morte assegurar uma melhor sobrevivência dos seus genes. Num cálculo simples, um animal em risco de vida, ou vários, pode aceitar que outro seu irmão se sacrifique pois cada um deles traz metade dos seus genes; portanto, o seu «suicídio» é rentável, se pelo menos dois deles forem salvos. Os genes necessitam de interacção (altruísmo, egoísmo etc.) diz Wilson, e daí se explica que eles induzem os comportamentos antes observados, numa argumentação circular: observa-se o comportamento dos genes, descrevem-se em termos de competição darwiniana, ou seja, para os genes essa é a melhor estratégia possível de sobrevivência.

Como assinalou Pierre Thuillier, «segundo a nova teoria, agora um indivíduo é apenas o «Instrumento» utilizado por pequenos e astutos genes a fim de sobreviverem e se difundirem», e conclui: «No caso concreto da biologia, essa maneira de ver encontra muitas dificuldades. Porque, de facto, a

selecção natural opera nos indivíduos (ou talvez em grupos). Ela não vê os genes; mas apenas o organismo que se desenvolve a partir dos genes (aquilo que se chama fenótipo, por oposição ao genótipo). Aliás, segundo a genética moderna, um gene não funciona de maneira isolada. O mesmo carácter é muitas vezes controlado por vários genes. E inversamente: o mesmo gene pode controlar vários caracteres. Portanto, este darwinismo do gene não é nada evidente».

Os sociobiólogos pensam ao contrário. Afirmam que todo o comportamento tem mesmo uma base genética. Wilson contudo faz reparar que, segundo ele, os genes não controlam o comportamento directamente, mas têm uma influência no desenvolvimento cultural. Explica que «nós sugerimos que existe um mecanismo que leva a evolução pelo seguinte circuito: os genes modificam-se, a cultura muda, os genes mudam de novo e por aí fora».

Para postular melhor esta sua concepção faz apelo à antropologia, outra das ciências implicadas no «dossier» sociobiológico. Diz ele que a tendência humana para evitar o incesto é uma tendência, ou uma predisposição genética reforçada por variados tabus veiculados pela mitologia, religião e rituais de todos os povos, também, pela prática demonstrável de que evitando o incesto se obtém filhos mais saudáveis.

Mas as intenções de Wilson vão mais longe quando se propõe explicar toda a espécie de comportamentos humanos. Partindo dos seus estudos sobre comunidades de abelhas conseguiu uma explicação para o facto de as abelhas, que têm mais genes em comum com as suas irmãs do que com as suas

filhas, tenderem a permanecer estéréis evitando assim uma má propagação de genes menos bons. Daqui até explicar que o medo é um mecanismo construído no interior dos seres humanos, o que ajuda à compreensão de fenómenos como o racismo ou o patriotismo. Diz Wilson que é uma forma de «aprendizagem preparada» pela qual as crianças entre os seis e os dezoito meses fogem de adultos desconhecidos.

Outro exemplo, o medo das cobras. Wilson não recua ao dizer que ao contrário de Freud e das suas análises sobre a ofidiofobia esta não é outra coisa que um mero resultado da interacção dos genes com o meio ambiente, traço comum a todos os primatas.

Mas as consequências do tratamento deste tema, e que pretende ainda estar numa fase primitiva são mais agudas quando, ao tentar produzir um modelo matemático, Wilson alvitra que rápidas alterações genéticas são possíveis e observáveis.

Assim, experiências com pintalhões demonstraram que significativas modificações na percepção da cor podem ser pro-

duzidas em cinco gerações sob rígido controlo genético.

Wilson e o seu assistente Lumsden conjecturam que mudanças significativas nos genes humanos levam, provavelmente entre vinte e trinta gerações. Este número faz alguns arrepios, tanto mais que os seus autores designam esta regra como a dos «mil anos». Os críticos da sociobiologia têm alguma razão para sentirem pele de galinha ao ouvirem esta expressão, pois fazem lembrar os mil anos do reino germânico que os eugenistas nazis anunciavam por entre nuvens de gases de extermínio.

Outra consequência da teoria é a pretendida e insubstituível aptidão dos sociobiólogos para avaliarem da «moral» humana. Criticando as religiões actuais, bem como as ideologias e as próprias ciências, os adeptos, ou «novos moralistas», como são chamados por Thuillier, propõem-se reordenar uma nova humanidade através da planificação genética, manipulando genes a bel-prazer de auses e desconhecidos princípios orientadores. A engenharia do comportamento, também não é uma panaceia recente. Inclusive, autorizados psicólogos

behaviuristas, desenvolveram tais teses desde há anos, sendo o exemplo «literário» dessa utopia sido escrito pelo teórico behavurista B. Skinner sob o nome evocativo de «Walden II», uma utopia positiva e geneticamente controlada. Destas propostas à prática do eugenismo não dista mais que a distância de um cabelo. Numa carta dirigida em Fevereiro deste ano ao semanário norte-americano «Time», Wilson defende-se dos qualificativos que as suas ideias suscitaram tanto dentro como fora da comunidade científica. Não concorda que o seu recente livro «possa de alguma maneira justificar o eugenismo e o racismo».

Sugerir formas de comportamento humano tão desagradáveis como o racismo como tendo uma parcial base genética não é apoiá-los. Pelo contrário.

Pela análise da base biológica destas condutas, nós podemos prover melhores procedimentos para evitar comportamentos destrutivos, da mesma maneira que podemos circunscrever as diabetes e deficiências enzimáticas hereditárias».

José Manuel Moreira

O teatro
treme
na Estufa
Fria

«TERRAMOTO NO CHILE», novela de Kleist adapt. por Michel Mathieu e José Mário Branco. Encenação: Michel Mathieu. Cenografia: Roberto Moscoso. Música: José Mário Branco. Interpretação: António Branco, Conceição Costa, Cabral, Cucha Carvalheiro, Fernanda Neves, Gabriela Morais, Jean-Pierre Tailhade, José Mário Branco, Manuela de Freitas e Teo de Carvalho. Teatro do Mundo. Estufa Fria. Estreia: 4-11-1981.

Várias coisas se podem pensar deste espectáculo, palavras

várias se podem utilizar para o classificar. Pretensioso? Formalista? Hermético? Segundo os gostos da estranha? Alienatório? Se se quiser, por que não? Com tudo isso, ninguém pode ficar-lhe indiferente. Melhor: o espectador português que o veja não voltará a ser o mesmo. É, com efeito, na paisagem quase sem sobressaltos do nosso espectáculo, um pequeno terramoto capaz de abalar muitos alicerces. Não se quer dizer com isto que se trate de obra perfeita e perfeitamente original. O espectáculo reflecte necessariamente

Continua na pág. VIII

Teatro

Sete Ponto Sete

O teatro treme na Estufa Fria

Continuação da pág. VII

fraquezas (a falta de saúde) de que o nosso teatro enferma. Pode dizer-se que o grupo não tem «estileta» nem estruturas para o cometimento. E depois como ser original num mundo em que as ideias e as imagens passam tão céleres que sofremos, por osmose, influências de que quase não nos apercebemos. Há um tom Bob Wilson (um Bob Wilson sem o ritmo musical que marca os espectáculos do artista norte-americano), há, aqui ou ali, a lembrança de espectáculos vistos algures, na RFA, em França (um Mesguich?). Sim, assim me pareceu. Não tem importância, não tem grande importância. O que no espectáculo me pareceu menos certo foi o não questionamento das propostas ideológicas do Kleist ou, pior do que isso, um certo sublinhar do que nessas propostas há de ideologicamente perigoso, inaceitável.

A sala da Estufa Fria surge completamente transformada. Há vários espaços de representação. Um espaço principal que fica de frente para o público, e «passarelas» que o cruzam e ladeiam; uma espécie de púlpito com cerca de cinco metros de alto; um outro espaço frente ao palco principal, e portanto nas costas do público, com uma montanha escarpada sobre a qual há um painel pintado com um céu azul e nuvens claras. Uma das paredes laterais aparece coberta por um painel com um imenso desenho representando uma paisagem com figuras humanas. Uma cortina de gaze fina separa do público o palco principal, no qual há uma pequena casa com três janelas; um praticável com duas partes ligadas por escadas, a parte de baixo com uma abertura em forma de ogiva, baixa. Há ainda uma mesa e cadeiras de ferro (esplanada de café, imagina-se); e quando o espectáculo começa um pequeno banco madeira e alguns de sapatos de tamanhos diversos, em fila.

O espectáculo divide-se em várias partes, prolongando-se por cerca de duas horas e meia. A primeira parte mostra através de cenas, de fragmentos, «flash» do quotidiano de várias personagens que simbolizam a sociedade de Santiago do Chile. As cenas são dadas através da iluminação e transformação das personagens e decorrem em pontos diversificados do palco. Alguns exemplos: um homem experimenta sapatos numa mulher (cena erótica), sendo que essa mulher, ou outra, será assassinada com um sapato com que a sufocam; uma mulher lê para um homem (cena erótica); das janelas da pequena casa,

três mulheres pintam-se; ao centro, surge um grupo em que sobressai uma figura da Igreja (o arcebispo) e uma personagem de negro com o rosto coberto (será o carrasco); na mesa, senta-se um velho homem que passa esse momento a apanhar moscas que mata; passam, como que numa lenta processão, os velhos e imponentes senhores da cidade (os fatos sinalizam o tempo, o estatuto social, o espaço geográfico); uma outra procissão, esta de freiras que passam com velas acesas, cantando; junto do praticável há uma cena entre um velho e uma jovem: lutam, a jovem grita, sem ruído. É obrigada a passar pela abertura em ogiva. Estas cenas que se sucedem rapidamente são pontuadas, com regularidade, pela imagem de um jovem, de tronco nu, que salta à corda, para cá da cortina, junto de um alto poste pintado de vermelho (que representa o patíbulo). Outras cenas: o arcebispo é visitado por um casal de velhos senhores que lhe levam um presente junto do arcebispo está a figura vestida de negro; obrigam a jovem a vestir o hábito de freira; na parte inferior do praticável, surgem freiras ajoelhadas, rezando; a jovem resiste a rezar e a ajoelhar; na parte superior do praticável cena de amor entre o jovem da corda (Jerónimo) e a jovem freira (Josefa).

As cenas repetem-se mas com diferenças de pormenor que exprimem magistralmente a passagem do tempo e da história. Por exemplo: voltamos a ver a jovem a entrar no «convento», contra a vontade, mas desta vez está sozinha; voltamos a ver o velho senhor na mesa do café mas desta vez experimenta o gosto das moscas (há aí uma outra cena que sinaliza um adultério); voltamos a ver a procissão das freiras que cantam, mas desta vez a jovem desmaia, um padre descobre que está grávida; Jerónimo, a certa altura, passa a saltar à corda ao contrário.

Estas cenas são dadas, sem palavras e sem música, e esse silêncio é impressionante; de vez em quando ouve-se um ruído estranho, metálico, como de um carro arrastando-se penosamente (símbolo do trabalho forçado nas minas?). Quando Josefa é levado à força, há primeiro um silêncio e depois uma confusão generalizada de ruídos. Jerónimo está junto do poste, agora com a corda em forma de força; personagens carnavalescas passam e metem-se com Josefa que é arrastada por uma corda que atravessa o palco e a que ela procura resistir, angustiada (uma das personagens abre um guarda-sol sobre a cabeça de Josefa, caem colheres

de pau). A seguir começa-se a ouvir um ruído surdo, terrível: é o tremor de terra. Como se o mundo acabasse (antes disso, os actores tinham retirado os elementos cénicos do palco). O poste do patíbulo parece cair sobre os espectadores mas fica preso por cordas.

A cortina de gaze abre-se, do fundo avança uma personagem estranha, vestindo casaca e com chapéu de coco (Manuela de Freitas), transporta lentamente um grande tabuleiro com elementos de madeira que simulam maquetas de casas: a personagem sacode o tabuleiro: a construção desfaz-se, sinal do terremoto. Em pormenores como este, o espectáculo atinge o virtuosismo.

Jerónimo nada sofreu. Está livre. Corre para a «passarela» central que se ilumina. Deita-se, tremendo. Depois levanta-se, fala: «Ó Mar, amor, amar». Na sombra do palco, personagens fantasmáticas procuram restos nos escombros. É um mundo enlouquecido e enfurecido em que só duas personagens conservam a lucidez: Jerónimo (António Branco) e Josefa (Fernanda Neves). Passa um cego, mulheres loucas, ladrões e assassinos. Um homem esmaga um bebé. Nas «passarelas» o desfile destas figuras grotescas mantém-se durante algum tempo, desafiado. Jerónimo grita por Josefa. Esta passa com o filho nos braços sem que ele a veja. Os outros continuam loucos. Mulheres nuas, um homem nu lendo calmamente um livro. Um rapaz, um rufia (Manuela de Freitas), com garrafas roubadas, personagem que reaparecerá no final do espectáculo. Dizem a Jerónimo que Josefa morreu. Ele fica desesperado. Josefa tem uma bacia com água. Banha o filho e fala com ele. O ruído da água e da voz atraem Jerónimo que de costas caminha para ela. Tocam-se. Reconhecimento. Amor. O paraíso reencontrado, agora mais verdadeiro. No palco central, corridas as cortinas, surgem desenhos das vagas do mar.

Os loucos voltam, embora agora assumam já uma entidade social. O pão é o sinal da solidariedade. Um só assunto: o terremoto. Ouvem-se breves notas de uma melodia, de um canto (José Mário ao acordeão). O casal dança lentamente, é muito belo.

Há uma família, a de D. Fernando, que seguiu para a montanha. Jerónimo e Josefa pensam ir para Espanha onde ficarão livres. D. Fernando pede a Josefa que dê de mamar ao filho recém-nascido pois a mãe está muito doente. Josefa acede. Há aqui aquilo a que poderemos chamar um apagamento da luta de classes, uma reconciliação de classes, que dificilmente será aceitável mesmo naquelas circunstâncias. O casal resolve permanecer em Santiago e pedir perdão ao vice-rei (há os boatos: o vice-rei morreu... o vice-rei não morreu...).

É então que ressurgue um poder, o fanatismo, e depois um outro, que o canaliza, o da Igreja instituída. Vai celebrar-se missa na Igreja dos Dominicanos, única que escapou incólume, anuncia uma voz. Josefa e Jerónimo hesitam. A família vai à missa, excepto duas mulheres que temem. Os actores sentam-se junto do público. O pregador (Manuela de Freitas) sobe ao púlpito e daí faz a sua homilia de ódio sub-reptício, de fanatismo subtil, de violência subterrânea (num momento a capa forma as

asas de um morcego) — as personagens respondem-lhe em coro: «Quem destruiu Santiago?» «Santiago». Pode recomçar o tempo do ódio, da opressão, do opróbrio. O padre pega num microfone, a sua imagem assume formas eróticas.

Uma voz ergue-se entre os assistentes à missa. Denuncia Jerónimo e Josefa. Querem matá-los. D. Fernando protege-os. Formam-se dois grupos que atravessam o palco por várias vezes. Um deles é constituído pela família de D. Fernando, e por Jerónimo, Josefa e o filho; outra pelo povo (entre eles a personagem de um artesão). É aqui que o espectáculo assume outra vez um tom inaceitável. Porque é o próprio povo, são os trabalhadores que assassinam primeiro Jerónimo, depois uma mulher, e Josefa, por fim o filho de D. Fernando que acaba por matar o chefe do bando. O que na obra de Kleist pode ser entendível, no palco e agora feito, assume um carácter excessivamente forte, provocatório.

D. Fernando é o único que escapa com Filipe, o filho de Josefa e Jerónimo. Surge um painel com o desenho de uma paisagem de formas estranhas. D. Fernando conta que Filipe partiu cavalgando pelas florestas. E fica de bengala estendida, enquanto a luz se apaga lentamente.

Um estudioso da obra de Kleist escreveu a propósito da novela «Terramoto no Chile»: «esta obra-prima de concisão dramática na qual a intensidade vivida se impõe com uma densidade alucinante... Poucas narrativas oferecem o exemplo de uma densidade semelhante. Ultrapassamos aqui, e muito, a mera narração pois esta novela põe em causa Deus, o acaso, o Destino, a liberdade do homem».

De facto, o que neste espectáculo há de espantoso, para além da sua beleza formal, é conseguir iludir-nos, dando-nos a sensação de conter todos os problemas do homem, problemas humanos (o amor, a solidão), problemas políticos (a ditadura profana e religiosa, a libertação), problemas sociais (as relações humanas, as consequências do terramoto, os conflitos das personagens) problemas culturais (a sobrevivência, o sulco da cultura, a permanência de valores para além do instinto), problemas metafísicos (a Natureza, Deus, o destino humano). Sabemos claro que há mais filosofias do que aquelas que o espectáculo contém, sabemos que a visão do Mundo e a sua transformação passam por outros horizontes, por outros caminhos. No entanto, não podemos deixar de reconhecer a energia que o espectáculo emana, como se transmitisse a força telúrica que um tremor de terra implica.

Com as suas carências e os seus excessos, as suas debilidades (os actores, em especial os dois protagonistas, raramente aguentam as personagens, grande parte do texto perde-se), o seu formalismo e o seu hermetismo (não pretendo ter descoberto todos os códigos dos sinais propostos), a sua própria grandeza, incompatível com as possibilidades do grupo, não se pode deixar de reconhecer que o espectáculo atinge uma qualidade de invenção como raramente se tem visto em Portugal. Por isso não posso deixar de lhe tirar, mentalmente, respeitosa e, o chapéu.

Carlos Porto

ESTÓRIAS DE PORTUGAL

O senhor ministro não estava nada bem disposto. Depois de tudo o que fizera, de tudo a que renunciara, de todas as influências que movera, no interior do país tudo eram «Factos» e argumentos contra os factos, mas de palpável de palpável, não se palpava nada. Para ser ministro assim, melhor fora ser director-geral que manda mais e dá nas vistas, menos...

O senhor ministro estava mesmo chateado.

E disse para a mulher:

«— Ministrinha... e se nós esta noite fossemos dar uma voltinha, a um cinema ou um teatro, uma «boite», eu sei lá?... Qualquer coisa para descontraír...»

— Nem penses nisso, ministrinho — retorquiu-lhe a senhora ministra — Sabes que a que horas é que os garotos se levantam para irem para o colégio?... E se eu não me levanto com eles ninguém acorda e faltam às aulas que nem ginjas. Além os bilhetes para o cinema estão caríssimos e para o teatro nem é bom falar!

O senhor ministro fez o beicinho do costume. E a senhora ministra, compreensiva, alvitrou:

«— E se tu fosses até aos bilhares, fazer uma partidinha, como fazem os outros ministros?... Lá por teres perdido ontem às três tabelas...» O senhor ministro não quis.

«— Vais até à leitaria da Eleutério, jogas uma suecada com os secretários de Estado...»

O senhor ministro também não quis...

«— Estava-me a apetecer qualquer coisa de novo, qualquer coisa de exótico...»

«— Só se esta noite quiseres ir a Macau... Desde que prometas que te portas bem e não voltas tarde para casa, eu juro que não te farei nenhuma cena de ciúmes!... — sugeriu a senhora ministra.

«— Macau?... — entusiasmou-se o ministro — ... É capaz de ser boa ideia!

Só tem um problema...

«— Qual é?»

«— Eu preciso de repousar... Passear sem que ninguém me reconheça; E aquilo lá está sempre cheio.»

«— Qual é o problema?... Disfarças-te muito bem disfarçadinho e vai incógnito. Vais ver que assim ainda te divertes mais. Só é pena é que pela farda de marujinho com que te mascaraste quando tinhas seis anos já te esteja tão apertada...»

Beijou-a de olho rebrilhante. Uma senhora ministra como aquela valia todos os sacrifícios que o senhor ministro fizera para ser senhor ministro. E decidiu-se: naquela noite daria uma saltada a Macau e o mais tardar meia-noite, meia-noite e meia hora, estaria de regresso a casa.

Para começar a farra, meteu-se no carro e dirigiu-se para o aeroporto. Pelo caminho foi descobrindo com os seus botões nessa bizarra constante de todas as pessoas que vão para Macau começam primeiro pelo aeroporto. Decididamente, o mundo tem coisas muito curiosas.

Já que estava no aeroporto, com o avião na massa, o senhor ministro pensou, sabe-se lá por quê, coisas do foro íntimo, dar uma voltinha por Londres. E se bem o pensou melhor o fez. Apanhou um «Boeing» da carreira 17 que, por acaso ia a passar naquela altura, mostrou o passe social à hospedeira e lá foi ele em busca da aventura, por esses céus fora.

No caminho resolveu fazer a sua primeira tentativa de passar incógnito. Discretamente, dirigiu-se ao «toilette» onde colocou sobre o rosto uma enorme máscara barba negra que para o efeito já trazia preparada. Pendurou uns óculos escuros no nariz, que para o efeito já tinha preparado, pôs um chapéu de abas largas e vestiu uma gabardina sarabeca... tudo coisas que para o efeito já trazia preparadas... e regressou à cabina.

Mal o viu, incognitadamente preparado, atencioso, o comissário de bordo abordou-o: «— Se o senhor ministro me permite a sugestão, aconselho-o a usar antes as barbas da casa Victor Manuel. Se falar com o senhor Aguiar verá como ele lhe arranja uma coisa que lhe assente muito melhor.» Não achou graça o senhor ministro àquela quebra de anonimato e, porque estavam mesmo, mesmo a chegar a Londres, precipitou-se novamente para os lavabos onde substituiu tudo o que tinha vestido por um fato de noiva do Minho que para o efeito etc...

Apesar de breve, o trânsito do senhor ministro pela capital de Inglaterra acarretou-lhe um novo pequeno dissabor. Foi o caso de estar ele vestido de minhota, muito incógnito, no «free-shop» a comprar água-de-colónia, quando dele se aproximou um guarda da rainha, trajado a rigor, que com voz fininha lhe atirou no mais puro «cambridgiano»:

«— Hello, ó Angel!... Topei-te logo!...»

Era a senhora Thatcher que por ali também andava incógnita.

Depois de várias trocas de «how do you do», de «very well thank you» para cá «very well thank you» para lá, seguiu, finalmente, o senhor ministro a caminho de Macau à conquista de uma noite boa, pacata, discreta. Pelo caminho ainda fez mais três tentativas para se tornar irreconhecível. O insucesso foi total. Mal surgiu vestido de campino, passageiros e tripulantes do avião soltaram, em uníssono, um sonoríssimo «— Ohhh!». Fardado de bombeiro, com machadinho e tudo, já recebeu alguns aplausos, dos mais entusiasmados: mas quando, de lágrimas nos olhos, atravessou o corredor da aeronave vestido de varina da Nazaré o estorço da ovação foi tão grande que o comandante recebeu estar a aproximar-se de qualquer triângulo das Bermudas.

Foi de elmo e viseira que o senhor ministro desceu no Aeroporto de Macau. Mais incógnito que isso... Pois, ainda não tinha posto o pé em terra asiática e já tinha à sua volta uma legião de secretários com convites para «shap-sueys», variados «porcos-doces» seleccionados, iguarias requintadas da cozinha oriental.

Regressou o senhor ministro a casa um pouco mais tarde do que tinha previsto. Dormia já a senhora ministra o sono dos justos.

«— Que horas são, ministrinho?... — indagou entreabrindo os olhos.

«— É tarde... dorme. — sussurrou-lhe o senhor ministro. Mas não se conteve e teve de lhe dizer mais. «— Sabes ministrinha?... Não há nada a fazer: sou mesmo inconfundível!...»

Francisco Nicholson

CENTRO CULTURAL DE ALMADA

Apresenta na

COMUNA

a peça para crianças, premiada pela S.E.C.



TEXTO ENCENAÇÃO DE

SÉRGIO GODINHO

SÁB.ºs E DOM.ºs ÀS 15.30